

“EU E O PAI SOMOS UM”

E O ESPÍRITO SANTO?
NÃO FAZ PARTE DA TRINDADE?

Terceira Edição - 2008

Ricardo Nicotra

IGREJA CRISTÃ BÍBLICA ADVENTISTA
www.igrejacrista.com
eueopai@igrejacrista.com

*Este livro é dedicado a todos os cristãos sinceros
que se empenham voluntariamente na obra do
Senhor e que todos os dias se esforçam para
aprender mais sobre o único Deus verdadeiro e
sobre seu Filho Jesus Cristo.*

Sumário

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO	8
PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO	10
Errata e Material Adicional	11
INTRODUÇÃO	12
O Espírito: Mistério ou Revelação	12
Requisitos Para o Progresso no Conhecimento de Deus ...	14
Conceitos Principais deste Capítulo	14
O ESPÍRITO	15
O Que é “Espírito”?	16
A Definição de “Espírito” no Velho Testamento	16
Ruach – Espírito de Homem	16
Ruach – Espírito de Deus	17
Ruach – Espírito dos Animais	18
Ruach – Traduzido com Vento, Sopro, Hálito e Respiração	18
Outras Traduções de Ruach	19
A Definição de Espírito no Novo Testamento	20
Pneuma Hagios e Pneuma Theos	20
Pneuma – O Espírito do Homem	21
O Pneuma de Cristo	23
Outras Traduções de Pneuma	23
Espírito Santo é Nome Próprio?	23
O Espírito Santo, de Cristo e de Deus	25
Conceitos Principais deste Capítulo	29
O PAI E O FILHO NA BÍBLIA	30
O Pai e o Filho nos Evangelhos	30
O Pai e o Filho nas Mensagens de Paulo	32
O Pai e o Filho no Apocalipse	35
Adoração a Deus e ao Filho	35

Na Frente dos 144 Mil	36
O Pai e o Filho no Trono	37
Conceitos Principais deste Capítulo	38
CONTESTANDO O TRINITARIANISMO	39
“Estes Três São Um” – I João 5:7	40
Batismo em Nome do Espírito Santo? – Mateus 28:19	42
Integridade Bíblica	42
Inconsistência com o Público Alvo	43
Análise Contextual – A Autoridade de Cristo	44
Em Nome de Quem os Discípulos Batizaram?	47
Tudo em Nome de Jesus Cristo	48
A Autenticidade de Mateus 28:19	49
O Original de Mateus 28:19 e a Crítica Textual	51
Outras Versões de Mateus 28:19	54
Versos com Deus, Jesus e o Espírito	56
O Batismo de Jesus	56
A Bênção de II Coríntios 13:13	56
Trindade com Anjos?	57
O Espírito e os seus Atributos e Ações Pessoais	58
Adjetivos Tríplices	63
A Blasfêmia Contra o Espírito Santo	64
Trindade no Velho Testamento?	68
Conceitos Principais deste Capítulo	69
QUEM É O CONSOLADOR?	71
João 14 – O Espírito da Verdade	71
O “Outro” Consolador	74
João 15 – Quem Enviar o Espírito?	76
Que Procede do Pai	77
João 16 – “Convém que Eu Vá”	78
João 16 – “Não Falará de Si Mesmo”	79
I João 1:2 – O Paráclito, Nosso Advogado	82
Conceitos Principais deste Capítulo	83

JESUS CRISTO É DEUS?	84
O Título “Deus” no Sentido Amplo	86
Jesus: Um Semi-Deus?	88
O Deus de Jesus Cristo	89
O Título “Deus” na Bíblia	91
Pluralidade em Elohim	92
Conceitos Principais deste Capítulo	94
A HISTÓRIA DA DOCTRINA DA TRINDADE	95
Paganização do Cristianismo	95
O Concílio de Nicéia	96
Conceitos Principais deste Capítulo	100
A TRINDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS	101
Adoração: A Essência da Religião	101
Conclusão	105
Conceitos Principais deste Capítulo	106
APÊNDICE – PERGUNTAS FREQUENTES	107
“Ruach” Pode Significar “Pessoa”?	107
E Quando Deus Retira Seu Espírito?	107
Os Anjos São Espíritos e São Pessoas?	108
Quem Glorificará a Cristo?	109
Cristo Foi Gerado. Teve Ele um Começo?	111
O Que é Uma Pessoa?	111
Qual o Sentido de “Unigênito”?	113
Qual o Sentido de “Gerado”?	114
O que é a Mente do Espírito?	114
Por que Deus Envia Seu Espírito e Não Morre?	116
Este Assunto Leva à Unidade ou à Divisão?	117
O Que Devo Fazer Agora?	117
Posso Ser Perseguido?	120
Que Igreja Devo Frequentar?	121

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Nasci numa família cristã e desde pequeno frequentei cultos de uma denominação religiosa que professa fé na doutrina da Trindade. Ao longo de minha vida ouvi muitas pregações e estudos bíblicos sobre a Trindade. Cresci ouvindo que Deus é um conjunto de três pessoas e que cada pessoa é Deus e que cada uma é diferente das outras duas pessoas, mas não são três deuses. Cresci ouvindo e aceitando esta “verdade”, mesmo sem conseguir compreender.

Os anos passaram e com a maturidade veio o desejo de investigar se as coisas são realmente da forma como nos ensinaram. Apesar de me considerar uma pessoa de mente aberta devo confessar que foi muito chocante para mim admitir que ao longo de muitos anos eu aprendi, aceitei e ensinei algo incompatível com a Palavra de Deus. Passei por um momento muito difícil ao descobrir que as Escrituras Sagradas não são a fonte da doutrina que ao longo de toda minha vida eu ouvi, aceitei e preguei. Creio que tal descoberta foi e tem sido chocante para outros cristãos honestos. Há mais de cinco anos venho pesquisando este assunto em fontes trinitarianas, não trinitarianas e, principalmente, na Palavra de Deus.

A terceira edição do livro “Eu e o Pai Somos Um” é o resultado desta pesquisa que não para por aqui. Na primeira edição iniciamos com uma tiragem bem modesta. A segunda edição do livro “Eu e o Pai Somos Um” foi publicada logo em seguida e surpreendentemente gerou um interesse acima das expectativas. Os exemplares se esgotaram rapidamente e fomos obrigados a produzir uma segunda e maior tiragem. O fato da versão digital deste livro estar disponível gratuitamente na internet dificulta estimarmos quão abrangente foi a difusão da mensagem contida neste livro.

Este é um livro fácil de compreender. Despertou a atenção de pessoas simples e a reação de alguns doutores e teólogos. Quem lê este livro não fica indiferente: ou fortalece suas posições ou as abandona. Alguma reação é esperada. Após a publicação do livro recebi vários e-mails elogiando o trabalho e outros criticando. Recebi muitas críticas, boa parte das críticas veio de pessoas que não leram o livro. Muitos entenderam perfeitamente a mensagem, outros, apesar do livro ter sido escrito com uma linguagem simples, não conseguiram entender. Talvez esta frase de Upton Sinclair explique a má compreensão por parte de alguns: *“É muito difícil um homem entender algo quando o seu emprego e salário dependem dele não entender.”*

Em 2005 uma resenha crítica a respeito deste livro foi publicada numa revista acadêmica representando a posição de dez doutores, PhDs e professores de teologia de uma universidade administrada por uma organização religiosa trinitariana. As correspondências recebidas de leitores e esta resenha crítica me estimularam a produzir uma terceira edição do livro. Nesta nova edição abordo com mais detalhes aspectos que na edição anterior foram apenas tratados superficialmente. Alguns ajustes e adições foram feitos em função dos comentários, críticas e questionamentos recebidos.

Não posso deixar de agradecer a Deus por ter me dado forças para conciliar meus estudos e ofícios seculares com o trabalho de elaboração deste livro. Também não posso deixar de citar o apoio que tenho recebido dos irmãos da Igreja Cristã Bíblica Adventista (www.igrejacrista.com) que têm me apoiado na produção e distribuição deste livro.

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” - João 17:3.

Ao longo de séculos muitas teorias sobre a divindade têm surgido. Muitos debates têm sido travados e todos afirmam ter base bíblica para defender suas idéias. Uns entendem que a divindade é composta por três Deuses (o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo) que são autônomos mas que agem em cooperação. Outros afirmam que há apenas um Deus que se manifesta de três formas diferentes, mas é o mesmo ser, uma única pessoa. Há ainda quem defenda que há um só Deus composto por três pessoas divinas, coiguais, coeternas, consubstanciais, a Santíssima Trindade. Esta última forma de crença, a mais comum, é adotada pela Igreja Católica e pela maioria das igrejas protestantes. Para eles, Deus não é um ser pessoal, ou seja, Deus não é uma pessoa, mas três pessoas. Não são três deuses, nem uma só pessoa, mas uma entidade coletiva, um Deus Composto, um Deus-Tríplice, ou Deus-Triúno. Complicado? Sim. Na interpretação dos trinitarianos (assim chamamos quem crê na teoria da Santíssima Trindade) este ensino é um mistério! Por que um mistério?

Como tais ensinamentos carecem de uma base mais sólida e contêm contradições internas de difícil conciliação, seus defensores também ensinam que há um grande mistério por trás deste dogma e que ao ser humano não é dado compreender os mistérios de Deus. “A Santíssima Trindade é um Mistério para ser aceito, não para ser compreendido”, foi a voz de muitos sacerdotes ao longo da Idade Média e que continua ressoando no século 21.

Diante de tais interpretações questionáveis, muitos crentes sinceros acabam aceitando a “doutrina do mistério” e acreditando que sua salvação não depende do pleno conhecimento de Deus, já que o mesmo é um mistério não revelado. Cristo afirmou que a vida eterna depende do conhecimento do único Deus verdadeiro e de Jesus Cristo, o enviado de Deus (João 17:3). Apelo a todos os crentes sinceros que se desprendam de idéias pré-concebidas e dogmas arraigados a fim de receber da Palavra de Deus um conhecimento progressivo do Senhor.

“Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor: como a alva a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.” - Oséias 6:3.

O conhecimento progressivo de Deus é possível. Mas para avançarmos, temos que estar dispostos a deixar muitos conceitos já arraigados para trás. Através da leitura deste livro você perceberá que a verdade bíblica é simples e fácil de ser compreendida, não é exclusividade dos acadêmicos da religião e dos doutores em divindade. Até pessoas simples, sem educação formal, podem conhecer esse maravilhoso Deus que não é um Deus misterioso e complicado, mas um Deus simples que tem prazer em revelar-se aos seus filhos mais humildes.

“Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.” - Mateus 11:25.

Oro para que Deus lhe conduza neste estudo, que o espírito humilde de Cristo possa imbuir seu coração e mente a fim de que as maravilhosas e abundantes revelações de Deus fluam da sua Palavra para o seu ser.

O Autor

ERRATA E MATERIAL ADICIONAL

Ao preparar este material busquei evitar erros de qualquer espécie. Mas sabemos que nada é perfeito e certamente alguns erros serão percebidos após a impressão e distribuição do livro. Por isso foi reservado um espaço na Internet onde será publicada a errata desta edição:

www.igrejacrsta.com/eueopai

Através desta página na Internet pretendemos também manter um fórum de discussão onde o leitor poderá expor suas opiniões e dúvidas a respeito do assunto. A divulgação de material adicional e links também farão parte do escopo desta página.

INTRODUÇÃO

Não há conhecimento mais sagrado e mais vital para a salvação do que o conhecimento de Deus. Crescer no conhecimento do seu amor, sua justiça, sua misericórdia, sua natureza é o objetivo de todo crente verdadeiro. Em nossa limitação, jamais seremos capazes de compreendê-lo completamente, pois Ele é infinito. Mas a cada dia devemos buscar mais sobre Ele, prosseguir na busca do conhecimento do Todo-Poderoso Deus.

“Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor: como a alva a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.” - Oséias 6:3.

O ESPÍRITO: MISTÉRIO OU REVELAÇÃO

*“Respondeu-lhes Jesus: Porque **a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus.**” - Mateus 13:11.*

Deus em seu infinito amor e misericórdia, através da Palavra, revelou aos seus servos os mistérios do seu reino. O plano do Deus Todo-Poderoso é revelar-se cada vez mais aos seus filhos amados até que estes cheguem à unidade e ao pleno conhecimento dele e do seu Filho Unigênito, Jesus Cristo. A verdadeira unidade entre os cristãos é consequência do conhecimento de Deus. Só chegaremos à unidade cristã pela qual Cristo orou se avançarmos no conhecimento deste Deus grandioso.

*“Para que os seus corações sejam animados, estando **unidos em amor**, e enriquecidos da plenitude do entendimento **para o pleno conhecimento do mistério de Deus, Cristo.**” - Colossenses 2:2.*

Cada um de nós tem o dever de buscar sorver constantemente desta fonte cristalina para sermos também condutos da Água da Vida, reflexos do Sol da Justiça, despenseiros dos mistérios de Deus.

“Que os homens nos considerem, pois, como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus.” - I Coríntios 4:1.

Que mistério é esse? O apóstolo Paulo responde:

*“**O mistério que esteve oculto** dos séculos, e das gerações; mas **agora foi manifesto aos seus santos**, a quem Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério*

*entre os gentios, que é **Cristo em vós**, a esperança da glória.”*
- Colossenses 1:26 e 27.

“*Cristo em vós*”, este é o mistério que esteve oculto e nos foi revelado. Cristo pode habitar em nós hoje através do seu Espírito. É sobre este “mistério” já revelado que discutiremos neste livro.

Lamentavelmente quando se fala sobre o Espírito de Deus, sua atuação e essência, muitos preferem fechar os ouvidos por considerarem um assunto oculto, um mistério que o homem não deve se atrever a sondar, um tema onde “o silêncio é ouro”. Infelizmente tais pessoas demonstram que não conhecem o Deus de amor, um Deus infinito que se revela ao mais simples e humilde pecador. Nosso Pai é um Deus de revelação, não de mistério. Ele não se revela ao homem de maneira irracional, ilógica e misteriosa, mas de forma lógica de maneira que possa ser compreendido e aceito pela mente humana e, posteriormente, ensinado a outros. Deus é o Criador da matemática e da lógica. Ele nos deu uma mente que pensa de forma lógica e razoável. Jamais poderia exigir que seus filhos mantivessem doutrinas que ferissem os princípios lógicos e matemáticos que Ele mesmo estabeleceu.

O maior problema da doutrina da Trindade não é o fato dela conter um mistério, mas o fato dela conter contradições lógicas cuja resolução é impossível. Há muitos mistérios para os quais não há explicação na Bíblia. O que não podemos fazer é transformar tais mistérios em doutrinas fundamentais.

Os crentes que preferem acreditar numa doutrina fundada sobre um mistério e amparada na falta de lógica são aqueles que infelizmente não buscam o conhecimento por si mesmos, mas se acomodam e preferem aceitar os dogmas impostos pela liderança espiritual. Afinal de contas, há pastores e professores de religião com mestrado e doutorado, *experts* em divindade que são pagos com o dízimo para estudar e nos dizer qual é a verdade. Eles não podem estar errados, podem?

*“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, **conforme a revelação do mistério guardado em silêncio desde os tempos eternos, mas agora manifesto e, por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus, eterno, dado a conhecer a todas as nações para obediência da fé; ao único Deus sábio seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém.**”* - Romanos 16:25-27.

REQUISITOS PARA O PROGRESSO NO CONHECIMENTO DE DEUS

Há requisitos que devemos atender para crescer no conhecimento de Deus. O primeiro requisito é a humildade. O sábio escreveu: *“com os humildes está a sabedoria.”* (Provérbios. 11:2). O humilde é flexível, não se apega a conceitos preestabelecidos, mas como verdadeiro discípulo do Mestre está sempre disposto a aprender e a rever suas opiniões e conceitos.

Outro requisito para o crescimento no conhecimento de Deus é a atuação do Espírito de Deus em nós.

“Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, mas sim o Espírito que provém de Deus, a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus.” - I Coríntios. 2:12.

Jamais poderemos compreender as revelações de Deus senão por seu Espírito. Sem o Espírito, aí sim, o assunto se torna um mistério indecifrável.

A terceira condição para o avanço é a dedicação ao estudo. *“Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração.”* (Jeremias 29:13). Apenas o estudante diligente obterá êxito e progresso no conhecimento de Deus.

CONCEITOS PRINCIPAIS DESTES CAPÍTULOS

1. O conhecimento de Deus revelado em Sua Palavra é essencial para a Salvação.
2. Nosso Deus é um Deus de revelação, não de mistério.
3. Para crescer no conhecimento de Deus é necessário ter o coração aberto para que o Espírito de Deus atue em nós. Além disso é necessário estar disposto a abrir mão dos conceitos pré-estabelecidos e dedicar-se ao estudo da Palavra de Deus em busca da verdade.

O ESPÍRITO

Como é possível conhecer a Deus? O apóstolo Paulo responde:

“Porque qual dos homens sabe as coisas do homem senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.”
- I Coríntios 2:11 e 12.

Este verso deixa claro que assim como o homem tem um espírito que conhece a seu respeito, Deus também tem o seu Espírito e por esta razão só é possível obter o conhecimento pleno de Deus através do Espírito de Deus.

Então, para conhecermos a Deus é importante buscarmos na sua Palavra revelações sobre o Espírito Santo de Deus. A Palavra de Deus, especialmente o Novo Testamento, traz muitas revelações sobre a maravilhosa obra do Espírito Santo e fala um pouco sobre sua natureza. Mas muitos fazem confusão a respeito da essência e natureza do Espírito Santo. Quem é na verdade o Espírito Santo? Alguns dizem que é o poder de Deus, outros pregam que é a terceira pessoa da Trindade, outros ainda argumentam que o Espírito Santo é o anjo Gabriel. Finalmente há aqueles que não têm muita disposição para um estudo mais aprofundado e se acomodam alegando que se trata de um mistério sem importância para a salvação.

Passo a passo, verso a verso, com humildade e simplicidade, sem interpretações que vão além do que está escrito, vamos aprender um pouco mais sobre o Espírito Santo.

Para iniciarmos o estudo sobre o Espírito Santo vamos nos limitar a descrever duas de suas características. A partir destas duas características desenvolveremos nosso estudo. Aqui estão elas:

- O Espírito Santo é Espírito
- O Espírito Santo é Santo

Isso pode parecer um conceito muito básico e óbvio, mas é incrível como muitas pessoas duvidam que o Espírito Santo seja um “espírito” no sentido original da palavra. Vamos buscar compreender o que os autores da Bíblia queriam dizer quando escreviam a palavra “espírito”.

O QUE É “ESPÍRITO”?

Para uma compreensão satisfatória da Bíblia, devemos procurar saber qual era a posição dos autores bíblicos sobre o tema em questão. O que um escritor bíblico, profeta ou apóstolo, tinha em mente quando escrevia a palavra “espírito”? Quando ouvimos a palavra “espírito” nossa interpretação é a mesma do profeta ou apóstolo?

Em nossa cultura, fortemente influenciada pelo catolicismo e espiritismo, sempre que se fala em “espírito” a tendência natural é imaginar uma força desencarnada atuando independentemente do corpo - uma entidade autônoma, invisível, consciente. Este é o conceito popular, pregado por algumas religiões e apresentado em filmes e novelas. Lamentavelmente este conceito já popularizado tem afetado negativamente a compreensão bíblica, pois sempre que se lê a palavra “espírito” o estudante da Bíblia é influenciado pelo conceito popular.

Veremos que para os escritores bíblicos o significado da palavra “espírito” era bem diferente deste conceito popular moderno. Para que crescamos no conhecimento de Deus e do seu Espírito temos que restabelecer o conceito original. Então poderemos ter uma visão clara do que a Bíblia ensina sobre o espírito do homem e sobre o Espírito de Deus.

A DEFINIÇÃO DE “ESPÍRITO” NO VELHO TESTAMENTO

No Velho Testamento, escrito em hebraico, o original da palavra “espírito” é **ruach** (pronuncia-se “ruar”). Originalmente *ruach* significa fôlego, vento, sopro e respiração e se aplica tanto ao espírito dos animais quanto ao espírito dos homens, espíritos malignos e Espírito de Deus. Veja alguns exemplos:

Ruach – Espírito de Homem

*“Na verdade há um **espírito** (ruach) no homem, e o sopro do Todo-Poderoso o faz entendido.” - Jó 32:8.*

*“Nas tuas mãos entrego o meu **espírito** (ruach); tu me remiste, Senhor, Deus da verdade.” - Salmo 31:5.*

*“Sai-lhes o **espírito** (ruach) e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios.” - Salmo 146:4.*

*“E o pó volte à terra, como o era, e o **espírito** (ruach) volte a Deus, que o deu.” - Eclesiastes 12:7.*

*“Fala o Senhor, o que estendeu o céu, fundou a terra e formou o **espírito** (ruach) do homem dentro dele.” - Zacarias 12:1.*

Algumas vezes a palavra *ruach* é traduzida como sopro, hálito ou respiração do ser humano. Confira:

*“Enquanto em mim estiver a minha vida, e o **sopro** (ruach) de Deus nos meus narizes...” - Jó 27:3.*

*“O meu **hálito** (ruach) é intolerável à minha mulher, e pelo mau cheiro sou repugnante aos filhos de minha mãe.” - Jó 19:17.*

*“Se lhes cortas a **respiração** (ruach), eles morrem, e voltam ao seu pó.” - Salmos 104:29.*

Portanto, a intenção do autor bíblico ao escrever a palavra *ruach* não era descrever uma entidade desencarnada autônoma, invisível e consciente conforme muitos crêem, mas descrever o fôlego de vida, o sopro vital cuja fonte é Deus. Para fins de tradução e interpretação bíblica a palavra “*espírito*” significa sopro, hálito, respiração. É este o seu significado no idioma original, o hebraico.

Ruach – Espírito de Deus

O Espírito de Deus também é chamado de *ruach* no Antigo Testamento. Como vimos, a palavra *ruach* significa originalmente sopro, vento, fôlego.

*“Então disse o Senhor: O meu **Espírito** (ruach) não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos.” - Gênesis 6:3.*

*“Disse Faraó aos seus oficiais: Acharíamos, porventura, homem como este, em quem há o **Espírito** (ruach) de Deus?” - Gênesis 41:38.*

Jó costuma comparar o Espírito de Deus com o seu sopro:

*“O **Espírito** (ruach) de Deus me fez; e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida.” - Jó 33:4.*

*“Se Deus pensasse apenas em si mesmo, e para si recolhesse o seu **espírito** (ruach) e o seu sopro, toda a carne juntamente expiraria e o homem voltaria para o pó.” - Jó 34:14 e 15.*

Algumas vezes o *ruach* de Deus não é traduzido como espírito, mas como sopro ou respiração. Veja:

*“Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo **sopro** (ruach) de sua boca o exército deles.” - Salmo 33:6.*

“A sua **respiração** (*ruach*) é como a torrente que transborda e chega até ao pescoço...” - Isaías 30:28.

Estas traduções para *ruach* (sopro e respiração) estão perfeitamente adequadas e de acordo com a definição original de *ruach* no hebraico, pois a definição original de *ruach*, no hebraico, é sopro, fôlego, respiração e vento. Veremos mais exemplos adiante.

Ruach – Espírito dos Animais

É interessante notar que os animais também possuem *ruach*, mas para diferenciar dos seres humanos e de Deus, na maioria das vezes o *ruach* dos animais é traduzido como “fôlego de vida”. Esta forma de traduzir também está de acordo com o sentido original da palavra. Veja estes exemplos:

“Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há **fôlego** (*ruach*) de vida debaixo dos céus: tudo o que há na terra perecerá.” - Gênesis 6:17.

“De toda a carne, em que havia **fôlego** (*ruach*) de vida, entraram de dois em dois para Noé na arca.” - Gênesis 7:15.

“Porque o que sucede aos filhos dos homens, sucede aos animais; o mesmo lhe sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo **fôlego** (*ruach*) de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais...” - Eclesiastes 3:19.

Ruach – Traduzido com Vento, Sopro, Hálito e Respiração

A palavra *ruach* aparece 379 vezes em 348 versos no Velho Testamento e, embora seja traduzida como espírito em vários textos, *ruach* também é traduzida como fôlego de vida, vento, sopro e ar. Note que não há nenhuma interpretação particular nesta direção. Este é realmente o significado original da palavra *ruach*. Veja outras traduções possíveis, sinônimos de espírito:

“... Deus fez soprar um **vento** (*ruach*) sobre a terra e baixaram as águas.” - Gênesis 8:1.

“E eis que tudo era vaidade e correr atrás do **vento** (*ruach*).” - Eclesiastes 1:14 u.p.

“Com o **hálito** de Deus perecem; e com o **assopro** (*ruach*) da sua ira se consomem.” - Jó 4:9.

“Lembra-te de que minha vida é um **sopro** (*ruach*).” - Jó 7:7.

“A tal ponto uma se chega à outra que entre elas não entra nem o **ar** (*ruach*).” - Jó 41:16.

Outras Traduções de Ruach

Em alguns versos a palavra *ruach* é traduzida como mente ou ânimo. Nos próximos dois versos o tradutor entendeu que a palavra *ruach* foi utilizada originalmente num sentido amplo, abrangente, figurado, simbólico e, portanto, não deveria ser traduzida ao pé da letra como espírito, vento ou fôlego:

*"Deu Davi a Salomão, seu filho, a planta do pórtico com as suas casas, ... também a planta de tudo quanto tinha em **mente** (ruach), com referência aos átrios da casa do Senhor."*
- I Crônicas 28:11 e 12.

*"Despertou, pois, o Senhor, contra Jeorão o **ânimo** (ruach) dos filisteus, e dos arábios que estão da banda dos etíopes."*
- II Crônicas 21:16.

O sentido amplo da palavra espírito foi usado por Paulo ao transcrever um texto de Isaías. Este apóstolo reconheceu que o Espírito de Deus é, de modo figurado, sua mente. Comparando a transcrição feita por Paulo com o verso original seremos capazes de verificar qual o conceito que o apóstolo tinha a respeito do Espírito de Deus.

"Espírito" na Interpretação de Paulo

<p style="text-align: center; margin: 0;">Isaías 40:13</p> <p style="margin: 0;">"Quem guiou o <u>Espírito</u> do Senhor ou como o seu conselheiro o guiou?"</p>	<p style="text-align: center; margin: 0;">Romanos 11:34</p> <p style="margin: 0;">"Quem, pois, conheceu a <u>mente</u> do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?"</p>	<p style="text-align: center; margin: 0;">I Coríntios 2:16</p> <p style="margin: 0;">Pois, quem conheceu a <u>mente</u> do Senhor que o possa instruir?"</p>
---	--	---

Paulo transcreve o texto de Isaías chamando o Espírito de mente.

Perceba, nos versos acima, que Paulo chamou de "mente" o que Isaías havia chamado de "Espírito". Este método de comparação de versos é útil para avançarmos em nossa compreensão da palavra "Espírito".

Ao reescrever o texto usando a palavra "mente", Paulo deixa claro qual era sua compreensão a respeito do Espírito do Senhor. Paulo entendia que o Espírito do Senhor era a própria mente do Senhor. Se não fosse esta a interpretação de Paulo, ele jamais teria reescrito o verso de Isaías da forma como fez em duas ocasiões (Romanos 11:34 e I Coríntios 2:16).

De nossa breve análise no Velho Testamento, concluímos que o Espírito de Deus é o *ruach* de Deus, ou seja, o fôlego, sopro ou até mesmo a mente do único Deus Todo-Poderoso e não uma outra pessoa de uma suposta Trindade. Da mesma forma o espírito (*pneuma*) do homem é o fôlego de vida do homem e não uma pessoa diferente.

Porventura o Novo Testamento confirma o mesmo conceito de “espírito” do Velho Testamento?

A DEFINIÇÃO DE ESPÍRITO NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento, escrito originalmente em grego, o termo traduzido como espírito é *pneuma*. Esta palavra grega tem o mesmo significado de *ruach* no hebraico, ou seja, é um sinônimo de espírito, fôlego, vento, sopro, ar. É da palavra *pneuma* que derivam algumas palavras da língua portuguesa tais como pneu, pneumático, pneumonia - todas relacionadas à respiração ou ao ar.

Nos versos a seguir aprenderemos um pouco mais sobre o que os escritores do Novo Testamento queriam transmitir ao escrever “*pneuma* de Deus” ou “*pneuma* Santo”. Será que a intenção dos apóstolos ao escreverem “*pneuma* de Deus” era fazer referência a uma outra pessoa de uma divindade multipessoal? Ou estavam se referindo ao fôlego, sopro de Deus?

Pneuma Hagios e Pneuma Theos

No Novo Testamento a expressão *pneuma hagios* é traduzida como Espírito Santo, *pneuma theos* é traduzida como Espírito de Deus e *pneuma iesous cristos* como Espírito de Jesus Cristo. Vejamos alguns exemplos da utilização da palavra *pneuma*:

“Ele, porém, vos batizará com o **Espírito** (*pneuma*) Santo.” - Marcos 1:8.

“Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o **Espírito** (*pneuma*) de Deus habita em vós?” - I Coríntios 3:16.

“Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no **Espírito** (*pneuma*) do nosso Deus.” - I Coríntios 6:11.

“Então vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tinha sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos que são os sete **espíritos** (*pneuma*) de Deus enviados por toda a terra.” - Apocalipse 5:6.

*“E, havendo dito isto, soprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o **Espírito** (pneuma) Santo.” - João 20:22.*

Este último verso é um dos exemplos mais elucidativos pois mostra que o Espírito Santo é realmente o *pneuma* de Cristo, ou seja, o fôlego, sopro de Cristo. O evangelista deixa claro que o Espírito Santo foi **soprado** por Jesus sobre seus discípulos. Não há dúvidas aqui. O Espírito Santo não é apresentado no Novo Testamento como uma entidade independente, mas como parte integrante de Jesus Cristo e de Deus, o Pai.

*“Porque qual dos homens sabe as coisas do homem senão o seu próprio **espírito** (pneuma) que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o **Espírito** (pneuma) de Deus. Ora, nós não temos recebido o **espírito** (pneuma) do mundo, e, sim, o **Espírito** (pneuma) que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.” - I Coríntios 2:11 e 12.*

*“Pois todos os que são guiados pelo **Espírito** (pneuma) de Deus são filhos de Deus... O próprio **Espírito** (pneuma) testifica com o nosso **espírito** (pneuma) que somos filhos de Deus.” - Romanos 8:14 e 16.*

Perceba que nestes dois últimos versos, a palavra *pneuma* também foi utilizada para designar o espírito do homem.

É importantíssimo ressaltar que se convencionou escrever **E**spírito de Deus com “E” maiúsculo e **e**spírito do homem com “e” minúsculo. Neste livro também adotamos este padrão, mas não foi assim no original. Veremos adiante que não existia esta diferença no grego. Os autores bíblicos não diferenciavam o espírito do homem do Espírito de Deus através de iniciais minúsculas ou maiúsculas.

Pneuma – O Espírito do Homem

Assim como *ruach* no Velho Testamento, a palavra grega *pneuma* também se aplica ao espírito do homem. Vejamos alguns exemplos:

*(Ressurreição da filha de Jairo): “Voltou-lhe o **espírito** (pneuma), e ela imediatamente se levantou, e ele mandou que lhe dessem de comer.” - Lucas 8:55.*

*“O **espírito** (pneuma) está pronto, mas a carne é fraca.” - Marcos 14:38.*

*“Porque trouxeram refrigério ao meu **espírito** (pneuma) e também ao vosso.” - I Coríntios 16:18.*

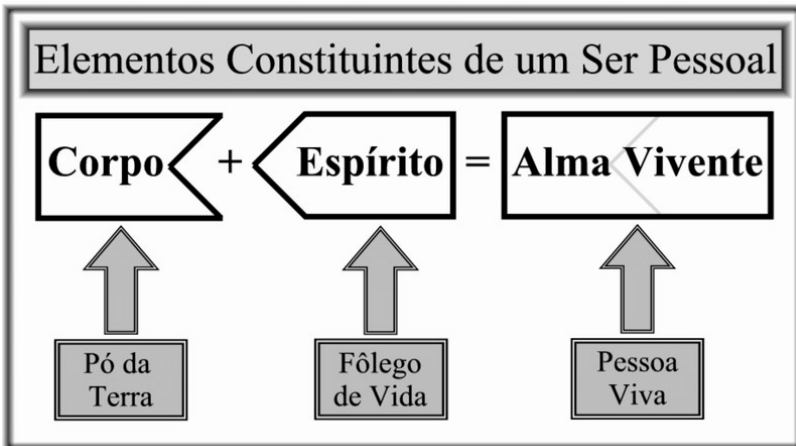
“Porque assim como o corpo sem **espírito** (*pneuma*) é morto, assim também a fé sem obras é morta.” - Tiago 2:26.

“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso **espírito** (*pneuma*), alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” - I Tessalonicenses 5:23.

Neste último verso o apóstolo Paulo cita o espírito, a alma e o corpo. Isto nos faz lembrar dos elementos constituintes do ser humano e automaticamente nos remete ao relato da criação que explica como o homem foi formado:

“Então formou o Senhor Deus o homem do **pó da terra**, e lhe soprou nas narinas o **fôlego de vida**, e o homem passou a ser **alma vivente**.” - Gênesis 2:7.

Podemos entender que o homem é formado de pó (corpo físico) mais espírito (fôlego da vida) resultando numa alma vivente.



Tendo este conceito em mente não é adequado dizer que uma pessoa **tem uma alma**. O mais apropriado seria dizer que ela **é uma alma vivente**, uma pessoa composta por corpo e espírito.

Não podemos nos influenciar pelo conceito popular achando que o homem é uma pessoa e o seu espírito é outra pessoa, uma entidade independente que subsiste fora do seu corpo. O *pneuma* do homem é parte integrante do

seu ser. Da mesma forma o *pneuma* de Deus é parte integrante de Deus, não uma outra pessoa.

O Pneuma de Cristo

*“Então Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu **espírito** (pneuma)!” - Lucas 23:46.*

*“E, porque vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o **Espírito** (pneuma) de seu Filho que clama: Aba, Pai.” - Gálatas 4:6.*

Cristo possuía o mesmo *pneuma* do Pai pois foi ungido por Ele “com Espírito Santo e com poder” (Atos 10:38). O *pneuma* de Deus é compartilhado pelo Pai e pelo Filho e é isto que os fazem um. Posteriormente veremos que todo aquele que recebe o Espírito de Deus torna-se um com o Pai.

Outras Traduções de Pneuma

A palavra *pneuma* aparece 385 vezes no Novo Testamento e na maioria das vezes é traduzida como espírito. Mas assim como *ruach*, há outras traduções possíveis como sopro, fôlego e vento:

*“Ainda quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz **ventos** (pneuma), e a seus ministros, labareda de fogo.” - Hebreus 1:7.*

*“Então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o **sopro** (pneuma) de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda.” - II Tessalonicenses 2:8.*

*“E lhe foi dado comunicar **fôlego** (pneuma) à imagem da besta, para que, não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta.” - Apocalipse 13:15.*

Note que interessante o próximo verso. Nele a palavra *pneuma* aparece duas vezes e é traduzida inicialmente como “vento” e no final do verso como “Espírito”:

*“O **vento** (pneuma) sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do **Espírito** (pneuma)” - João 3:8.*

Espírito Santo é Nome Próprio?

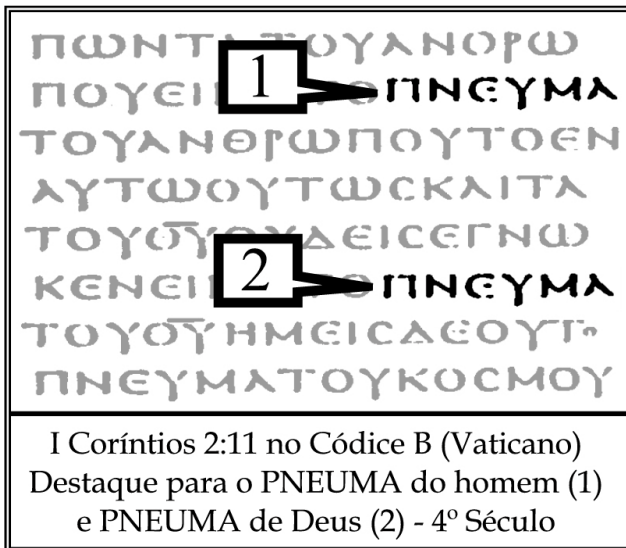
Embora a Bíblia apresente o nome do Pai (Jeová ou Yaweh em hebraico) e o nome do Filho (Jesus ou Yeshua em aramaico), o nome do Espírito Santo não nos é apresentado. Os tradutores da Bíblia, ao traduzirem a palavra

pneuma (espírito), o fazem com letra maiúscula quando se trata do Espírito de Deus, Espírito Santo, Espírito do Senhor ou Espírito de Cristo. No entanto, quando o espírito é de homem ou de qualquer outro ser que não seja Deus, Senhor ou Jesus, os tradutores usam letra minúscula.

É importantíssimo ressaltar que os manuscritos mais antigos do Novo Testamento foram escritos em uncial, um padrão baseado apenas em letras maiúsculas. Portanto não havia distinção entre letras maiúsculas e minúsculas. Isto significa que a palavra “espírito”, no original, era escrita desta forma: “ESPÍRITO”. Não importava se tal espírito era do homem ou de Deus, a palavra “espírito” sempre era escrita com caracteres maiúsculos.

Este padrão de escrita com caracteres apenas maiúsculos continuou sendo utilizado nos pergaminhos até o século XI quando a escrita minúscula começou a ser adotada. Fica claro que escrever “Espírito Santo” com iniciais maiúsculas é uma convenção adotada posteriormente pelos tradutores da Bíblia.

A imagem a seguir mostra uma transcrição do Códice B (Vaticano), um dos mais antigos e importantes manuscritos do Novo Testamento. Elaborado por volta do quarto século, ele foi escrito em grego com caracteres no padrão uncial, ou seja, contendo apenas letras maiúsculas.



O texto transcrito neste excerto é I Coríntios 2:11 que cita a palavra *PNEUMA* duas vezes (em negrito): na indicação número 1 a palavra *PNEUMA* refere-se ao espírito do homem e na indicação 2 ao Espírito de Deus. Em ambos os casos a palavra *PNEUMA* é escrita absolutamente da mesma forma, não havendo, portanto, distinção entre iniciais maiúsculas ou minúsculas. O mesmo texto, quando traduzido para o português, apresenta distinção na maiusculização da letra inicial dos dois espíritos citados. Veja:

“Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, serão o espírito do homem que nele está? assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, serão o Espírito de Deus.”
– I Coríntios 2:11.

O fato de expressões como “Espírito Santo” e “Espírito de Deus” terem sido traduzidas sempre com iniciais maiúsculas pode influenciar o subconsciente de muitos crentes sinceros levando-os a crer que o Espírito Santo é uma pessoa distinta do Pai e do Filho. Esta influência subconsciente é real pois estamos acostumados a escrever nomes próprios, nomes de pessoas, iniciando com letras maiúsculas.

O mais importante aqui é termos consciência de que quando os apóstolos escreviam Espírito Santo não havia esta distinção entre letras maiúsculas e minúsculas. Nós escrevemos Espírito Santo e Espírito de Deus com letras maiúsculas apenas por uma convenção, um padrão na realidade muito questionável, pois tal convenção não existia originalmente.

O ESPÍRITO SANTO, DE CRISTO E DE DEUS

A Palavra de Deus afirma que assim como o homem tem um *pneuma* como parte integrante do seu ser, Deus também tem um *pneuma*. Vejamos novamente o que diz I Coríntios 2:11:

“Porque qual dos homens sabe as coisas do homem serão o seu próprio espírito (pneuma) que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, serão o Espírito (pneuma) de Deus.”
– I Coríntios 2:11.

É sempre conveniente lembrar e repetir que em português o “Espírito” de Deus é escrito com “E” maiúsculo e o “espírito” do homem é escrito com “e” minúsculo. Mas não era assim quando o original grego foi escrito. Acabamos de verificar que tanto o Espírito de Deus quanto o espírito do homem foram escritos absolutamente da mesma forma em grego. Portanto não há porque interpretar que o espírito de Deus **é uma outra pessoa** e o espírito do homem **não é uma outra pessoa**.

Assim como o homem, Deus possui dentro de si um *pneuma* que é um atributo que não pode ser separado dEle. Algumas religiões como o Espiritismo, por exemplo, pregam que é possível o espírito (*pneuma*) existir independentemente ou separadamente do corpo do seu possuidor, mas não é isso que a Palavra de Deus ensina. Um espírito (*pneuma*) sem corpo, com autonomia, existência e personalidade própria (independente do possuidor) é um conceito defendido pelo Espiritismo e pelo Trinitarianismo.

É inquestionável que Deus tenha, assim como o homem, um *pneuma* como parte constituinte do seu ser. Por essa razão, alguns defensores da Trindade interpretam de forma diferenciada o Espírito Santo e o Espírito de Deus. Alegam que o **Espírito de Deus** é um atributo intrínseco do Pai, mas que o **Espírito Santo** é uma outra pessoa - a terceira pessoa da Trindade. Porventura existe esta diferença entre Espírito de Deus e Espírito Santo?

Através de um estudo por comparação de versos é possível descobrir que o Pai e o seu Filho Jesus compartilham o mesmo *pneuma*, qual seja, o Espírito Santo. Veremos adiante que não há diferença entre Espírito de Deus, Espírito de Cristo e Espírito Santo.

*“Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o **Espírito (pneuma) de Deus** habita em vós?” - I Coríntios 3:16.*

*“Acaso não sabeis que vosso corpo é santuário do **Espírito (pneuma) Santo** que está em vós, o qual tendes da parte de Deus.” - I Coríntios 6:19.*

Após análise destes dois versos, concluímos inequivocamente que o Espírito Santo é o próprio Espírito (*pneuma*) de Deus e não uma terceira pessoa. É o próprio *pneuma* de Deus que habita em nós.

Paulo confirma que o Espírito Santo não é uma terceira pessoa, mas é o próprio *pneuma* de Deus, colocando-os (Espírito de Deus e Espírito Santo) como expressões equivalentes novamente:

*“Por isso vos faço compreender que ninguém que fala pelo **Espírito (pneuma) de Deus** afirma: Anátema Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo **Espírito Santo**.” - I Coríntios 12:3.*

Há muitos outros versos que servem como evidência clara de que o Espírito Santo é o próprio *pneuma* de Deus. Vejamos este último par de versos de Paulo aos Efésios sobre o selamento:

*“... tendo nele também crido, fostes **selados** com o **Santo Espírito** da promessa.” - Efésios 1:13.*

*“E não entristeçais o **Espírito de Deus**, no qual fostes **selados** para o dia da redenção.” - Efésios 4:30.*

Biblicamente, temos evidências suficientes para afirmar que

ESPÍRITO SANTO = ESPÍRITO (PNEUMA) DE DEUS

E o que dizer do Espírito de Cristo? É correto afirmar que o Espírito de Cristo e o Espírito de Deus são sinônimos? Vejamos:

*“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o **Espírito (pneuma) de Deus** habita em vós. E se alguém não tem o **Espírito (pneuma) de Cristo**, esse tal não é dele.” - Romanos 8:9.*

Não há como interpretar que Paulo neste verso referiu-se ao Espírito de Deus e ao Espírito de Cristo como duas entidades distintas. Esta declaração de Paulo nos dá condições de afirmar que

ESPÍRITO (PNEUMA) DE CRISTO = ESPÍRITO (PNEUMA) DE DEUS

Deus, o Pai e seu Filho, Jesus Cristo, compartilham o mesmo espírito (*pneuma*), por esta razão o Pai e o Filho são um.

“Eu e o Pai somos um.” - João 10:30.

“Tudo quanto o Pai tem é meu...” - João 16:15.

Jesus Cristo e o seu Pai são duas pessoas distintas, mas são um em espírito. Jamais lemos na Bíblia “eu, o Pai e o Espírito Santo somos um”. Reiteramos: O Pai e o Filho são um porque possuem o mesmo *pneuma* (espírito). Trata-se de uma unidade espiritual. O Espírito de Cristo está no Pai e o Espírito do Pai está no Filho:

“Quem me vê a mim vê o Pai... Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim.” - João 14:9 e 11.

Ora, é impossível aceitar que o Pai está no Filho e o Filho está no Pai de forma física. É claro que Cristo está dizendo que o Pai está espiritualmente no Filho e o Filho está espiritualmente no Pai.

Da mesma forma podemos ser um com Deus e com Cristo se recebermos em nós o Espírito (*pneuma*) de Deus. Isso Jesus deixou bem claro em sua oração intercessória relatada em João 17:

*“A fim de **que todos sejam um**; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também **sejam eles em nós**; para que o mundo creia que tu me enviaste.” - João 17:21.*

O plano de Deus é que sejamos um com Ele e com seu Filho. Não uma única pessoa sob o aspecto físico, mas uma unidade espiritual, ou seja, que tenhamos o mesmo Espírito (*pneuma*) de Deus e de Cristo, mesmo sendo pessoas diferentes.

A unidade entre Pai, Filho e Espírito Santo pregada pelos adeptos do trinitarianismo é uma **unidade exclusiva**. Segundo esta visão apenas estas três pessoas podem fazer parte desta unidade e jamais outra pessoa poderá participar dela. No entanto, a Palavra de Deus nos diz que a unidade espiritual entre o Pai e o Filho é uma **unidade inclusiva**, ou seja, admite que outras pessoas dela participem. Lembre-se sempre de que Jesus orou para que fossemos um com ele e com o Pai. Orou também para que eles fossem “um em nós”. “Um em nós” é a igreja unida entre si, com Deus e com seu Filho formando, desta maneira, uma unidade no Espírito Santo.

O fato do Espírito Santo não ser citado na unidade descrita em João 10:30 é totalmente irrelevante para os trinitarianos. O fato da oração de Cristo demonstrar a possibilidade da participação humana na unidade entre ele, o Filho, e o Pai também é desconsiderado no modelo trinitariano.

A compreensão de Deus sob a perspectiva trinitariana afasta o homem de Deus na medida em que prega uma unidade exclusiva das pessoas que compõem o chamado Deus-Trino. A oração de Cristo mencionada em João 17 mostra que o cristão que recebe o Espírito Santo de Deus participa da mesma unidade espiritual que existiu e existe entre o Pai e Seu Filho Jesus Cristo.

“Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele.” - I Coríntios 6:17.

O Espírito Santo é o próprio Espírito de Cristo e em certas ocasiões o autor bíblico alterna estes dois termos:

*“E percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo **Espírito Santo** de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o **Espírito de Jesus** não o permitiu.” - Atos 16:6 e 7.*

O Espírito de Jesus é o próprio Jesus, presente não em carne, mas em espírito. O Espírito de Jesus não é uma terceira pessoa além de Jesus, mas é o próprio *pneuma* de Cristo.

Não haveria necessidade de apresentarmos mais versos comprovando que Espírito de Deus, Espírito de Cristo e Espírito Santo são utilizados como sinônimos na Bíblia e que se tratam do próprio *pneuma* (fôlego / espírito) de

Deus. Mas como último verso, lembramos o que está escrito em João 20:22:

*“E, havendo [Jesus] dito isto, **soprou** sobre eles, e disse-lhes: Recebei o **Espírito** (pneuma) Santo.” - João 20:22.*

Fica então claro que o Espírito Santo é o próprio espírito (*pneuma*) de Jesus, ou seja, seu fôlego, seu sopro vital e não uma terceira pessoa distinta do Pai e de Cristo.

ESPÍRITO DE CRISTO = ESPÍRITO DE DEUS = ESPÍRITO SANTO

A resposta para a pergunta “Quem é o Espírito?” nunca esteve tão próxima:

*“Ora **o Senhor é o Espírito**; e onde está o Espírito do Senhor aí está a liberdade.” - II Coríntios 3:17.*

Sem dúvidas esta é a melhor resposta para a pergunta “Quem é o Espírito?” Paulo acaba de responder: “O Senhor é o Espírito.”

CONCEITOS PRINCIPAIS DESTES CAPÍTULOS

1. Assim como os homens têm um espírito, Deus também tem Seu Espírito.
2. A palavra traduzida por “espírito” é *ruach* (no hebraico) e *pneuma* (no grego). Ambas significam fôlego, vento, sopro e respiração.
3. Tanto *ruach* quanto *pneuma* são termos usados para fazer referência não apenas ao Espírito de Deus, mas também ao espírito dos homens, fôlego de vida dos animais e espíritos do mal.
4. Quando Paulo transcreve Isaías 40:13 em Romanos 11:34 e I Coríntios 2:16 ele substitui a expressão “Espírito do Senhor” por “mente do Senhor”.
5. O espírito é parte integrante de um ser pessoal e não uma entidade autônoma e independente do seu possuidor.
6. O Novo Testamento foi escrito em caracteres maiúsculos. A diferença entre “espírito” (inicial minúscula) e “Espírito” (inicial maiúscula) é uma convenção adotada pelos tradutores.
7. As expressões “Espírito de Deus”, “Espírito de Cristo”, “Espírito do Senhor” e “Espírito Santo” são equivalentes.
8. A unidade espiritual entre o Pai e Jesus Cristo é de natureza inclusiva. Cristo orou ao Pai para que nós também fizéssemos parte desta unidade espiritual.

O PAI E O FILHO NA BÍBLIA

A Palavra de Deus apresenta duas pessoas que possuem atributos divinos e que, por essa razão, são dignas de louvor e adoração: Deus, o Pai, e o seu Filho Unigênito, Jesus Cristo. Vejamos algumas evidências de que a doutrina da Trindade carece de embasamento bíblico quando afirma que o Espírito Santo é a terceira pessoa de uma entidade coletiva divina.

O PAI E O FILHO NOS EVANGELHOS

*“Tudo me foi entregue por meu Pai. **Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.**” - Mateus 11:27.*

Quando a Palavra de Deus diz “ninguém”, exclui qualquer outra pessoa: seres humanos, anjos ou o próprio inimigo das almas. Aqueles que acreditam no Espírito Santo como uma pessoa distinta terão uma tarefa adicional em conciliar uma contradição entre o texto acima (Mateus 11:27) e I Coríntios 2:11:

“Porque qual dos homens sabe as coisas do homem senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.” - I Coríntios 2:11.

Ora, se Mateus afirma que ninguém conhece o Pai senão o Filho e Paulo diz que há uma outra pessoa (?), o Espírito, que conhece o Pai, então os trinitarianos têm uma contradição para ser resolvida aqui. Para aqueles que crêem que o Espírito de Deus é o próprio Espírito de Cristo, fica mais fácil entender que só o Filho (seu Espírito) conhece o Pai.

Se Mateus acreditasse que Deus fosse uma Trindade, provavelmente ele escreveria desta forma: *“Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai e o Espírito Santo; e ninguém conhece o Pai senão o Filho e o Espírito Santo”*. Mas não é isso que encontramos na Palavra de Deus.

A unidade Pai e Filho é diversas vezes enfatizada de forma clara nos Evangelhos não havendo qualquer menção de uma suposta unidade trinitária formada por Pai, Filho e Espírito Santo. Seguem mais exemplos:

“Eu e o Pai somos um.” - João 10:30.

“A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti.” - João 17:21. p.p.

Não pode haver evidências mais claras de que Cristo é um com o Pai. Veja como ficariam possíveis mudanças dos versos citados anteriormente para sustentar a teoria da Trindade: *“Eu, o Pai e o Espírito Santo somos um.” - João 10:30 **versão adulterada.** “A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, e o Espírito Santo em mim e eu em ti e no Espírito Santo.” - João 17:21. p.p. **versão adulterada.*** Felizmente não é isso que a Bíblia diz.

Vamos repetir um verso importante para a salvação, pois trata da indicação de como receber a vida eterna:

“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” - João 17:3.

Para termos a vida eterna devemos conhecer apenas duas pessoas: o Pai e o seu Filho. Conhecendo a ambos, certamente receberemos o Espírito (*pneuma*) de ambos. Se o Espírito Santo fosse uma terceira pessoa, Jesus oraria assim: *“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, a Jesus Cristo, a quem enviaste e ao Espírito Santo que será enviado após mim”*. Mas não foi esta a oração de Cristo.

A teologia pregada por Cristo refletia o monoteísmo judaico. Em nenhum momento Jesus declarou ou sugeriu que Deus é uma entidade composta por três pessoas, pelo contrário, o monoteísmo judaico refletiu-se em muitas declarações do Mestre:

“Como podeis crer, recebendo glória um dos outros, mas não vos esforçando por obter a glória que vem do único Deus?” – João 5:44.

Se Deus na compreensão de Jesus Cristo fosse uma entidade composta de várias pessoas, por que Cristo diversas vezes usou a expressão “o único Deus” para se referir ao Pai? Por que Cristo, ao falar sobre Deus, nunca se referiu a um grupo de três pessoas divinas? “Deus” para Jesus era apenas um: O Pai.

Quando um jovem rico aproximou-se de Cristo e disse “Bom Mestre”, o Senhor respondeu:

*“Por que me chamas bom? ninguém é bom, senão um que é Deus.”
– Marcos 10:18.*

Quando Cristo referia-se a “Deus”, ele se referia ao Pai, não a um conjunto

de três pessoas divinas. Cristo jamais se incluiu num conjunto de pessoas chamado “Deus”. Cristo sempre foi muito claro e direto em seus ensinamentos com relação a Deus. Não havia mistério. Absolutamente em nenhum momento Cristo afirmou, deu a entender ou sequer sugeriu que Deus fosse um conjunto de três pessoas. Os papéis sempre foram claramente definidos: Deus é o Pai e Jesus é o Messias, o Cristo, o Filho de Deus.

As mensagens de Cristo foram dirigidas às pessoas comuns. Ele usava uma linguagem que todos podiam entender, até mesmo as crianças. Se realmente a doutrina da Trindade fosse um dos fundamentos da igreja cristã, como Cristo pôde privar seus discípulos de uma explicação clara e direta a este respeito? Será que o objetivo de Deus foi deixar que os concílios dos séculos posteriores “descobrissem” e definissem tal doutrina com o intuito de valorizar o papel dos doutos “pais da igreja” na definição dos credos eclesiais e da ortodoxia?

Jesus era judeu e pensava como judeu. É verdade que para os judeus da época ele não era considerado ortodoxo. Ele revolucionou muitos conceitos da religião judaica, mas em nenhum momento se opôs à perspectiva monoteísta mantida pelos judeus, pelo contrário, Cristo reafirmou a grande declaração monoteísta dos judeus (o Shemá):

“O principal de todos os mandamentos é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.” - Marcos 12:29.

O PAI E O FILHO NAS MENSAGENS DE PAULO

O apóstolo Paulo foi um judeu convertido ao cristianismo. Antes de sua conversão Paulo foi um fariseu conservador e perseguidor dos cristãos, uma pessoa de muito conhecimento e zelo para com a religião judaica. Sua conversão fez com que ele abandonasse muitos conceitos do judaísmo. No entanto os seus escritos deixam claro que mesmo aceitando a Jesus como o Messias, Paulo jamais abandonou a forma monoteísta judaica de compreender a Deus.

O Deus do judaísmo para Paulo não era um conjunto de três pessoas, mas apenas uma pessoa. O Deus do cristianismo para Paulo era a mesma pessoa, o Pai. Não houve mudança na forma de entender quem é Deus. Uma mudança de visão neste sentido, ou seja, de entender Deus como sendo uma trindade no lugar de uma pessoa jamais foi apresentada nos escritos de Paulo.

Tal mudança de conceito seria algo chocante para judeus e cristãos e, se

houvesse sido uma realidade, mereceria espaço nos escritos de Paulo. No entanto nada é dito com relação a uma possível mudança de compreensão de Deus, pelo contrário, os escritos de Paulo reafirmam a visão judaica de Deus, ou seja, a crença num Deus único e, por Deus único, entenda uma única pessoa, o Pai. Aqui apresentamos duas declarações monoteístas bem significativas. Leia-as com atenção prestando atenção nos detalhes e faça sua própria análise:

*“Todavia, para nós **há um só Deus, o Pai**, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e **um só Senhor, Jesus Cristo**, pelo qual são todas as coisas, e nós, também por ele.” - I Coríntios 8:6.*

*“Porquanto **há um só Deus e um só Mediador** entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem.” - I Timóteo 2:5.*

Vemos que assim como Cristo (João 5:44; 17:3), Paulo também declara que o único Deus é o Pai e não uma entidade composta por três pessoas. Em seus escritos Paulo diferencia de forma bem clara Deus e Seu Filho Jesus Cristo.

Além desta distinção clara, **todas** as saudações das cartas de Paulo citam **apenas** Deus, o Pai, e o Seu Filho Jesus Cristo. Nunca citam o Espírito Santo. Em geral, citam também o nome das pessoas para quem a carta foi enviada. Vamos conferir as saudações de **todas** as epístolas de Paulo:

Romanos: *“Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus.” - Romanos 1:1.*

I Coríntios: *“Paulo, chamado pela vontade de Deus, para ser apóstolo de Jesus Cristo... Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.” - I Coríntios 1:1 e 3.*

II Coríntios: *“Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus... Graça a vós outros e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.” - II Coríntios 1:1 e 2.*

Gálatas: *“Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos.. Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.” - Gálatas 1:1 e 3.*

Efésios: *“Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos que vivem em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus: Graça a vós*

outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo.” - **Efébios 1:1-3**.

Filipenses: “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos, que vivem em Filipos: Graça e paz a vós outros da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.” - **Filipenses 1:1-2**.

Colossenses: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus, e o irmão Timóteo: Aos santos e fiéis irmãos em Cristo que se encontram em Colossos: Graça e paz a vós outros da parte de Deus nosso Pai. Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós.” - **Colossenses 1:1-3**.

I Tessalonicenses: “Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo: Graça e paz a vós outros.” - **I Tessalonicenses 1:1**.

II Tessalonicenses: “Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo: Graça e paz a vós outros da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.” - **II Tessalonicenses 1:1-2**.

I Timóteo: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pelo mandato de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, nossa esperança, a Timóteo, verdadeiro filho na fé: Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.” - **I Timóteo 1:1-2**.

II Timóteo: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pela vontade de Deus, de conformidade com a promessa da vida que está em Cristo Jesus, ao amado filho Timóteo: Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus nosso Senhor.” - **II Timóteo 1:1-2**.

Tito: “Paulo, servo de Deus, e apóstolo de Jesus Cristo... a Tito, verdadeiro filho, segundo a fé comum: Graça e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus nosso Salvador.” - **Tito 1:1 e 4**.

Filemom: “Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, ao amado Filemom... Graça e paz a vós outros da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.” - **Filemom 1 e 3**.

Por que Paulo, em suas saudações, não se apresenta como servo de Deus

Pai, de Jesus e do Espírito Santo? Por que **não** lemos versos como *“graça e paz a vós outros da parte de Deus nosso Pai, do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo”*? Estaria Paulo ignorando a terceira pessoa da Trindade em todas as suas saudações?

Já estamos e continuaremos comprovando que os apóstolos não tinham uma visão trinitariana de Deus. A visão que Paulo e os apóstolos mantinham a respeito de Deus foi formada através do estudo da Lei e dos profetas de Israel e não a partir do trabalho de filósofos e teólogos que em séculos posteriores produziram em concílios os credos da Igreja. É por isso que Paulo e os demais apóstolos apresentam em seus escritos uma visão de Deus monoteísta unitariana e não “monoteísta trinitariana” (sic).

O PAI E O FILHO NO APOCALIPSE

Quem lê e relê o livro da Revelação, o Apocalipse, é um bem-aventurado pois terá uma compreensão ampliada do plano da salvação e da libertação protagonizada pelo Cordeiro de Deus.

O Apocalipse em nenhum momento sugere a existência de uma Trindade, pelo contrário, apresenta o Pai e o Filho como protagonistas já desde o início:

*“Revelação de **Jesus Cristo**, que **Deus** lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer.” - Apocalipse 1:1.*

Adoração a Deus e ao Filho

A mensagem do primeiro anjo deixa bem claro quem deve ser objeto de culto e adoração:

*“**Temei a Deus e dai-lhe glória**, pois é chegada a hora do seu juízo; e **adorai aquele que fez** o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” - Apocalipse 14:7.*

Quem são estas duas pessoas a quem devemos temer e adorar?

(1) O Deus do juízo - Não há dúvidas de que se está falando de Deus Pai, o Ancião de Dias, visto por Daniel *“executando o juízo a favor dos Santos”* (Daniel 7:22).

(2) Cristo, o Criador - *“Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.”* (João 1:3).

O que deve ser destacado neste verso é a menção de apenas duas pessoas sendo dignas de adoração. Você consegue lembrar de algum texto da Bíblia que diga que o Espírito Santo deve ser adorado ou louvado? Veja o que diz o Apocalipse:

*“Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: **Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro**, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. E os quatro seres viventes respondiam: Amém; também os anciãos prostraram.” - Apocalipse 5:13-14.*

Na Frente dos 144 Mil

O Apocalipse revela o que será escrito nas frentes dos 144 mil. Veja que interessante!

*“Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele os cento e quarenta e quatro mil **tendo nas frentes escrito o seu nome e o nome de seu Pai.**” - Apocalipse 14:1.*

Haverá apenas dois nomes nas frentes dos 144 mil: (1) O Nome do Cordeiro que é Jesus ou Yeshua (em aramaico) e (2) O nome do seu Pai que é Jeová ou Yaweh (em hebraico). O Apocalipse não diz que um terceiro nome, o nome do Espírito Santo, seria escrito nas frentes dos 144 mil. Por quê? É simples. Os espíritos não têm nome próprio. Por isso eles acabam recebendo o nome do seu possuidor, por exemplo, o espírito de João é chamado simplesmente de espírito do João assim como o espírito de Deus é chamado de Espírito de Deus ou Espírito Santo de Deus. Em nenhum lugar na Bíblia é revelado o nome do Espírito Santo, pois ele é o próprio *pneuma* de Deus. Prezado leitor. Qual é o seu nome? Você tem um espírito (*pneuma*)? Qual é o nome do seu espírito? É claro que seu espírito não tem nome, nenhum espírito o tem. Esta é uma das razões pelas quais o nome do Espírito Santo não poderia aparecer na frente dos 144 mil.

Enfim, Deus, o Pai, e seu Filho Jesus Cristo aparecem diversas vezes juntos no Apocalipse. Citemos mais dois versos bem conhecidos:

*“Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de **Deus** e têm o testemunho de **Jesus.**” - Apocalipse 12:17.*

*“Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de **Deus** e a fé em **Jesus.**” - Apocalipse 14:12.*

Note que o Espírito Santo não é citado nestes versos gerando uma carência das pretensas “fórmulas trinitarianas” no Apocalipse.

O Pai e o Filho no Trono

A conclusão do livro de Apocalipse contém promessas maravilhosas para todos os cristãos. O último capítulo da Bíblia começa descrevendo o rio da água da vida nos seguintes termos:

*“Então me mostrou o rio da vida, brilhante como cristal, que sai **do trono de Deus e do Cordeiro.**” - Apocalipse 22:1.*

O livro do Apocalipse menciona apenas o trono de Deus e do Cordeiro. Onde está o trono do Espírito Santo? O verso 3 do mesmo capítulo repete a informação:

*“Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará **o trono de Deus e do Cordeiro.** Os seus servos o servirão.” - Apocalipse 22:3.*

Não é apenas o Apocalipse, mas toda a Bíblia afirma que há apenas duas pessoas assentadas no trono: O Pai e Seu Filho Jesus Cristo assentado a sua direita. Veja outros versos:

“Desde agora estará sentado o Filho do homem à direita do Todo-Poderoso Deus.” - Lucas 22:69.

“Jesus... está assentado à destra do trono de Deus” - Hebreus 12:2.

Pegue sua Bíblia e confira outros versos que afirmam que Cristo está à direita de Deus, mas não indicam a posição relativa do Espírito Santo neste trono: Mateus 22:44; 26:64; Marcos 12:36; 14:62; 16:19; Lucas 20:42 e 43; Atos 2:33-35; 7:55 e 56; Romanos 8:34; Efésios 1:20; Colossenses 3:1; Hebreus 1:3 e 13; 8:1; 10:12; I Pedro 3:22; Apocalipse 5:1-7.

Apesar de em todos estes versos Deus aparecer assentado com o seu Filho no trono, Jesus reforça o conceito de unidade inclusiva citado anteriormente ao prometer em sua mensagem à igreja de Laodicéia que os vencedores poderão assentar-se juntamente com ele no seu trono:

“Ao que vencer, dar-lhe-ei assentar-se comigo no meu trono, assim como eu venci, e me assentei com o meu Pai no seu trono.” - Apocalipse 3:21.

Que Deus, o Pai, e que o Seu Filho sejam glorificados. Graças a eles temos estas maravilhosas promessas.

CONCEITOS PRINCIPAIS DESTE CAPÍTULO

1. A vida eterna depende do conhecimento de duas pessoas: o Pai e o Filho (João 17:3).
2. Quando Cristo se referia a Deus ele se referia ao Pai, jamais a um conjunto de três pessoas.
3. Jesus jamais disse ser Deus, mas reconhecia ser o Filho de Deus.
4. Paulo introduz todas suas epístolas citando o Pai e o Filho e não uma suposta Trindade.
5. O Apocalipse revela que a adoração deve ser feita exclusivamente a Deus e ao Cordeiro.
6. A Bíblia em nenhum momento ordena ou recomenda o louvor e adoração ao Espírito Santo.
7. Na frente dos 144 mil estarão escritos os nomes de Deus e do Cordeiro.
8. O Apocalipse menciona o “trono de Deus e do Cordeiro”, mas em nenhum momento cita a posição do Espírito Santo.
9. Quem lê as Escrituras Sagradas com atenção e com a mente livre de conceitos pré-estabelecidos perceberá facilmente que a relação entre Deus, o Pai, e o Seu Filho Jesus Cristo nada tem a ver com o modelo trinitariano.

CONTESTANDO O TRINITARIANISMO

Neste capítulo demonstraremos que as Sagradas Escrituras não são a fonte da doutrina trinitariana clássica. Isso pode ser chocante para muitas pessoas assim como foi para mim. Eu sempre acreditei na doutrina da Trindade pois sempre ouvi a igreja pregando desta forma. Eu não acreditava na Trindade por haver estudado a doutrina na Bíblia e por ter chegado à conclusão de que Deus é um conjunto de três pessoas, mas acreditava simplesmente porque as pessoas que me ensinaram a doutrina pensavam desta forma.

Nesta seção comentaremos alguns textos bíblicos frequentemente usados para defender a teoria da Trindade e o Espírito Santo como sendo uma pessoa distinta.

Com a crescente aceitação por parte dos estudiosos de que I João 5:7 e 8 é um texto espúrio escrito não pelo apóstolo João, a responsabilidade de sustentar a teoria trinitariana recaiu fortemente sobre Mateus 28:19 e João 14:16, que falam respectivamente sobre o batismo “*em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*” e sobre o “*outro*” Consolador prometido por Cristo.

Além destes textos, os defensores da teoria da Trindade costumam alegar que algumas ações do Espírito de Deus são próprias de seres pessoais, levando muitos a crerem que o Espírito Santo é uma pessoa separada e independente do Pai. Outro grupo de versos bíblicos usados pelos trinitarianos são os que citam o Pai, o Filho e o Espírito. Tais referências, segundo os trinitarianos, serviriam como evidências da existência da Trindade.

É verdade que os próprios trinitarianos admitem que não existe um texto que claramente defina a Trindade, ou seja, um texto que apresente Deus como sendo um conjunto de três pessoas. No entanto, os trinitarianos alegam que a compreensão trinitariana de Deus pode ser adquirida através da concatenação lógica de conceitos expostos em diversos textos da Bíblia.

Antes de comentar estes textos, é importante ressaltar que a palavra *Trindade* não aparece em nenhum lugar na Bíblia e que esta teoria foi aceita como doutrina oficial no credo católico apenas por volta do quarto século da era cristã. Abordaremos também alguns aspectos históricos no próximo capítulo.

“ESTES TRÊS SÃO UM” – I JOÃO 5:7

“Pois há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um.” - I João 5:7.

Não há dúvidas. Este texto é o único que afirma claramente que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um sem necessidade de interpretação particular ou contorcionismo mental. Seria uma prova perfeita da existência da Trindade, caso não fosse um texto comprovadamente apócrifo, ou seja, um texto adicionado posteriormente que não consta nos manuscritos mais antigos. Isto indica que tal texto não estava presente no original escrito pelo apóstolo João.

As traduções fiéis ao texto grego omitem este verso. A Bíblia de Jerusalém, uma das versões mais fiéis ao original de que dispomos em português, omite tal verso e adiciona a seguinte nota marginal:

*“O texto dos vv. 7-8 está acrescido na Vulgata de um inciso ausente dos antigos mss gregos, das antigas versões e dos melhores mss da Vulgata, o qual parece ser uma glosa marginal **introduzida posteriormente** no texto.”*

Os tradutores da Bíblia de Jerusalém indicam que o texto em questão foi adicionado posteriormente na Vulgata, tradução da Bíblia para o latim feita por Jerônimo no final do século V. Afirmam também que a Vulgata original não tinha esta adição.

Na edição João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada I João 5:7 está entre colchetes com a seguinte explicação no início do Novo Testamento:

*“**Todo conteúdo entre colchetes é matéria da Tradução de Almeida, que não se encontra no texto grego adotado.**”*

O Novo Testamento Trilíngue das Edições Vida Nova mostra simultaneamente a versão em Grego do *Novum Testamentum Graece Nestlé-Aland*, 4ª Edição, a versão em Português *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª Edição e o texto em Inglês da *New International Version*, onde os textos dos três idiomas estão dispostos lado a lado e podem ser comparados facilmente pelo leitor. Apenas a versão em Português contém a adulteração Trinitariana.

I João 5:7 e 8 na Bíblia Trilingue		
Grego	Português	Inglês
<p>7 ὅτι τρεῖς εἰσὶν οἱ μαρτυροῦντες, ¹</p> <p>8 τὸ πνεῦμα καὶ τὸ ὕδωρ καὶ τὸ αἷμα, καὶ οἱ τρεῖς εἰς τὸ ἓν εἰσιν.</p>	<p>7 Pois há três que dão testemunho [<u>no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um.</u></p> <p><u>8 E três são os que testificam na terra</u>]: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito.</p>	<p>7 For there are three that testify:</p> <p>8 the^t Spirit, the water and the blood; and the three are in agreement.</p>
<p>Apenas o texto sublinhado em português foi adicionado na Vulgata Latina do Século 16. Os textos grego e inglês não contêm a adulteração.</p>		

A nota de rodapé do texto grego diz o seguinte:

*“O texto dos versículos 7 e 8 entre colchetes na Almeida Revista e Atualizada **nunca** fez parte do original. Os manuscritos mais antigos que contém o texto são da Vulgata Latina do século XVI.”*

Percebe-se claramente que houve uma ousada tentativa de adulteração da Palavra de Deus a fim de introduzir o dogma da Santíssima Trindade. Teria sido esta a única tentativa de adulteração dos trinitarianos? Ou houve tentativas de adulteração para tornar do dia para a noite a doutrina da Trindade um ensino bíblico? Quantos textos bíblicos foram adulterados em favor da teoria trinitariana?

É muito difícil responder a estas questões pois não temos o original grego escrito pelos apóstolos. É relativamente fácil identificar uma adulteração trinitariana feita no século 16, I João 5:7 por exemplo, mas o mesmo não pode se afirmar com relação a adulterações mais antigas, principalmente possíveis adulterações anteriores ao quarto século.

Apesar de haver evidências suficientes de que alterações foram feitas para “beneficiar” algumas doutrinas de origem pagã, podemos confiar na Palavra de Deus pois ela mantém a verdade original sem perda de essência. Mesmo que haja algum tipo de adulteração, falha na tradução, adição apócrifa o Senhor não permitirá que a essência seja perdida. Através de provas incontestáveis ou através de fortes evidências Ele fará com que a verdade venha à tona como fez com I João 5:7.

BATISMO EM NOME DO ESPÍRITO SANTO? – MATEUS 28:19

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” - Mateus 28:19.

Com a generalizada aceitação entre os estudiosos de que a fórmula trinitariana presente em I João 5:7 tem origem espúria, o peso da defesa da Trindade caiu fortemente sobre Mateus 28:19 que passou a ser o verso preferido dos defensores desta teoria. A razão é simples: nenhum outro verso bíblico coloca no mesmo patamar o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A famosa e consagrada expressão “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” não aparece em nenhum outro lugar na Bíblia; é uma exclusividade de Mateus 28:19.

No entanto, esta fórmula batismal tem trazido controvérsia entre os estudiosos por diversas razões:

- A sugestão de existência de uma trindade não se coaduna com a crença monoteísta do público alvo do evangelho de Mateus, os judeus.
- O contexto (verso 18) diz que toda a autoridade foi dada a Cristo. Isto sugere, naturalmente, uma ação posterior em nome de quem tem e delega a autoridade, no caso, em nome de Jesus apenas.
- Os batismos realizados posteriormente pelos discípulos e relatados no livro dos Atos foram em nome de Jesus apenas.
- Todas as orientações de Cristo e as ações dos discípulos (orações, milagres, expulsão de demônios, advertências, reuniões e pregações) foram em nome de Jesus e não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- Há evidências de que a fórmula batismal citando “em nome do Pai, Filho e Espírito Santo” não conste no original, mas tenha sido adicionada posteriormente.

Passaremos a analisar cada uma destas causas de controvérsias, antes porém, algumas palavras importantes sobre a confiabilidade e integridade bíblica.

Integridade Bíblica

*“Ao falar acerca destes assunto, como de fato costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais **há certas coisas difíceis de entender**, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles.” - II Pedro 3:16.*

O apóstolo Pedro declarou que nas Escrituras Sagradas há certas coisas difíceis de entender. A dificuldade vem em decorrência de alguns fatos incontestáveis: (1) Algumas pessoas “*ignorantes e instáveis*” aproveitam-se de alguns **pontos isolados** para impor seus ensinamentos particulares - ignoram a regra geral e apegam-se fortemente nas exceções. (2) A mensagem de Deus é infinitamente profunda e nós somos limitados. A fonte de que dispomos, a Bíblia, foi escrita em linguagem humana, traduzida para outros idiomas igualmente limitados e sujeitos a falhas de interpretação.

Sabemos que infelizmente, devido a uma fragilidade e limitação do idioma e da tradução, pode haver em um ou outro texto algum tipo de imprecisão. Mas tais imprecisões não devem nos desanimar de estudar com afinco a Palavra de Deus, pelo contrário, é estudando arduamente que teremos uma visão melhor do todo e tais textos poderão ser bem compreendidos sob a luz de outros textos.

Acreditamos plenamente que Deus inspirou sua Palavra e que ao longo dos séculos não houve perda de sua essência. Quando aparece um verso difícil de entender, que parece contradizer todo o resto da Palavra de Deus, devemos contrastá-lo com outros textos.

As imprecisões e limitações dos idiomas para os quais a Bíblia é traduzida são causa de muitas confusões doutrinárias. Por esta razão o melhor conselho para evitar erros doutrinários em decorrência destas imprecisões é:

- Analisar o texto controvertido dentro do seu contexto.
- Analisar outros textos bíblicos que abordam o mesmo assunto.
- Quando possível, recorrer ao original hebraico ou grego para desfazer dúvidas remanescentes.

Acima destas três regras que procurei obedecer ao elaborar este livro, está a confiança do poder de Deus que, através do seu Espírito, atua em nossa mente guiando-nos em toda a verdade. Analisaremos agora algumas evidências contrárias a uma interpretação trinitariana de Mateus 28:19.

Inconsistência com o Público Alvo

O objetivo de Mateus com seu evangelho era alcançar os judeus convencendo-os de que Jesus Cristo era o Messias descrito pelos profetas do Antigo Testamento. Assim como Moisés foi o libertador do povo de Israel, Mateus apresenta Jesus Cristo para os judeus como aquele que os libertaria do pecado e estabeleceria seu reino espiritual.

Tendo como o público alvo os judeus, causa-nos no mínimo alguma estranheza a menção de uma fórmula batismal que sugira a existência de uma trindade jamais aceita pelos destinatários de seu evangelho.

A crença dos judeus se baseia totalmente no Velho Testamento, onde não há qualquer sugestão da existência de um Deus composto por três pessoas. Baseados no Velho Testamento, os judeus aceitam um único Deus e a proposta de um Deus tríplice soaria absurda. Ademais, o objetivo de Mateus não era convencê-los da existência de uma trindade, mas mostrar Jesus como o Messias, o libertador espiritual de Israel.

Análise Contextual – A Autoridade de Cristo

Como em todo texto controvertido, temos que dedicar tempo e esforço para a compreensão não apenas do verso em questão mas também do seu contexto. Neste ponto devemos compreender claramente o que significa **fazer algo em nome de alguém**.

“Fazer algo em nome de alguém” significa agir com autoridade delegada ou derivada de outra entidade. Por exemplo, um policial não teria autoridade se esta não lhe fosse dada pela lei. Por isso, ao deter um criminoso em flagrante, o policial poderá dizer: “Preso em nome da lei”, em outras palavras, “Estou lhe prendendo com a autoridade que a lei me dá”.

O poder de prender alguém em flagrante deriva da lei e se estende não apenas às autoridades policiais, mas a toda pessoa comum do povo que testemunha um crime. O artigo 301 do Código de Processo Penal diz que *“qualquer do povo poderá e as autoridades policiais e seus agentes deverão prender quem quer que seja encontrado em flagrante delito.”* Provavelmente você não sabia que a lei do nosso país lhe dá autoridade para prender um criminoso em flagrante e entregá-lo às autoridades. Desta forma, como a **autoridade** lhe foi dada pela lei, você pode dirigir-se a um criminoso e dar-lhe voz de prisão: “O senhor está preso **em nome** da lei.” (Por motivos óbvios recomendamos que esta autoridade seja usada com cautela, avaliando muito bem as consequências de curto prazo.)

Da mesma forma, um representante de Estado, por exemplo, um embaixador, age não por si mesmo, mas em nome de uma nação. O mesmo vale para um delegado, um procurador, um advogado ou qualquer outro representante legal. Este representante, advogado ou procurador age apenas **em nome de alguém que tenha lhe dado autoridade** para tanto. Por isso podemos afirmar sem medo de errar que existe uma íntima relação entre fazer algo em nome de uma entidade e a autoridade que esta entidade confere àquele

que age em nome dela. Usei a expressão “entidade” e não “pessoa” porque como você já deve ter percebido é perfeitamente possível fazer algo em nome de uma entidade não pessoal. Exemplo: Agir em nome da lei, em nome do Estado, em nome da Igreja.

Imagine que você é enviado pelo Presidente da República a uma repartição pública com uma procuração oficial assinada pelo presidente. Ao chegar você se identifica: “Meu nome é João da Silva e vim em nome do Presidente da República.” Você pode não significar muito para os funcionários desta repartição, mas como você age em nome de alguém que tem autoridade, então é prontamente atendido. Não seria assim se você estivesse representando uma pessoa comum. Imagine-se agora chegando na mesma repartição com uma procuração assinada pelo seu cunhado, Eustáquio Miranda. Você poderia agir em nome do Eustáquio Miranda, mas não teria o mesmo atendimento pois a autoridade do seu cunhado não é comparável à autoridade do presidente.

Estes exemplos simples foram citados apenas para mostrar a forte relação entre fazer algo em nome de uma entidade e a autoridade desta entidade.

Analisando o contexto de Mateus 28:19, especialmente o verso 18, vemos que a autoridade a que Mateus se refere é a autoridade que Cristo recebeu do Pai e não a autoridade de uma trindade:

“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.” - Mateus 28:18.

Toda autoridade foi dada a Cristo. Quem lhe deu tal autoridade? A Bíblia declara que o Pai concedeu ao Filho toda a autoridade:

*“Pai, é chegada a hora. Glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. **Pois lhe deste autoridade** sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos os que lhe deste.” - João 17:1 e 2.*

*“Pois assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho ter vida em si mesmos; **e deu-lhe autoridade** para julgar, porque é o Filho do homem.” - João 5:26 e 27.*

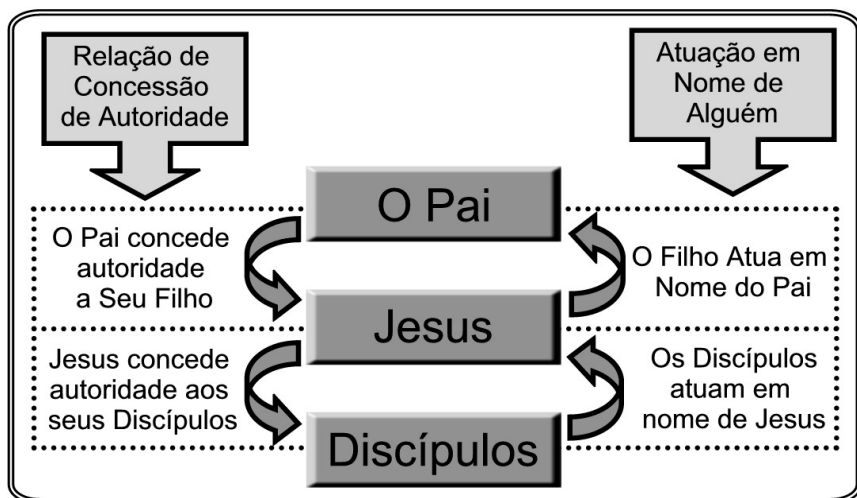
*“Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque **não há autoridade que não venha de Deus**; e as que existem foram ordenadas por Deus.” - Romanos 13:1.*

*“Ao que vencer, e ao que guardar as minhas obras até o fim, **eu lhe darei autoridade sobre as nações**, e com vara de ferro as*

*regerá, quebrando-as do modo como são quebrados os vasos do oleiro, **assim como eu recebi autoridade de meu Pai.**” - Apocalipse 2:26 e 27.*

Cristo recebeu do Pai toda autoridade no Céu e na Terra por isso Cristo agia em nome daquele que lhe concedeu a autoridade, ou seja, Cristo agia em nome do Pai: “*Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebei*” (João 5:43). Seria esperado, portanto, na sucessão natural da grande comissão, que Jesus comissionasse os discípulos como seus representantes, seus procuradores. A ordem natural de Cristo seria que os discípulos agissem em nome daquele que lhes conferiu a autoridade, ou seja, em nome de Jesus apenas, pois era Jesus quem estava concedendo autoridade aos seus discípulos naquele momento. Assim como a autoridade que Jesus possuía foi derivada do Pai e por isso Jesus agia em nome do Pai, da mesma forma a autoridade que os discípulos possuíam era derivada de Jesus e o esperado seria ações dos discípulos em nome de Jesus apenas.

Mas, surpreendentemente, embora a autoridade tenha sido concedida por Cristo, o texto que lemos em quase todas as versões da Bíblia hoje é para que os discípulos batizem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Isto é, no mínimo, muito estranho! Toda a regra de concessão de autoridade e ação em nome de quem concedeu a autoridade é quebrada!



Em Nome de Quem os Discípulos Batizaram?

O livro dos Atos relata vários batismos, mas nenhum deles foi realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Os exemplos que temos da era apostólica demonstram claramente que os batismos foram realizados em nome de Jesus apenas. Vejamos alguns exemplos começando com o apelo de Pedro aos judeus na festa do Pentecostes:

*“Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós **seja batizado em nome de Jesus Cristo** para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom o Espírito Santo.” - Atos 2:38.*

Estaria Pedro, por acaso, desobedecendo a ordem clara do Mestre que o batismo deveria ser realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo? Por que Pedro recomendou um batismo em nome de Jesus apenas? Vejamos como foram batizados os crentes de Samaria:

*“Porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido **batizados em o nome do Senhor Jesus.**” - Atos 8:16.*

O livro dos Atos também relata que gentios foram batizados em nome de Jesus e não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo:

*“E ordenou que fossem **batizados em nome de Jesus Cristo.** Então lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias.” - Atos 10:48.*

O livro dos Atos relata até mesmo um caso de rebatismo em Éfeso:

*“Eles, tendo ouvido isto, foram **batizados em o nome do Senhor Jesus.**” - Atos 19:5.*

Por que os discípulos batizaram em nome de Jesus e não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo? Por que os batismos hoje são em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (baseando-se em apenas um verso e ignorando todos os demais que ensinam que o batismo deve ser em nome de Jesus)?

Em Romanos 6:3 Paulo afirma que **“fomos batizados em Cristo Jesus”**. Ele nunca afirmou que fomos batizados no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

Exortando sobre a necessidade de unidade em Cristo, Paulo pergunta aos Coríntios:

“Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós, ou fostes porventura, batizados em nome de Paulo?” - I Coríntios 1:13.

Embora este verso não diga tão claramente quanto os anteriores que o batismo é em nome de Jesus, há uma evidência clara da intenção do apóstolo. Cristo não está dividido. Jesus Cristo foi crucificado em favor dos crentes e estes foram batizados em nome de Ele, sugere o verso.

Escrevendo aos Gálatas, Paulo reafirma o que foi dito até o momento:

*“Porque todos quantos fostes **batizados em Cristo**, de Cristo vos revestistes.” - Gálatas 3:27.*

Não apenas os batismos foram realizados em nome de Cristo, mas todas as palavras e obras dos cristãos devem ser em nome de Jesus Cristo, não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Tudo em Nome de Jesus Cristo

*“E **tudo** quanto fizerdes por palavras ou por obras, **fazei-o em nome do Senhor Jesus**, dando por ele graças a Deus Pai.” - Colossenses 3:17.*

Paulo recomenda que **tudo** deve ser feito em nome de Jesus. O que está incluído nesta expressão “tudo”? Todas as coisas estão incluídas aqui (inclusive batismos). É hora de você pegar sua Bíblia e conferir os versos abaixo.

⇒ As orações devem ser feitas em nome de Jesus, não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Veja vários exemplos: João 14:13 e 14; João 15:16; João 16:24, 26 e 27; Tiago 5:14.

⇒ Advertências, admoestações e repreensões foram feitas em nome de Jesus, nunca em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Confira: I Coríntios 1:10; 5:4; II Tessalonicenses. 3:6.

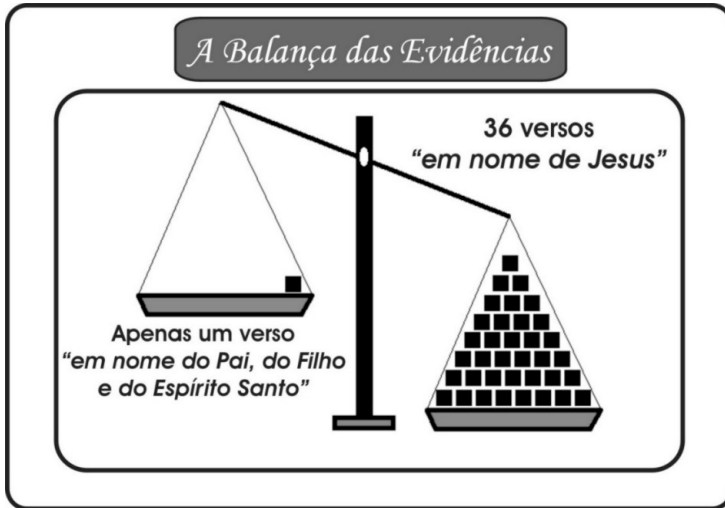
⇒ Nenhum milagre foi feito em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas em nome de Jesus. Abra sua Bíblia e leia os seguintes versos: Mateus 7:22; Marcos 9:38-40; 16:15-18; Lucas 10:17; Atos 3:6; 4:7-12; 4:30; 16:18.

⇒ Obras de caridade também foram realizadas em nome de Jesus. Veja: Mateus 18:5; Marcos 9:37 e 41; Lucas 9:48.

⇒ Até mesmo reuniões espirituais e pregações devem ser realizadas em nome de Jesus, não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Leia estes exemplos: Mateus 18:20; Lucas 24:46 e 47; Atos 4:18; 9:27 e 29; Efésios 5:20; Tiago 5:10.

⇒ O mais impressionante é que até mesmo o Espírito é enviado em nome de Jesus conforme João 14:26.

⇒ Enfim, como diz Paulo, tudo deve ser feito em nome de Jesus, pois nossa salvação é também em nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Veja Atos 4:12; João 20:31; I Coríntios 6:11.



A Hermenêutica Bíblica, estudo da interpretação dos textos, estabelece alguns princípios básicos de interpretação. Um destes princípios diz que não podemos estabelecer uma conclusão definitiva com relação a uma doutrina ou prática baseando-se apenas em um verso da Bíblia. Infelizmente os crentes que batizam em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo não seguem este princípio de hermenêutica, pois apegam-se em apenas um texto e desprezam as inúmeras evidências de que tudo deve ser realizado em nome de Jesus.

A Autenticidade de Mateus 28:19

Diante de tantas inconsistências e incompatibilidades com o restante dos escritos sagrados, Mateus 28:19 tem sua autenticidade questionada. A história demonstra que na era apostólica batizava-se apenas em nome de Jesus, sendo que batismos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo só foram realizados muitos anos após a morte dos apóstolos. Vejamos o que a história diz a respeito da origem da doutrina da Trindade e do batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo:

Enciclopédia Britânica: “A fórmula batismal foi mudada do nome de Jesus Cristo para as palavras Pai, Filho e Espírito Santo pela Igreja Católica no 2º Século.” – 11ª Edição, Vol. 3 - págs. 365-366. “Sempre nas fontes antigas é mencionado que o batismo era em nome de Jesus Cristo.” – Vol. 3, pág. 82.

Enciclopédia das Religiões – Maurice A. Canney: “Inicialmente as pessoas eram batizadas “em nome de Jesus Cristo” (Atos 2:38; 10:48) ou “no nome do Senhor Jesus” (Atos 8:16; 19:5). Posteriormente, com o desenvolvimento da doutrina da Trindade eles foram batizados “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” - Justin Mártir, Apol. 1, capítulo 61, pág. 53.

Nova Enciclopédia Internacional: “O termo “Trindade” se originou com Tertuliano, padre da Igreja Católica Romana.” - Vol. 22, pág. 477.

Enciclopédia da Religião - Hastings: “O batismo cristão era administrado usando o nome de Jesus. O uso da fórmula trinitariana de nenhuma forma foi sugerida pela história da igreja primitiva; o batismo foi sempre em nome do Senhor Jesus até o tempo do mártir Justino quando a fórmula da trindade foi usada.” - Vol.2, págs. 377-378 e 389.

Enciclopédia Católica: “A fórmula batismal foi mudada do nome de Jesus Cristo para as palavras Pai, Filho e Espírito Santo pela Igreja Católica no segundo século.” – Vol. 2, pág 263.

O pastor Alejandro Bullón, no livro “O Terceiro Milênio”, menciona algumas “doutrinas estranhas” que geraram conflito na Igreja Cristã durante a Idade Média:

*“Naquele período, a Igreja cristã passou a ter conflitos internos por causa de **doutrinas estranhas que pretendiam misturar-se às verdades bíblicas**. Entre as doutrinas em conflito, podemos mencionar: o pecado original, **a trindade**, a natureza de Cristo, o papel da virgem Maria, o celibato e a autoridade da Igreja.” - Alejandro Bullón - O Terceiro Milênio e as Profecias do Apocalipse - Casa Publicadora Brasileira - págs. 41 e 42. (grifo acrescido)*

A Bíblia de Jerusalém incluiu o seguinte comentário de rodapé a respeito de Mateus 28:19:

*“É possível que, em sua forma precisa, essa fórmula reflita influência do **uso litúrgico posteriormente fixado** na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar “no nome de Jesus”. **Mais tarde** deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da trindade.”*

O Original de Mateus 28:19 e a Crítica Textual

Crítica textual é o método utilizado por estudiosos para se conhecer o texto original ou, pelo menos, chegar próximo do original. Metodologias foram desenvolvidas neste sentido pois sabe-se que as versões que chegam até nós, após várias cópias e traduções, raramente vem com precisão absoluta. Hoje existem, espalhados por museus e bibliotecas no mundo inteiro, milhares de manuscritos que vão desde fragmentos de papiro até Bíblias completas produzidas após a invenção da imprensa.

É fato comprovado que há muitas diferenças entre estes manuscritos e como não temos acesso ao original, surgem as questões: Qual destes manuscritos é o mais confiável? Qual deles está mais próximo da versão original?

Muitos cristãos acreditam que Deus preservou cada palavra, cada ponto e cada vírgula das Escrituras, mas os milhares de manuscritos e as fontes históricas disponíveis hoje mostram que houve mudanças nas Escrituras e que há necessidade de buscas, comparações e estudos para se chegar à versão mais próxima do original.

Temos absoluta confiança de que Deus inspirou a versão original e preservou a essência da mensagem bíblica, mas a diversidade de manuscritos demonstra que houve erros de copistas e possíveis adições apócrifas. É por esta razão que existe a crítica textual – a disciplina que, com base em diversas informações, busca restaurar o texto original que sofreu um processo de cópias e traduções.

O ideal seria termos à nossa disposição os documentos originais do Novo Testamento escritos pelos próprios apóstolos ou, pelo menos, cópias do primeiro ou segundo séculos. Mas infelizmente devido à grande perseguição que a igreja sofreu nos primeiros séculos da era cristã muitos documentos sagrados foram destruídos neste período. Portanto, hoje não temos a nossa disposição os originais do Novo Testamento nem manuscritos dos três primeiros séculos.

Em 303 d.C. Diocleciano, o imperador romano, ordenou que as propriedades dos cristãos fossem confiscadas e que seus escritos sagrados fossem destruídos. Só alguns anos depois outro imperador, Constantino, “converteu-se” ao cristianismo, cessou as perseguições e promoveu a difusão dos escritos sagrados.

Por esta razão hoje temos inúmeros manuscritos da Bíblia, mas apenas posteriores ao terceiro e quarto séculos. O problema da crítica textual não é

a falta de manuscritos, mas o excesso. Diante de tantos manuscritos e diferentes fontes de informação, como a crítica textual decide qual é o texto que mais se aproxima do original?

A primeira fonte de estudos para a crítica textual são os manuscritos antigos. As fontes históricas idôneas também servem como importante subsídio para os estudiosos e críticos textuais. Outra importante fonte utilizada pela crítica textual são as citações bíblicas feitas pelos escritores e historiadores religiosos dos primeiros séculos. Neste período a produção literária sacra foi muito grande e a citação da Bíblia era muito comum.

Quando um escritor sacro dos primeiros séculos citava alguma parte da Bíblia de que versão ele copiava o texto? Certamente as fontes utilizadas eram manuscritos dos livros da Bíblia de data anterior à obra que a referenciava. Ou seja, é natural admitirmos que os escritores sacros dos primeiros séculos baseavam-se em cópias manuscritas do Novo Testamento mais antigas e, portanto, mais confiáveis e menos sujeitas a erros do que as que dispomos hoje. Por esta razão tais citações de versos bíblicos nestas obras sacras são de grande valor para a crítica textual. Há quem afirme que a quantidade de citações bíblicas nas obras destes escritores sacros é tão grande que seria possível, mesmo sem os manuscritos bíblicos, reconstituir praticamente toda a Bíblia baseando-se apenas nas citações destes autores. Exagero ou não, vale a pena levar em conta tais citações se estas podem nos auxiliar numa conclusão sobre qual seria o texto mais próximo do original no caso de Mateus 28:19.

Veremos na parte final deste livro um pouco da história da doutrina da Trindade. Falaremos um pouco sobre o Concílio de Nicéia realizado no quarto século e sobre o estabelecimento da doutrina da Trindade pela Igreja Católica.

Os manuscritos mais antigos do Novo Testamento de que dispomos hoje e nos quais nossas Bíblias são baseadas são posteriores ao Concílio de Nicéia e contêm a fórmula batismal *“em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”*, mas as citações bíblicas de historiadores baseados em manuscritos anteriores nos mostram algo muito interessante.

Eusébio de Cesaréia (270-340 d.C.), conhecido como o “Pai da História da Igreja”, foi provavelmente o maior historiador da igreja dos primeiros séculos. Considerado um dos preservadores da literatura sacra em sua época, sua obra é vasta. Embora não tenha se destacado pela criatividade e originalidade, Eusébio goza de boa reputação no tocante à sua precisão. É por isso que Eusébio é reconhecido e lembrado pelo seu importantíssimo trabalho de preservação dos registros da igreja primitiva.

Paul Johnson, em "A History of Christianity" ("História do Cristianismo"), página 43, declara o seguinte a respeito de Eusébio de Cesaréia: "A maior parte do nosso conhecimento sobre a história inicial do Cristianismo vem dos escritos do bispo Eusébio de Cesaréia no quarto século. Eusébio foi de muitas formas um historiador cuidadoso e ele teve acesso a muitas fontes que desapareceram."

Não é nosso objetivo discorrer com detalhes acerca da obra e influência de Eusébio de Cesaréia, mas investigar se os registros deixados por Eusébio podem nos auxiliar na busca pelo texto original de Mateus 28:19.

Eusébio nasceu no final do terceiro século, num período de transição da igreja cristã. Como Paul Johnson bem destacou, Eusébio teve acesso a fontes que desapareceram. De fato, os mais antigos manuscritos da Bíblia que temos acesso hoje são posteriores aos que Eusébio tinha acesso. As versões usadas por Eusébio eram, portanto, mais próximas do original e por esta razão a probabilidade de haver erros e adulterações em tais versões era muito pequena. Baseado nas versões da Bíblia disponíveis no início do quarto século como Eusébio citou Mateus 28:19?

Eusébio citou Mateus 28:19 diversas vezes em comentários sobre Salmos, Isaías, e em obras como *Demonstratio Evangelica* e *Teofania*. Também citou este verso em *História da Igreja*. Na maioria das vezes suas citações de Mateus 28:19 eram muito semelhantes a esta:

"Ide e fazei discípulos de todas as nações em meu nome, ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho ordenado."

É importante ressaltar que toda a doutrina deve ser obtida da pura Palavra de Deus, não de escritos de homens, por mais fidedignos que eles sejam. Estes historiadores viveram em tempos de grande escuridão espiritual quando o paganismo sutilmente penetrava na igreja. Por esta razão, nosso objetivo ao mencionar as citações de Eusébio é apenas usar o testemunho dos escritores dos primeiros séculos como evidência histórica de que a versão original muito provavelmente tenha sido adulterada. Temos plena convicção de que se os manuscritos que Eusébio tinha diante de seus olhos dissessem "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" ele jamais teria citado como citou "em meu nome" apenas. Como já mencionamos, os vários relatos de batismos efetuados pelos apóstolos não estão compatíveis com a versão de Mateus 28:19 atual, mas estão compatíveis com a citação de Mateus 28:19 feita por Eusébio, qual seja, "em nome de Jesus" apenas.

Segundo a Enciclopédia de Religião e Ética, volume 2, pág. 380, Eusébio citou 21 vezes a comissão de Mateus 28, ou omitindo tudo entre “nações” e “ensinando-os” ou, na forma mais frequente, “faizei discípulos de todas as nações em meu nome”.

É interessante notar que no final de sua vida, após o Concílio de Nicéia, Eusébio incluiu em obras como “*Contra Marcelo de Ancira*” e “*Sobre a Teologia da Igreja*” citações de Mateus 28:19 incluindo o batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Isto pode ser um reflexo da poderosíssima influência exercida pelo Concílio de Nicéia em favor da Trindade que afetou a produção da literatura sacra no quarto século. É também um reflexo do momento de transição pelo qual passou a igreja no início do quarto século.

O fato dos discípulos obedecerem à ordem de Mateus 28:19 batizando em nome de Jesus apenas é um ponto positivo para as versões usadas e transcritas por Eusébio. É nesta hora que vemos a crítica histórica influenciando a crítica textual em favor de Eusébio e contra as versões atuais que apresentam um batismo em nome do Pai, Filho e Espírito Santo.

Fica claro, não apenas pelas evidências provenientes da crítica textual, bem como da análise do contexto de Mateus 28:19 e por outras passagens bíblicas, que a autenticidade da versão atual é bastante discutível e, portanto, tal versão não deve ser utilizada para provar qualquer doutrina.

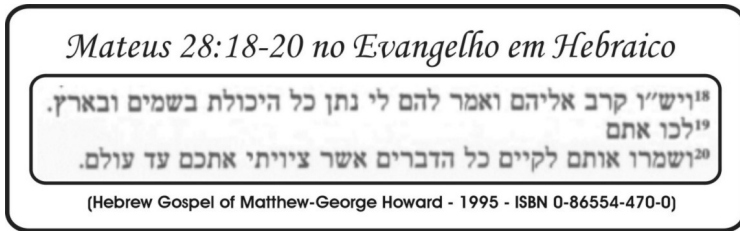
Ademais, é sempre conveniente lembrar que nenhuma doutrina bíblica pode ser estabelecida com base em apenas um verso. Essa regra é um consenso entre os teólogos e estudiosos da Bíblia. Por isso, batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo é quebrar este princípio e, mais do que isso, desprezar as abundantes evidências bíblicas de que o batismo deve ser realizado em nome de Jesus.

Outras Versões de Mateus 28:19

Qual é a melhor versão para Mateus 28:19? Como dissemos, a escolha da melhor versão depende dos critérios de crítica textual adotados pelos responsáveis pela edição de cada versão bíblica.

O fato da maior parte das denominações cristãs apoiar a doutrina católica da Trindade explica porque as Bíblias atuais trazem a versão de Mateus 28:19 que cita “Pai, Filho e Espírito Santo”. Mas nem todas as traduções da Bíblia citam Mateus 28:19 desta forma. O Evangelho de Mateus em Hebraico

de George Howard¹ é um exemplo que não contém a fórmula batismal em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.



Este texto, traduzido para o português, ficaria assim:

“18 Jesus, aproximando-se deles, disse-lhes: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. 19 Ide 20 e ensinai-os a observar todas as coisas que vos ordenei para sempre.” - Mateus 28:18-20. (Na Tradução de George Howard em Hebraico)

É importante concluir os comentários sobre a autenticidade de Mateus 28:19 declarando que não estamos afirmando categoricamente ou tecnicamente provando que o conteúdo do texto original de Mateus 28:19 diga “em meu [de Jesus] nome” e não “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. O que apresentamos nesta seção sobre Mateus 28:19 foram fortes evidências contextuais, históricas, textuais que nos levam a crer que o texto original escrito por Mateus não continha a expressão “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”

De qualquer forma, mesmo que as versões atuais estejam corretas e as versões usadas e transcritas por Eusébio estejam erradas, Mateus 28:19 não prova que Deus é uma Trindade. Mesmo se referindo a três, o verso não diz que são três pessoas e muito menos que os três formam um Deus. Aliás, nenhuma passagem das Escrituras afirma que Deus seja composto por três pessoas, três agentes, três seres, três substâncias, três divindades, três mentes ou três quaisquer outras coisas.

¹ George Howard é Professor Emérito e Chefe do Departamento de Religião e Professor de Religião da Universidade da Geórgia. Ele realiza pesquisas sobre o Novo Testamento e Judaísmo Intertestamental. Concluiu o Ph.D. no Hebrew Union College / Instituto Judaico de Religião (1964). Ele também estudou em Vanderbuilt e na Universidade Hebraica.

VERSOS COM DEUS, JESUS E O ESPÍRITO

Alguns versos do Novo Testamento citam Deus Pai, Jesus e o Espírito. Os defensores da teoria da Trindade usam tais versos para tentar provar que o Espírito Santo é uma pessoa assim como o Pai e como Jesus. Então alegam que tais versos comprovam a existência da Trindade. Vejamos alguns exemplos.

O Batismo de Jesus

*“Batizado **Jesus**, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o **Espírito de Deus** descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o me Filho amado, em quem me comprazo.” - Mateus 3:16 e 17.*

A Bíblia em nenhum momento diz que o espírito que desceu em forma de pomba era uma terceira pessoa, pelo contrário, afirma claramente que se tratava do próprio Espírito (*pneuma*) de Deus, ou seja, o Espírito do Pai.

O verso mostra uma manifestação dupla do Pai: manifestou-se através do seu Espírito e da sua voz. Se através deste verso chega-se à conclusão de que o espírito é uma pessoa, também poderíamos chegar à conclusão de que a voz de Deus também é uma pessoa. Por que não? Só porque o Espírito está escrito com inicial maiúscula e a voz com inicial minúscula? Sempre devemos lembrar que isso é uma convenção adotada em português, pois no original grego não havia tal distinção.

A Bênção de II Coríntios 13:13

“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.” - II Coríntios 13:13. (ou 14 em algumas traduções)

A doutrina da Trindade ensina que Deus é o primeiro, também chamado de “primeira pessoa da Trindade”, Jesus Cristo é a segunda pessoa e, finalmente, o Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade. Este é o ensino clássico trinitariano. Mas parece que esta sequência de primeira, segunda e terceira pessoas não estava muito clara para o apóstolo Paulo. Perceba que Jesus Cristo é o primeiro a ser mencionado em II Coríntios 13:13. Ora, se a doutrina da Trindade que hoje é ensinada fosse um consenso entre os apóstolos, Paulo certamente obedeceria a ordem das pessoas, no entanto não o fez.

Outro verso utilizado pelos trinitarianos é I Pedro 1:2, mas neste verso é

Jesus Cristo que aparece como a terceira pessoa de uma suposta trindade.

Esta incompatibilidade da fórmula trinitariana com doutrina não é a única evidência contra a tese de que Paulo estaria apresentando uma trindade em II Coríntios 13:13.

Além deste aspecto formal os trinitarianos enfrentam um problema de conteúdo ao lidar com este verso. Ao lerem este trecho, interpretam precipitadamente que nossa comunhão deve ser **com** a terceira pessoa da Trindade. Mas não é isso que o apóstolo diz. Paulo é claro quando afirma “e a comunhão **do** Espírito Santo”, não diz a comunhão **com** o Espírito Santo.

Graças a outros textos da Bíblia, não precisamos ser confundidos neste ponto. Nossa comunhão é **com** o Pai e com o Filho, através do Espírito. Deus não pode se manifestar em toda sua glória diante de olhos pecadores e Cristo não está mais conosco em carne. Portanto, toda comunhão e comunicação que temos com o Pai e com o Filho é através do *pneuma* (o próprio Espírito do Pai e do Filho).

*“Ora a nossa comunhão é **com** o Pai e **com** seu Filho Jesus Cristo.”
- I João 1:3.*

O apóstolo João esclarece de forma brilhante. Nossa comunhão é **com** o Pai e **com** o Filho!

Trindade com Anjos?

Há alguns versos na Bíblia que citam o Pai, Jesus e o Espírito. Os trinitarianos utilizam a expressão “fórmula trinitariana” para se referir a tais citações.

No entanto nenhum destes versos contendo as pretensas “fórmulas trinitarianas” serve como evidência de que exista uma trindade. Por quê? Porque o simples fato de um verso citar o Pai, Jesus e o Espírito não significa que o Espírito seja uma pessoa e que, juntamente com o Pai e com o Filho, componha uma trindade. Senão o que diríamos com relação a Mateus 24:36?

*“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os **anjos** dos céus, nem o **Filho**, senão somente o **Pai**.” - Mateus 24:36.*

Da mesma forma Mateus 16:27 cita o Filho, o Pai e os anjos, mas não cita o Espírito Santo. Isto não significa, em hipótese alguma, que Pai, Filho e anjos componham uma trindade.

*“Porque o **Filho** do homem há de vir na glória de seu **Pai**, com os seus **anjos**.” - Mateus 16:27.*

Paulo também citou Deus, Jesus e os anjos num mesmo verso. No entanto é inconcebível imaginar que Paulo estivesse sugerindo uma trindade divina apenas por citar Deus, Cristo Jesus e anjos eleitos no mesmo verso:

*“Conjuro-te diante de **Deus**, e de **Cristo Jesus**, e dos **anjos eleitos**, que observes estas regras sem preconceito, nada fazendo por favoritismo.” - 1 Timóteo 5:21.*

Há outros versos que citam o Pai, o Filho e os anjos (Marcos 8:38; Marcos 13:32; Lucas 9:26). Porventura tais versos indicam que Pai, Filho e anjos compõem uma trindade celestial? Absolutamente não! O fato dos três aparecerem no mesmo verso não significa absolutamente nada na relação de um para com o outro. O objetivo do autor, ao escrever tais versos, não foi indicar que existe uma trindade.

Da mesma forma, quando lemos um verso que menciona o Pai, o Filho e o Espírito Santo, não devemos concluir que, pelo fato de aparecerem juntos, tal verso seja uma evidência da existência da Trindade.

Vale a pena lembrar que Pedro, Tiago e João são frequentemente citados juntos na Bíblia, mas isto não significa que os três formam um ser. Abraão, Isaaque e Jacó da mesma forma são citados juntos em muitos pontos das Escrituras mas não podemos deduzir que eles são um simplesmente pelo fato de aparecerem juntos.

Só poderíamos concluir que Deus, Jesus e o Espírito formam um Deus-Triúno se houvesse uma citação clara na Bíblia com tal afirmação. Nada podemos inferir da mera citação dos três em um verso. Se não podemos inferir, também não podemos estabelecer uma doutrina fundamental da igreja baseados nestas inferências.

O fato é que existe uma carência de versos bíblicos que apresentem, definam e provem a existência da Trindade. Diante desta situação, qualquer verso bíblico que cite Pai, Filho e Espírito em qualquer ordem ou qualquer circunstância passa a ser um elemento precioso para a constituição do discurso trinitariano.

O ESPÍRITO E OS SEUS ATRIBUTOS E AÇÕES PESSOAIS

Provar a existência da Trindade não é uma tarefa fácil. A sustentação desta doutrina depende de uma série de hipóteses que os trinitarianos tentam provar. Se uma destas hipóteses não for verdadeira, toda a doutrina está comprometida. É como uma corrente de vários elos: se um elo se romper a

corrente fica inutilizada. Uma das hipóteses sob a qual a doutrina da Trindade se fundamenta é que o Espírito Santo é uma pessoa, assim como o Pai e o Filho são pessoas.

O argumento utilizado para tentar provar que o Espírito Santo é uma pessoa foi elaborado sobre versos bíblicos onde adjetivos (atributos) e verbos (ações) relacionados ao Espírito são típicos de seres pessoais. Por exemplo:

*“Não **entristeçais o Espírito de Deus**, no qual fostes selados para o dia da redenção.” - Efésios 4:30.*

*“Do mesmo modo também o **Espírito nos ajuda** na fraqueza; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o **Espírito mesmo intercede** por nós com gemidos inexprimíveis.” - Romanos 8:26.*

*“Porque não sois vós que falais, mas o **Espírito de vosso Pai é que fala em vós.**” - Mateus 10:20.*

“Apenas uma pessoa pode se entristecer”, alegam os trinitarianos. “Só uma pessoa pode ajudar, interceder e falar”, afirmam eles. Os defensores da Trindade afirmam que se o Espírito de Deus se entristece, ajuda, intercede e fala, então ele é uma pessoa divina! Toda a lógica deste argumento baseia-se na seguinte premissa: Se uma ação atribuída a uma entidade for uma ação de caráter pessoal, então tal entidade será um ser pessoal, ou seja, uma pessoa. Será que esta premissa é sempre verdadeira? Se não for, então o argumento será falacioso.

A Bíblia é um livro rico em símbolos e linguagem figurada. Uma das figuras de linguagem e de estilo empregada pelos autores bíblicos é a prosopopéia também conhecida como personificação. Através desta figura de linguagem uma entidade impessoal recebe atributos de um ser pessoal. Quando digo “hoje o dia está triste” estou usando esta figura de estilo. Quem fica triste é um ser pessoal e o dia, como sabemos, não é uma pessoa, então ele pode estar chuvoso, nublado, frio, mas não, literalmente, triste. Não é apenas na linguagem cotidiana que usamos muitas prosopopéias, na Bíblia também há vários versos que usam esta figura de estilo. Vejamos alguns versos:

“Os montes e os outeiros romperão em cânticos diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas.” - Isaías 55:12.

Você já viu uma montanha cantando ou uma árvore batendo palmas? Quem canta e bate palmas são pessoas apenas. No entanto este verso de Isaías

usa a personificação para ilustrar a mensagem que pretende transmitir, não para afirmar que montes, outeiros e árvores sejam seres pessoais.

Tente contar quantas prosopopéias o seguinte verso contém:

“Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram. Da terra brota a verdade, dos céus a justiça baixa o seu olhar.” – Salmo 85:10 e 11.

A justiça e a paz têm boca para poderem se beijar? A verdade é um vegetal para poder “brotar” da terra? E o que dizer da justiça que sabemos que deveria ser cega e aparece aqui baixando o seu “olhar”?

Os trinitarianos ignoram o fato de que a Bíblia foi escrita em linguagem figurada e por isso interpretam literalmente os atributos e ações pessoais atribuídas ao Espírito Santo.

O fato de alguns versos atribuírem ao Espírito Santo adjetivos e ações típicas de um ser pessoal não significa que o Espírito seja um ser pessoal. Uma das provas deste fato está nos muitos exemplos de atributos e ações pessoais atribuídos também a espíritos de seres humanos.

O espírito do apóstolo Paulo orava: **“O meu espírito ora de fato.”** (I Coríntios 14:14). Como um espírito (*pneuma*) de um homem pode orar se esta é uma ação pessoal? Seria, porventura, o espírito de Paulo uma segunda pessoa, além de Paulo? O verso seguinte explica: **“Orarei com o meu espírito... Cantarei com o espírito.”** (I Cor. 14:15). É claro que quem orava e cantava era o próprio Paulo, mas de forma figurada foi dito que o espírito de Paulo é que orava.

Lucas, autor do livro dos Atos, relatou que o espírito de Paulo se revoltou (Atos 17:16): **“Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade”.** Ora, revoltar-se é uma ação pessoal. Só um ser com autonomia e percepção poderia se revoltar, mas a Bíblia diz que o espírito de Paulo se revoltou. Seria, porventura, o espírito de Paulo uma entidade pessoal independente do seu possuidor (Paulo) ou Lucas estaria usando uma prosopopéia? Se usarmos a forma de interpretação bíblica adotada pelos trinitarianos chegaríamos à conclusão de que o espírito de Paulo foi uma pessoa, pois ao espírito de Paulo foram atribuídas ações pessoais. Mas claro está que o autor utilizou uma figura de linguagem ao dizer que o espírito de Paulo orava e se revoltava. Quem se revoltou com a idolatria da cidade foi o próprio Paulo.

Há muitos outros exemplos na Bíblia onde espíritos de seres humanos são descritos com atributos pessoais ou realizando (ativa ou passivamente) ações típicas de seres pessoais. A seguinte lista apresenta alguns exemplos de espíritos de seres humanos aos quais é atribuído alguma ação ou atributo de natureza pessoal:

- Espírito de Faraó - Foi Perturbado (Gênesis 41:8)
- Espírito de Ciro - Foi Despertado (Esdras 1:1)
- Espírito de Jó - Sorve (Suga) o Veneno (Jó 6:4)
- Espírito de Zofar - Responde por Zofar (Jó 20:3)
- Espírito de Asafe - Desfalece (Salmo 77:3)
- Espírito de Davi - Desfalece (Salmo 143:7)
- Espírito de Isaías - Buscou a Deus (Isaías 26:9)
- Espírito de Ezequiel - Excitou-se (Ezequiel 3:14)
- Espírito de Nabucodonosor - Perturbou-se (Daniel 2:1-3)
- Espírito de Paulo - Revoltou-se (Atos 17:16)
- Espírito de Paulo - Ora e Canta (I Coríntios 14:14 e 15)
- Espírito de Paulo - Recreou-se (I Coríntios 16:18)
- Espírito de Tito - Recreou-se (II Coríntios 7:13)

Concluimos que quando a Bíblia diz que o espírito de alguém se entristeceu, então se trata de uma figura de linguagem chamada prosopopéia ou personificação. Literalmente, quem se entristeceu foi a pessoa, o possuidor do espírito, não literalmente o seu espírito. Quando o salmista diz que o seu espírito estava amargurado, na realidade quem estava amargurado era o próprio salmista.

Isso vale também para o Espírito de Deus. Quando a Bíblia diz que alguém mentiu para o Espírito de Deus, na verdade isso significa que mentiram para o próprio Deus. Esta verdade é facilmente verificável no relato da experiência de Ananias e Safira em Atos 5:

“Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração para que mentisses ao Espírito Santo, retendo parte da propriedade?”
- Atos 5:3.

O verso seguinte esclarece para quem, de fato, Ananias estava mentindo:

“Não mentiste aos homens, mas a Deus.” - Atos 5:4. u.p.

Quando a Bíblia diz que o Espírito intercede, certamente está se referindo a Cristo pois este é o nosso único intercessor e mediador:

*“Porquanto há um só Deus e **um só Mediador** entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem.” - I Timóteo 2:5.*

*“É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também **intercede por nós.**” - Romanos 8:34.*

Na visão dos trinitarianos as ações e qualidades pessoais atribuídas ao Espírito Santo consistem numa prova de que o Espírito Santo é uma pessoa. No entanto, os trinitarianos ignoram completamente o fato de que ações e atributos impessoais também são atribuídos ao Espírito Santo. Se a pessoalidade da qualidade ou da ação fosse prova da pessoalidade do sujeito a quem as qualidades ou as ações são atribuídas, então, através dos atributos impessoais, poderíamos demonstrar que o Espírito Santo não é uma pessoa. Considere os seguintes exemplos:

Em vários momentos Deus prometeu **derramar** o Seu Espírito: “Derramarei o meu Espírito sobre a tua raça...” (Isaias 44:3), “...porque derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel...” (Ezequiel 39:29), “...derramarei o meu Espírito sobre toda a carne... também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito.” (Joel 2:28 e 29). Uma pessoa pode ser derramada sobre outras? Logicamente não!

Em Atos 10:38 Lucas afirma que Deus, o Pai, ungiu Jesus “com o Espírito Santo”. É possível ungir uma pessoa com outra? Literalmente podemos ungir alguém apenas com óleo, azeite, perfumes, unguentos, mas não com uma outra pessoa.

Numa outra situação o Espírito Santo aparece sendo “soprado” por Cristo: *“Dizendo isto, soprou sobre eles e disse: Recebei o Espírito Santo”* (João 20:22). Uma pessoa pode ser soprada sobre outras? É claro que não!

Os trinitarianos são bem rápidos para associar ações pessoais ao Espírito Santo, mas ignoram totalmente as ações e atributos impessoais. Por que ignoram? Porque tais atributos não contribuem para demonstrar a tese proposta por eles.

Sei que há muitos trinitarianos honestos e sinceros. Eles nos devem uma explicação bem clara sobre os motivos que os levam a continuar usando este frágil argumento para tentar provar a pessoalidade do Espírito Santo.

Ficou demonstrado aqui que um argumento que ignora a linguagem figurada da Bíblia é tão sofrível que o mesmo poderia ser usado para demonstrar que o Espírito Santo é um ser impessoal.

Concluimos que este argumento não é válido para comprovar a personalidade ou impessoalidade de quem quer que seja, pois fica evidente que os autores bíblicos utilizam linguagem figurada.

ADJETIVOS TRÍPLICES

Muitas pessoas, na tentativa de encontrar textos que apoiem suas idéias, acabam buscando subsídios em trechos que nada tem a ver com o assunto da Trindade. Dentre estes trechos, podemos citar um grupo muito interessante: o dos textos com adjetivos tríplices.

Em alguns versos das Escrituras Sagradas adjetivos relacionados a Deus são repetidos três vezes e por esta razão alguns interpretam que cada menção do adjetivo refere-se a uma pessoa da Trindade. Vamos citar dois exemplos:

*“E clamavam uns para os outros, dizendo: **Santo, santo, santo** é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.” - Isaías 6:3.*

*“E os quatro seres viventes... proclamando: **Santo, Santo, Santo** é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir.” - Apocalipse 4:8.*

Na falta de textos que comprovem claramente a Trindade, algumas pessoas bem criativas e perspicazes são capazes de incluir até mesmo Números 6:24-26 como evidência de que os Israelitas reconheciam um Deus-Triúno apenas pelo fato deste texto citar a palavra “Senhor” três vezes:

*“O **Senhor** te abençoe e te guarde; o **Senhor** faça resplandecer o seu rosto diante de ti; o **Senhor** sobre ti levante o seu rosto e lhe dê a paz.” - Números 6:24-26.*

Ora, tais textos não provam e nem mesmo servem como evidência de que nosso Deus é um Deus tríplice. A intenção do autor ao repetir três vezes uma palavra é dar ênfase e chamar a atenção do leitor para determinada qualidade. Este recurso literário é prática relativamente comum entre os autores bíblicos. Veja estes exemplos:

*“**Ó terra, terra, terra!** Ouve a palavra do Senhor.” - Jeremias 22:29.*

*“Ao **revés**, ao **revés**, ao **revés** a porei, e ela não será mais, até que venha aquele a quem pertence de direito, e a ele darei.” - Ezequiel 21:27.*

Estariam, porventura, os profetas sugerindo uma trindade de terras ou de revezes? Logicamente não! A tríplice repetição é apenas um recurso para chamar a atenção para determinado fato ou característica, uma forma de enfatizar um conceito.

O livro “Gramática Elementar da Língua Hebraica” de Hollenberg & Budde ensina que a forma repetida de um adjetivo em hebraico além de lhe comunicar ênfase, também serve como superlativo absoluto. Desta forma, “Santo, Santo, Santo” poderia ser entendido como “Santíssimo”.

A BLASFÊMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO

“Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á isso perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir.” - Mateus 12:31 e 32.

Este é outro texto que às vezes é usado por defensores da Trindade. Digo “às vezes” porque o texto, se lido com atenção, mais prejudica a visão trinitariana do que a favorece.

Afinal de contas se existe apenas um Deus composto por três pessoas divinas que possuem o mesmo caráter e os mesmos atributos espirituais, por que o Pai é rico em misericórdias (Êxodo 34:6), o Filho é perdoador (Lucas 7:48 e 49), mas a terceira pessoa da Trindade é implacável, ou seja, não tolera pecados contra ela? As três pessoas da Trindade não deveriam ter o mesmo caráter? Por que existe esta distinção de pecados contra o Filho do homem e pecados contra o Espírito Santo? Nesta seção vamos tentar entender um pouco mais sobre a questão do pecado imperdoável.

A blasfêmia contra o Espírito Santo é um dos assuntos que causa mais preocupação nos cristãos. (Em geral costuma-se usar a expressão “*pecado contra o Espírito Santo*”, mas a Bíblia fala que o pecado imperdoável é a “*blasfêmia contra o Espírito Santo*”).

Quando eu era criança ouvi um sermão sobre o pecado contra o Espírito Santo onde o pregador enfatizava que este era o único pecado para o qual não havia perdão. Confesso que após ouvir este sermão, fiquei incomodado durante várias semanas me perguntando se já teria cometido este tipo de

pecado. Orava a Deus para que abrisse uma exceção e me perdoasse caso eu tivesse cometido o pecado imperdoável. Todos os cristãos já ouviram que o pecado contra o Espírito Santo é imperdoável, mas poucos sabem o que é na prática a blasfêmia contra o Espírito Santo.

Segundo a explicação tradicional, o pecado contra o Espírito Santo consiste na resistência à obra do Espírito de nos convencer do pecado. Quando o Espírito de Deus atua em nossa consciência, mostrando um pecado, e resistimos à voz de Deus, então esta voz tende a diminuir. Chamamos popularmente este processo de cauterização da consciência, ou seja, o pecado se torna algo tão comum que a voz de Deus não mais é ouvida e o pecador não sente mais a necessidade de perdão. Embora este processo seja real, será que Cristo se referia à cauterização da consciência quando mencionou a blasfêmia contra o Espírito Santo? Para respondermos a esta questão vamos analisar o contexto de Mateus 12 e também de Marcos 3, dois capítulos que mencionam o pecado da blasfêmia contra o Espírito Santo.

De acordo com Mateus 12:22-32 e Marcos 3:20-30, Jesus estava sendo acusado de expulsar demônios pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios. Cristo afirmou que foi através do Espírito de Deus que o demônio foi expulso:

*“Se, porém, **eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.**” - Mateus 12:28.*

Lucas ao mencionar o mesmo episódio, em vez de utilizar “Espírito de Deus”, utiliza a expressão “dedo de Deus”.

*“Se, porém, **eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.**” - Lucas 11:20.*

Compare estes dois últimos versos bíblicos que citamos: Mateus 12:28 e Lucas 11:20. O Espírito de Deus é, simbolicamente, o dedo de Deus. O dedo de Deus indica a forma como Deus age, neste caso age através do seu Espírito (*pneuma*). Perceba que os evangelistas ora se referem ao Espírito como Espírito Santo, ora como Espírito de Deus. Já vimos que são expressões equivalentes.

Mas a questão principal permanece. Cristo afirmou que os pecados contra o Filho do homem seriam perdoados, mas aqueles contra o Espírito Santo não seriam perdoados. O que Cristo quis dizer com isto?

Cristo referia-se a si mesmo como “Filho do homem”, ressaltando assim sua humanidade. Outros o reconheciam como “Filho de Deus”, uma clara referência a sua messianidade.

Cristo, ao chamar a atenção para a sua condição humana, fazia questão de ressaltar que suas obras eram feitas pelo poder do Pai, através do Espírito de Deus que lhe foi concedido. O contexto do episódio que analisamos deixa claro que o pecado imperdoável cometido pelos escribas e fariseus foi a insistente negação da atuação do Espírito de Deus nas obras de Cristo. Tal negação se deu ao considerar as obras de Cristo como fruto da atuação e poder do diabo.

É este o pecado imperdoável: a blasfêmia contra o Espírito Santo. Sempre que o Espírito de Deus atuar poderosamente e tal fato for interpretado como uma atuação do diabo, isto constituirá uma blasfêmia contra o Espírito Santo.

Outros versos podem nos ajudar a confirmar qual é o pecado imperdoável: deixar de reconhecer as obras de Deus diante das evidências:

“Respondeu-lhes, Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado.” - João 9:41.

“Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas agora não têm desculpa do seu pecado... Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas agora não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim, quanto a meu Pai.” - João 15:22 e 24.

Estes dois versos abrem o horizonte de compreensão dos pecados que podem e que não podem ser perdoados. O pecado imperdoável é testemunhar as obras e evidências de Deus e considerá-las como algo do demônio. É rejeitar as evidências claras do poder de Deus, considerando-as como obras de Satanás. Para este pecado não há perdão. “Se fosseis cegos”, disse Jesus, “não teríeis pecado algum”. Isto significa que se através de Jesus não houvesse evidências visíveis do poder de Deus, a incredulidade da liderança judaica poderia ser justificável, pois neste caso tratar-se-ia de um pecado apenas contra o Filho do homem. Jesus complementa: “Porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado”.

Há pessoas que crêem sem precisar ver - são bem-aventurados. Há outros que precisam ver para crer - Deus pode ajudá-los na falta de fé. Há, porém, um terceiro grupo que, mesmo vendo, não crê - os céticos. E, finalmente, há um quarto grupo: aqueles que vêem as evidências e obras miraculosas

de Deus, não crêem e, além disso, atribuem tais obras ao demônio. Estes estão lutando contra Deus e cometendo o chamado pecado para a morte, pelos quais, segundo o apóstolo João, “não digo que rogue” (I João 5:16). É esta a blasfêmia contra o Espírito Santo.

A celebre oração intercessória de Cristo no Calvário, “*Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem*”, mostra que os que Lhe repartiam as vestes (Lucas 23:34) não haviam cometido o pecado para a morte, o pecado contra o Espírito Santo. De fato, os romanos não haviam tido a mesma oportunidade de testemunhar as obras de Deus através do Filho do homem.

Herodes, ao julgar a Cristo, desejava ver sinais, mas Cristo não Lhe respondeu com palavras. (Ver Lucas 23:8 e 9). Por isso, o pecado dos soldados romanos foi contra o Filho do homem, um pecado perdoável que mereceu uma oração intercessória de Cristo. Os romanos não pecaram contra o Espírito Santo, pois não tinham observado as evidências e obras de Cristo realizadas através do Espírito de Deus. Referindo-se aos líderes da religião judaica, Cristo disse a Pilatos: “*Aquele que me entregou a ti maior pecado tem.*” (João 19:11)

Quando os romanos testemunharam evidências sobrenaturais não hesitaram em reconhecer que Cristo era o Filho de Deus:

“O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e as coisas que haviam sucedido, tiveram grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus.” - Mateus 27:54.

Muitos crentes sinceros, baseados na tradição trinitariana que receberam e que sempre professaram, podem imaginar que aceitar qualquer outro ensino sobre o Espírito Santo seria um pecado imperdoável. Não estaríamos rebaixando o Espírito de Deus se não o considerarmos como uma pessoa divina? A Bíblia é clara sobre o pecado imperdoável: Blasfemar contra o Espírito Santo é desprezar as abundantes evidências que temos à nossa disposição atribuindo tais evidências ao poder do diabo, assim como fizeram os judeus na época de Cristo. Só blasfema contra o Espírito Santo quem resiste contra o poder de Deus revelado em suas palavras e obras e os atribui ao inimigo. Deus não leva em conta os tempos de ignorância (Atos 17:30), mas exige um posicionamento firme daqueles que recebem a luz.

“A condenação é esta: A luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz porque as obras deles eram más.” - João 3:19.

Blasfemar contra o Espírito Santo é desprezar as inúmeras evidências bíblicas sobre sua obra e natureza. É se agarrar a conceitos preestabelecidos desprezando a luz que emana da Palavra de Deus. É atribuir a obra de Deus ao inimigo.

“Daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá; e a quem muito é confiado, mais ainda se lhe pedirá.” - Lucas 12:48.

Fica demonstrado aqui que o episódio relatado em Mateus 12 e Marcos 3 sobre o pecado imperdoável é, na verdade, um testemunho contra o trinitarianismo e um alerta contra os que desprezam as evidências da Palavra de Deus.

“Então, começou a censurar as cidades onde tinha realizado a maior parte dos seus milagres por, apesar disso, não se terem voltado para Deus. Ai de ti, Corazim e ai de ti, Betsaida! Porque, se os milagres que fiz nas vossas ruas tivessem sido praticados em Tiro e Sidom, há muito que o seu povo se teria arrependido com vergonha e humildade. Verdadeiramente, Tiro e Sidom estarão melhor do que vocês no dia do juízo! E tu, Cafarnaum, cheia de luxo e vaidade como és, baixarás ao inferno! Porque, se os milagres espantosos que operei em ti tivessem tido lugar em Sodoma, ela ainda hoje aqui estaria. Seguramente que Sodoma está melhor do que tu no dia do juízo! E Jesus orou assim: Pai, Senhor do céu e da Terra, graças te dou por teres escondido estas coisas àqueles que se julgam muito sábios, e por as revelares aos que são como as criancinhas! Sim, Pai, agradeço porque achaste bem fazer assim! Todas as coisas me foram confiadas pelo meu Pai. Só o Pai conhece o Filho, e só o Filho e aqueles a quem o Filho o revela, conhecem o Pai.” - Mateus 11:20-27.

TRINDADE NO VELHO TESTAMENTO?

Talvez os argumentos mais sofríveis utilizados pelos defensores do trinitarianismo são os retirados do Velho Testamento. Um destes argumentos se baseia na interpretação tendenciosa da palavra hebraica *echad* traduzida por “único” em Deuteronômio 6:4.

*“Ouve, ó Israel: O Senhor nosso Deus é o **único (echad)** Senhor.” - Deuteronômio 6:4.*

A explicação trinitariana para este verso é a seguinte: Existem duas palavras em hebraico que significam “único”: *echad* e *yachid* (pronunciam-se *errade*

yarrid). A diferença entre elas é que *echad* significa “um entre outros”. Isto significa que quando falamos *echad* estamos nos referindo a um único ser mas existem outros, ou seja, a possibilidade de haver outros é inerente em *echad*. Já a palavra *yachid* é usada para designar um ser exclusivamente único. *Yachid* é um só e ponto final! Portanto, os trinitarianos afirmam que, ao usar a palavra *echad* (um entre outros), o autor referiu-se indiretamente às outras pessoas da Trindade. Baseados nesta diferença e nesta interpretação os trinitarianos entendem que em Deuteronômio 6:4 Moisés apresentou um Deus único, mas plural em essência.

De fato, o significado da palavra *echad* em hebraico é um entre outros, mas o problema está na interpretação particular que é dada para *echad*. A interpretação natural, levando-se em conta o contexto, é que o nosso Deus é o único (*echad*) Senhor (entre outros deuses pagãos). A palavra *echad* sugere a existência de outros deuses e o próprio verso 14 do mesmo capítulo diz o seguinte:

“Não seguirás outros deuses, os deuses dos povos que estão ao teu redor.” - Deuteronômio 6:14.

Ora, quem utiliza tal argumento para tentar provar a Trindade tenta sugerir que o conceito de “outros deuses” implícito na palavra *echad* são os outros componentes da Trindade: Deus Filho e Deus Espírito Santo, além do Deus Pai que aparece de forma explícita. No entanto, através da análise do contexto de Deuteronômio 6, fica claro que os outros deuses são os deuses pagãos de Canaã.

Convém lembrar que em Ezequiel 33:24 e Isaías 51:2 a palavra *echad* foi relacionada a Abraão: “Abraão era um só (*echad*), contudo possuiu esta terra” (Ezequiel 33:24). Ora, se a forma como os trinitarianos interpretam o termo *echad* estiver correta, então teremos que concluir que Abraão era um ser plural.

Fica claro que não há como usar o verso áureo do monoteísmo judaico (Deuteronômio 6:4) como evidência do trinitarianismo católico.

CONCEITOS PRINCIPAIS DESTES CAPÍTULOS

1. Nenhum texto bíblico clara e explicitamente apresenta ou define Deus como sendo uma Trindade.
2. A argumentação trinitariana baseia-se fortemente em Mateus 28:19 e na interpretação equivocada de quem seria o *parákletos* (Consolador) citado por João.

3. I João 5:7 não pode ser usado para defender a Trindade pois sabe-se que foi uma adulteração introduzida posteriormente e não está presente nos manuscritos mais antigos.
4. Evidências contextuais e históricas contribuem para a aceitação de que o batismo em nome do Pai, Filho e Espírito Santo citado em Mateus 28:19 não foi originalmente escrito por Mateus.
5. Referências a Mateus 28:19 feitas no quarto século por Eusébio com base em manuscritos mais antigos do que dispomos hoje não mencionam um batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
6. Mesmo admitindo que um batismo “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” tenha sido parte do texto original, isso não implica que estas três entidades formam um Deus ou que cada uma delas seja necessariamente um ser pessoal.
7. Os discípulos nunca agiram em nome de uma Trindade ou em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Sempre agiram em nome de Jesus apenas porque foi Jesus quem lhes deu autoridade. Jesus, por ter recebido autoridade do Pai, agia em nome do Pai.
8. Os batismos citados em Atos foram realizados em nome de Jesus apenas (Atos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5). Nenhum batismo relatado na Bíblia foi realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
9. A menção do Pai, Filho e Espírito Santo em alguns versos das Escrituras não implica que os três formem uma unidade. O Pai, Jesus e anjos são mencionados em muitos versos e tal fato nada implica na relação de um para com outro.
10. Não se pode afirmar que uma entidade é ser pessoal baseando-se na personalidade das qualidades e ações atribuídas a esta entidade. Portanto não se pode afirmar que o Espírito Santo é um ser pessoal simplesmente porque a ele são atribuídas ações e qualidades de um ser pessoal.
11. O esclarecimento sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo mais prejudica do que favorece a posição trinitariana.
12. O argumento de que o “único (*echad*) Deus” (Deuteronômio 6:4) sugere a pluralidade da divindade não subsiste a uma análise contextual do capítulo em questão.

QUEM É O CONSOLADOR?

Após Mateus 28:19, os textos mais utilizados para a defesa da Trindade e da personalidade do Espírito Santo estão nos capítulos 14, 15 e 16 do evangelho de João. Nestes capítulos encontramos a promessa do Consolador que Cristo enviaria aos seus discípulos.

O termo “Consolador”, traduzido do grego “*parákletos*”, é citado em apenas 5 versos da Bíblia, sempre pelo apóstolo João (João 14:16; 14:26; 15:26; 16:7 e I João 2:1).

O sentido original da palavra grega *parákletos* está relacionado a alguém que está ao lado a fim de ajudar, defender, consolar ou interceder. As diversas versões da Bíblia apresentam traduções diferentes para a palavra grega *parákletos*. Além de “Consolador”, tradução mais comum em português, algumas versões usam “Confortador”¹, “Conselheiro”², “Advogado”³ e até mesmo “Paráclito”⁴ como traduções possíveis para a palavra grega *parákletos*.

Nesta seção vamos fazer uma breve análise sequencial, começando por João 14:16 e passando por todos os versos e contextos onde o *parákletos* é citado. **O objetivo principal deste capítulo é revelar quem é o *parákletos*.**

Das cinco ocorrências bíblicas da palavra *parákletos*, as quatro primeiras saíram diretamente dos lábios de Jesus e foram relatadas por João. A última saiu da pena do apóstolo João em sua primeira epístola.

Vejamos o que Jesus queria dizer quando prometeu um *parákletos* para os seus discípulos.

JOÃO 14 – O ESPÍRITO DA VERDADE

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro parákletos (consolador), a fim de que esteja para sempre convosco. O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.” - João 14:16 e 17.

¹ King James Version

² New International Version

³ New Standard Revised Version

⁴ Bíblia de Jerusalém

Jesus prometeu o Consolador (*parákletos*). Mas quem é o *parákletos*? Cristo mesmo responde: O *parákletos* é o “Espírito da verdade” (14:16 e 17). Portanto, o “Espírito da verdade” é o Consolador prometido por Cristo. A verdade tem espírito? É evidente que estamos lidando com elementos simbólicos cuja interpretação deve ser dada pela própria Bíblia.

Qual é ou quem é o Espírito da verdade? Primeiramente temos que entender qual é a definição de “verdade” dentro do contexto do capítulo 14. O leitor atento perceberá logo nos primeiros versos deste capítulo que a “verdade” é definida por Cristo:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida.” - João 14:6.

Portanto, se a verdade neste contexto é Cristo, então o “Espírito da verdade” pode ser interpretado naturalmente como o Espírito de Cristo. Ao longo deste estudo teremos outras evidências de que o Consolador, o Espírito da verdade, é, de fato, o próprio Espírito de Cristo. Concluiremos que é o *pneuma* de Cristo que nos consola e que vive em nós.

Qual é a finalidade da vinda do Consolador? O verso 16 responde: “*a fim de que esteja para sempre convosco*”. Esta expressão lhe é familiar? Quem prometeu que estaria conosco para sempre? A finalidade do *parákletos* é a mesma de Cristo: estar para sempre conosco.

“E eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos.” - Mateus 28:20.

“Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós...” - João 15:4.

“Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.” - Mateus 18:20.

De fato, o Senhor Jesus Cristo prometeu estar conosco em espírito, mesmo após sua ascensão. Paulo afirma que “*nada nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.*” (Romanos 8:39)

Ora, o *parákletos* (Consolador) é o próprio Cristo que está conosco, não mais em carne, mas através de sua presença espiritual.

A próxima evidência de que o *parákletos* é o próprio Espírito de Cristo vem no verso seguinte, João 14:18. Após dizer que o Espírito da verdade “*estará em vós*” (vs. 17), Jesus afirma no verso seguinte (vs. 18):

*“Não vos deixarei órfãos, **virei para vós.**” - João 14:18.*

E acrescenta:

“Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós.” - João 14:20.

Note a semelhança das expressões nos versos 17 e 20. No verso 17 Jesus afirma que o Espírito da verdade **“estará em vós”**, no verso 20 ele repete o conceito afirmando que ele, o próprio Jesus, **estaria “em vós”**. Exatamente a mesma expressão que foi utilizada para o Espírito da verdade é agora usada com relação a Cristo. Isto indica claramente que Cristo estava prometendo enviar o seu próprio Espírito, não uma terceira pessoa. Como não poderia estar ajudando e consolando seus discípulos pessoalmente, em carne, estaria com eles de outra forma: através de seu *pneuma* (espírito).

A manifestação do *parákletos* (Espírito de Cristo) é prometida também no verso seguinte:

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado pelo meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele.” - João 14:21.

Como os verbos estão no futuro, fica claro que Jesus não estava se referindo à manifestação em carne pois esta já era uma realidade no tempo presente para os discípulos e não há que se prometer algo que já é realidade. Quando Cristo afirma **“e me manifestarei a ele”** (ao que guarda os mandamentos) claramente indica uma manifestação no futuro, não em carne, mas em espírito. A promessa do verso 21 está intimamente relacionada à promessa dos versos 16, 17, 18, 19 e 20. É a mesma promessa! Trata-se da promessa de que Jesus não deixaria seus discípulos desamparados, mas ele viria e se manifestaria a eles de outra forma: espiritualmente.

A conclusão de que o Consolador, o Espírito da verdade, é o próprio Espírito de Cristo é ratificada quando analisamos os versos 16 a 21 no contexto, considerando que Cristo está falando de um assunto específico e não de vários assuntos ao mesmo tempo. **Analisar o verso dentro do contexto é a chave para chegarmos a esta conclusão.**

Os versos seguintes apenas confirmam o que descobrimos até aqui. Veja o verso 23:

“Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.” - João 14:23.

Até então tínhamos visto que Cristo viria e se manifestaria (em espírito) aos seus servos obedientes. Agora, porém, lemos que o Pai, juntamente com Cristo, faria morada nestes servos fiéis. Como isso pode acontecer? É

simples! Já vimos anteriormente que Jesus Cristo e o seu Pai têm o mesmo Espírito (*pneuma*) por isso eles são um. É exatamente este Espírito (*pneuma*) que virá habitar em nós.

Após uma breve explicação em decorrência de uma pergunta de Judas, no verso 22, Jesus menciona pela segunda vez o *parákletos* (verso 26). Agora o Mestre chama o Consolador (*parákletos*) de Espírito Santo.

“Mas o Consolador (parákletos), o Espírito Santo, ...” - João 14:26.

Não há razão para acreditar que o Consolador do verso 26 seja diferente do Consolador do verso 16. É o mesmo *parákletos*, o mesmo Consolador do verso 16. Mas no verso 26, em vez de chamá-lo de Espírito da verdade, Jesus o chama de Espírito Santo. Este Espírito Santo é o próprio Espírito de Cristo.

O “OUTRO” CONSOLADOR

Defender uma doutrina baseado em um verso é algo muito perigoso, principalmente se o contexto não for analisado apropriadamente e se outras passagens sobre o assunto não forem consultadas. Mas o mais perigoso é basear um argumento sobre uma única palavra. E o risco de cometer um erro aumenta quando esta palavra está inserida entre elementos simbólicos, como é o caso do verso 16.

É exatamente este erro que os defensores da teoria da Trindade cometem quando usam João 14:16 para tentar provar que o *parákletos* (Consolador) é uma terceira pessoa distinta do Pai e do Filho. Neste caso, a palavra chave para a defesa dos trinitarianos é “outro”:

*“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará **outro** Consolador a fim de que esteja sempre convosco.” - João 14:16.*

Se Cristo prometeu outro Consolador, como poderia ser o próprio Cristo? Não seria este outro uma terceira pessoa? Se a intenção de Cristo fosse enviar seu próprio Espírito ele não deveria ser mais claro dizendo que iria para o Pai mas ele mesmo voltaria em Espírito?

Estas são as questões colocadas pelos defensores da Trindade e podemos, novamente com auxílio de outros textos bíblicos, esclarecer estes pontos.

Primeiramente, é importante lembrar que Cristo muitas vezes falava de si mesmo na terceira pessoa do singular. Um exemplo clássico foi a afirmação de Cristo perante o sinédrio:

“Desde agora estará sentado o Filho do homem à direita do Todo-Poderoso Deus.” - Lucas 22:69.

Também em diálogo com a mulher samaritana Cristo proferiu discurso simbólico em terceira pessoa:

“Se conheceras o dom de Deus, e quem é o que te pede: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.” - João 4:10.

E falando sobre a verdade, que simbolicamente é ele mesmo, disse em discurso proferido na terceira pessoa:

“Então conhecereis a verdade e a verdade vos libertará... Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.” - João 8:32 e 36.

Em outra ocasião, proferindo parábola sobre o bom pastor, disse:

“Mas aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas... as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas.” - João 10:2 e 3.

E ainda falando sobre o pão enviado por Deus:

“Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo.” - João 6:33.

Em suma, quando Cristo profere discurso na terceira pessoa do singular falando sobre a verdade, a água viva, o bom pastor, o pão de Deus, o *parákletos* e outros símbolos, na verdade está falando sobre Si mesmo.

Então por que no caso do Consolador (*parákletos*) Cristo utiliza a palavra “outro”?

Convém lembrar que nem sempre a palavra “outro” refere-se literalmente a uma outra pessoa. A palavra “outro” pode ter um sentido simbólico, já que está inserida num contexto repleto de símbolos. Veja um exemplo em que a palavra “outro” também tem sentido simbólico:

*“O Espírito do Senhor se apossará de ti (Saul), e profetizarás com eles, e tu serás mudado em **outro** homem... Sucedeu, pois, que, virando-se ele para despedir-se de Samuel, Deus lhe mudou o coração; e todos esses sinais se deram naquele mesmo dia.” - I Samuel 10:6 e 9.*

Saul se transformou literalmente em **outro** homem? Não! Era o mesmo Saul, a mesma pessoa, mas agindo de outra forma. Neste sentido ele foi

outro, num sentido figurado, simbólico. Saul foi transformado em outro homem não no sentido literal, mas no sentido de que passou a agir de outra forma. Semelhantemente, o Consolador é o próprio Cristo, mas atuando de **outra** forma; não mais em carne, mas em Espírito.

A intenção de Cristo era dizer que ele mesmo viria em Espírito para ser o *parákletos* dos seus discípulos. Todo o contexto deixa isto muito claro. Cristo nunca deixou seus discípulos com dúvidas. O Mestre usava símbolos, figuras e parábolas, mas em seguida, para evitar más interpretações, Ele afirmava literalmente o que havia dito em símbolos. Não foi diferente nesta ocasião.

Após dizer no verso 16 “*ele vos dará outro Consolador*” (mensagem figurada), Cristo afirmou no verso 18 “*Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros.*” (mensagem literal indicando que quem viria era ele mesmo). Alguns versos adiante o mesmo paralelismo “Simbólico X Literal” se repete: No verso 26 Cristo diz simbolicamente: “*Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas.*” Já no verso 28 Cristo repete a mensagem de forma literal: “*Vou e volto para junto de vós.*” A palavra de Deus é fantástica! Os símbolos e parábolas são sucedidos por explicações e mensagens literais.

JOÃO 15 – QUEM ENVIAR O ESPÍRITO?

Em João 15:26 encontramos a terceira menção da palavra *parákletos* (Consolador):

“Quando vier o Consolador (parákletos), que eu da parte do Pai vos enviarei, o Espírito da verdade, que procede do Pai, ele testemunhará de mim.” - João 15:26.

Novamente no capítulo 15 o *parákletos* é chamado de Espírito da verdade. Nossa tendência, como pessoas pesquisadoras, é comparar este verso com os anteriores. Então surge naturalmente a questão: Quem enviará o Consolador? O Pai ou Jesus?

Numa primeira leitura o texto parece conter alguma ambiguidade. Cristo enviará o Consolador, mas o Consolador será enviado “da parte do Pai”, o Espírito da verdade “que procede do Pai”, afirma Jesus. Na realidade esta dualidade já estava presente no verso 26 do capítulo anterior. Em João 14:26 quem envia o Consolador é o Pai; em João 15:26 quem envia o Consolador é Jesus. Como explicar esta aparente contradição?

Já vimos que o Espírito de Cristo é também o Espírito de Deus. O Pai e o

Filho compartilham o mesmo *pneuma* (espírito). Veja estas afirmações de Cristo:

“Tudo quanto o Pai tem é meu...” - João 16:15.

“...para que possais saber e compreender que o Pai está em mim e eu nele.” - João 10:38.

“Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim?” - João 14:10.

Estes versos nos dizem que tudo o que o Pai tem, também pertence ao Filho. Tudo! Inclusive o seu próprio Espírito (*pneuma*). É por esta razão que Cristo está no Pai e o Pai está no Filho, pois são um em espírito, ou seja, compartilham o mesmo *pneuma*. Portanto, não há contradição entre João 14:26 e João 15:26. Cristo envia o seu *pneuma* e o Pai faz o mesmo.

O cristão que acolheu o Espírito Santo em seu coração pode estar seguro de que recebeu tanto o Pai quanto o Filho e que a promessa de Cristo encontrada em João 14:23 cumpriu-se em sua vida:

“Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.” - João 14:23.

QUE PROCEDE DO PAI

O verbo grego traduzido por “proceder” em João 15:26 é *ekporeuomai*. O Espírito da verdade procede (*ekporeuomai*) do Pai. O significado deste verbo no original é *sair* ou *partir de dentro de*. O verbo *ekporeuomai* é utilizado também nos seguintes versos com exatamente o mesmo sentido original (partir de dentro, do interior de):

“Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede (ekporeuomai) da boca de Deus.” - Mateus 4:4.

“O que sai (ekporeuomai) do homem, isso é o que o contamina.” - Marcos 7:20.

“Não saia (ekporeuomai) da vossa boca nenhuma palavra torpe.” - Efésios 4:29.

Em João 15:26 o verbo *ekporeuomai* indica que o Espírito da verdade sai, ou parte de dentro (do interior) do Pai. Isso enfraquece a teoria que defende o Espírito da verdade (*parákletos*) como uma terceira pessoa, independente do Pai e do Filho. O Espírito de Deus é parte integrante de Deus estando, portanto, dentro de Deus e não fora dEle, assim como o espírito do homem

está dentro do corpo do homem. De dentro de Deus o Espírito é enviado para os crentes.

JOÃO 16 – “CONVÉM QUE EU VÁ”

Passemos a analisar o quarto verso bíblico que menciona o *parákletos* (Consolador):

“Convém que eu vá, porque se eu não for, o Consolador (parákletos) não virá para vós; mas se eu for, eu vos enviarei.” - João 16:7.

A Bíblia deixa claro que o Espírito de Deus já atuava entre os homens. Porventura o Consolador, também chamado de Espírito Santo, já não atuava entre os homens enquanto Jesus estava na terra? Sim, atuava!

Lucas 2:25, sobre Simeão, afirma que *“o Espírito Santo estava sobre ele”*. *“Movido pelo Espírito foi ao templo”* (vs. 27). Em Lucas 1:15, o anjo disse a Zacarias que seu filho, João Batista, seria *“cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe”*. Lucas 1:41 afirma que *“Isabel ficou cheia do Espírito Santo”*. Sobre seu esposo, Zacarias, a Bíblia também afirma que ficou *“cheio do Espírito Santo”* (Lucas 1:67).

A atuação do Espírito Santo entre os homens é anterior à vinda do Messias. Marcos 12:36 afirma que *“Davi falou movido pelo Espírito Santo”* (ver também Atos 1:16). *“Bem falou o Espírito Santo aos vossos pais pelo profeta Isaías”* (Atos 28:25). O Velho Testamento relata a manifestação do Espírito de Deus sobre várias pessoas em diversas ocasiões.

Por que, então, Jesus afirmou que ele enviaria o *parákletos* apenas após sua partida? Para responder a esta pergunta devemos novamente recorrer ao contexto, ou seja, ao início do capítulo 16. A chave está no verso 6. O coração dos discípulos se encheu de tristeza quando Cristo afirmou que iria para Aquele que o enviara. O objetivo de Cristo era consolar seus discípulos com a promessa do *parákletos*. A promessa deveria soar da seguinte forma aos ouvidos dos discípulos: Não estarei mais com vocês em carne, mas assim que eu partir (corporalmente), estarei convosco em Espírito, ou seja, o meu *pneuma* (espírito) estará com vocês.

Paulo, certa ocasião, usou uma figura de linguagem semelhante:

“Porque ainda que eu esteja ausente quanto ao corpo, contudo em espírito estou convosco, regozijando-me, e vendo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo.” - Colossenses 2:5.

É evidente que Paulo usa uma figura de linguagem, pois ele não era

onipresente: não poderia estar fisicamente em um lugar e seu espírito em outro. Cristo também estava utilizando figuras e simbolismos neste discurso. Ele mesmo admitiu a utilização de discurso simbólico neste contexto:

“Disse-vos estas coisas por figuras; vem a hora em que não vos falarei mais por figuras, mas abertamente vos falarei acerca do Pai.” - João 16:25.

É neste sentido figurado que o *parákletos* (ou Espírito Santo, ou Espírito de Cristo) é prometido apenas para após a ascensão de Cristo. Não faria sentido Cristo dizer que estaria com os seus discípulos através do seu Espírito se continuasse a estar com eles em carne.

JOÃO 16 – “NÃO FALARÁ DE SI MESMO”

Ainda no mesmo contexto, falando sobre o *parákletos*, Jesus disse:

“Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir.” - João 16:13.

Novamente o Senhor Jesus repete sobre o *parákletos* o que já havia dito em João 14:17, que o *parákletos* é o Espírito da verdade.

João 16:13 também afirma que este “Espírito da verdade” não falaria de si mesmo. Ora, essa característica de não falar de si mesmo é conhecida daqueles que lêem o evangelho. Sobre quem foi dito várias vezes que não falava de si mesmo? Como vimos, o Espírito da Verdade é o próprio Espírito de Jesus Cristo e este declarou várias vezes que não falava de si mesmo:

“Porque eu não falei por mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, esse me deu mandamento quanto ao que dizer e como falar.” - João 12:49.

“Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem faz as suas obras.” - João 14:10.

“Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, há de saber se a doutrina é dele, ou se eu falo por mim mesmo.” - João 7:17.

“Muito tenho que dizer e julgar de vós. Mas aquele que me enviou é verdadeiro, e o que dele ouvi digo ao mundo.” - João 8:26.

“Quem não me ama, não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai que me

enviou.” - João 14:24.

“Pois lhes dei as palavras que tu me deste, e eles as receberam. Verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que me enviaste.” - João 17:8.

A mensagem de Cristo não teve origem nele, mas em seu Pai. Cristo deixou este fato bastante claro como pudemos confirmar nestes versos. Cristo não falava de si mesmo. Por que então a mensagem do “Espírito da verdade”, que é o Espírito de Cristo, deveria ter origem em si mesma?

A origem da verdade está em Deus, o Pai, e estas palavras de verdade foram transmitidas a nós através do Filho Unigênito quando estava entre nós. Hoje tais palavras são transmitidas pelo Espírito (*pneuma*) do Filho Unigênito, o *parákletos*. Mas os textos bíblicos enfatizam qual é a origem das palavras da verdade: o Pai.

Estas semelhanças entre as características do *parákletos* e as de Cristo não deixam dúvidas: o *parákletos* é o próprio Espírito de Cristo, não falando de si mesmo, mas transmitindo as palavras do Pai. O *parákletos* não é uma terceira pessoa de uma suposta Trindade, mas o próprio *pneuma* de Jesus.

Vejamos a sequência do capítulo 16:

“Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.” - João 16:14.

Há três informações neste verso: (1) “*Ele me glorificará*”, (2) “*Ele há de receber do que é meu*” e (3) “*Ele vo-lo há de anunciar*”. E a questão é: Quem é o “ele” do verso 14? Sobre quem Jesus está falando? Sobre o *parákletos*? Sobre seu próprio Espírito? Sobre o Pai? Ou sobre uma terceira pessoa da Trindade? Quem é o “ele” de João 16:14? A resposta está no verso seguinte:

“Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vos disse que há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.” - João 16:15.

É evidente que Cristo está falando a respeito do Pai nos versos 14 e 15. O verso 14 tem muita semelhança com o verso 15. Pare por alguns segundos e note as semelhanças. É incontestável que o verso 14 refere-se ao Pai, pois este é quem glorifica o Filho.

“Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei.” - Hebreus 5:5.

O próprio Cristo admitiu que não poderia glorificar-se a si mesmo, mas que

o Pai o glorificaria:

“Respondeu Jesus: Se eu me glorificar a mim mesmo, a minha glória não é nada; quem me glorifica é meu Pai, do qual vós dizeis que é o vosso Deus.” - João 8:54.

A Bíblia mostra que a glorificação é um ato bilateral entre Deus e o seu Filho. O Pai glorificou o Filho e o Filho glorificou o Pai através de suas obras:

“Depois de assim falar, Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o Filho te glorifique... Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer. Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse.” - João 17:1, 4 e 5.

Cristo, falando sobre si mesmo, em terceira pessoa, afirmou:

“Também Deus o glorificará em si mesmo, e logo o há de glorificar.” - João 13:32.

Por que Jesus interrompe seu discurso sobre o *parákletos* e fala sobre a glória que receberá do Pai nos versos 14 e 15? Ora, a concessão do Espírito de Cristo em sua plenitude não ocorreria imediatamente após a ascensão de Cristo, mas estava condicionada à sua glorificação. Por isso a ordem natural dos fatos deveria ser obedecida: Em primeiro lugar Cristo deveria ser glorificado pelo Pai, posteriormente Cristo enviaria o seu Espírito (*parákletos*). Aqui está a relação entre a glorificação de Cristo e a concessão do Espírito Santo:

*“Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Ora, isto ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; **pois o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado.**” - João 7:38 e 39.*

Fica então evidente a razão de Cristo ter inserido em seu discurso um comentário parentético sobre sua glorificação (versos 14 e 15). Cristo precisaria voltar para o Pai, ser glorificado, e depois voltar espiritualmente (enviando o seu *pneuma*). Com isto em mente, fica mais simples entender o verso seguinte, o verso 16:

“Um pouco, e não me vereis, e um pouco ainda e me vereis.” - João 16:16.

Temos neste verso uma clara menção ao breve período de tempo que Jesus permaneceria pessoalmente (em carne) com os seus discípulos e depois subiria ao Pai (“*um pouco e não me vereis*”). O verso conclui falando sobre o breve período em que Cristo deveria ser glorificado pelo Pai e, posteriormente, manifestar-se em Espírito aos seus discípulos (“*e um pouco ainda e me vereis*”).

Não há dúvidas, o *parákletos* prometido por Cristo é ele mesmo em espírito, é seu próprio *pneuma*. Vejamos se João interpretou desta forma o termo *parákletos* usado por Jesus.

I JOÃO 2:1 – O PARÁCLITO, NOSSO ADVOGADO

Na quinta e última vez que a palavra grega *parákletos* é mencionada na Bíblia há uma clareza meridiana sobre quem é de fato o *parákletos*. Se o discurso de Cristo, carregado de símbolos e figuras de linguagem, deixou alguma dúvida sobre quem é o *parákletos*, o texto de I João 2:1 irá dirimi-la.

Desta vez a palavra *parákletos* não sai diretamente do discurso de Cristo, mas de uma epístola de João. O apóstolo João, que ouviu Cristo várias vezes falar sobre o *parákletos* e relatou o discurso de Cristo, agora tem a oportunidade não apenas de utilizar o mesmo termo grego em sua epístola como também de declarar abertamente quem é o *parákletos* de forma clara e inequívoca.

Infelizmente a palavra *parákletos* de I João 2:1 não é traduzida como Consolador. Desta vez a tradução mais comum é Advogado. Cabe aqui um questionamento: Por que na maioria das versões da Bíblia a palavra *parákletos* é traduzida como “Consolador” nas quatro vezes em que aparece no evangelho de João e a mesma palavra é traduzida como “Advogado” quando aparece em I João 2:1? Não seria esta uma tentativa dos tradutores, em sua maioria trinitarianos, de quebrar a relação entre o *parákletos* do Evangelho com o *parákletos* da epístola, sugerindo duas pessoas diferentes quando na verdade a pessoa e o termo utilizado no original são exatamente os mesmos?

Mas a forma como a palavra *parákletos* é traduzida do grego para o nosso idioma não pode nos fazer imaginar que o *parákletos* de I João 2:1 seja diferente do *parákletos* de João 14, 15 e 16. Vejamos quem é o *parákletos* segundo a interpretação do apóstolo João:

“Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se todavia, alguém pecar, temos um parákletos junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.” - I João 2:1.

Não há mais dúvidas. A Palavra de Deus é maravilhosa e se explica por si mesma. O *parákletos* (Consolador, Conselheiro, Ajudador, Advogado) é um só: Jesus Cristo, nosso Senhor, que atua em nossa vida através do seu *pneuma* santo.

CONCEITOS PRINCIPAIS DESTE CAPÍTULO

1. Cristo, ao referir-se ao *parákletos* (Consolador), usou uma linguagem simbólica (João 16:25).
2. O termo grego *parákletos* é mencionado 5 vezes nas Escrituras e significa conselheiro, confortador, ajudador, alguém que está ao lado para apoiar.
3. O texto que descreve a promessa da vinda do *parákletos* está entremeado de promessas onde o próprio Cristo promete que estaria novamente com seus discípulos.
4. O “outro” *parákletos* é o próprio Cristo que viria de outra forma para confortar e consolar os seus discípulos: não viria de forma visível, em carne, mas de forma espiritual.
5. O *parákletos* é o Espírito de Cristo e também o Espírito de Deus, já que ambos compartilham o mesmo espírito.
6. O *parákletos* “procede do Pai” (João 15:26). O verbo “proceder” no grego tem o sentido de “partir de dentro para fora” o que mostra que o *parákletos* é parte integrante de Deus e não uma entidade distinta e autônoma fora de Deus.
7. O apóstolo João ao mencionar o *parákletos* em sua primeira epístola (I João 2:1) deixa claro que o *parákletos* é o próprio Cristo.

JESUS CRISTO É DEUS?

Em capítulos anteriores foram citadas afirmações bíblicas categóricas acerca de duas verdades inquestionáveis. A primeira é que há apenas um Deus verdadeiro. A segunda é que este único Deus verdadeiro é o Pai, o Deus Todo-Poderoso.

Neste ponto alguns poderão perguntar se Jesus é Deus. Se o único Deus verdadeiro é o Pai, como explicar os textos bíblicos que afirmam que Jesus é Deus?

Antes de responder a esta questão é conveniente lembrar alguns textos que afirmam que existe um único Deus verdadeiro, o Pai. Vejamos:

*“[Há]... **um só Deus e Pai de todos**, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.” - Efésios 4:6.*

*“**Não há outro Deus, senão um só...** Todavia, para nós **há um só Deus, o Pai**, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós, também por ele.” - I Coríntios 8:4 [u.p.] e 6.*

*“Porquanto **há um só Deus** e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem.” - I Timóteo 2:5.*

*“E a vida eterna é esta: **que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro**, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” - João 17:3.*

De fato, os versos acima, além de afirmarem que existe um único Deus, afirmam também quem é este único Deus. Somos obrigados a admitir que, de acordo com estes versos, quando se fala a respeito do único Deus verdadeiro não está se falando do Deus-Trindade, nem de Jesus Cristo, mas sim do Pai. Dos quatro versos acima, os dois primeiros identificam o único Deus como sendo o Pai e os três últimos fazem uma clara distinção entre este único Deus e Jesus Cristo.

Como conciliar o fato incontestável de que o Pai é o único Deus verdadeiro com as várias declarações bíblicas onde Jesus Cristo aparece como “Deus”?

Cristo usava o título “Filho do homem” para se referir a si mesmo. Esta expressão aparece sendo usada por Jesus mais de 80 vezes nos evangelhos. Já a expressão “Filho de Deus” (juntamente com as variantes “Filho do Deus vivo”, “Filho do Deus Altíssimo” e “Seu [de Deus] Filho”) é, sem dúvida, a mais utilizada no Novo Testamento para designar a Jesus Cristo. Há mais

de 100 referências no Novo Testamento onde Cristo é identificado como o Filho de Deus. No entanto, há algumas poucas referências onde Jesus é chamado de “Deus”. Vamos citar algumas destas referências aqui:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” - João 1:1.

*“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o principado está sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, **Deus Forte, Pai da Eternidade** e Príncipe da Paz.” - Isaías 9:6.*

*“Deles são os patriarcas, e deles descende Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, **Deus bendito eternamente.**” - Romanos 9:5.*

*“Mas, do Filho, diz: **Ó Deus**, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos...” - Hebreus 1:8.*

A aparente contradição entre os versos que apresentam o Pai como único Deus e os versos que mostram o Filho de Deus com o título “Deus” desafia tanto os trinitarianos como os não trinitarianos. A fim de entendermos que não existe qualquer contradição bíblica a este respeito, devemos entender qual é ou quais são os significados da palavra “Deus”. Em que circunstâncias e para quem a Palavra de Deus atribuiu a expressão “Deus”?

Para facilitar nossa compreensão a respeito da palavra “Deus” vamos partir do conhecido para o desconhecido mostrando os possíveis significados da palavra “homem” para posteriormente analisarmos o significado da palavra “Deus”.

O que significa a palavra “homem”? Uns poderão definir “homem” como um adulto do sexo masculino. Esta definição está correta quando consideramos uma interpretação restrita (*stricto sensu*). No entanto, é possível interpretar o termo “homem” de forma ampla, abrangente (*lato sensu*). Quando dizemos que o homem tem destruído a natureza, estamos nos referindo ao gênero humano, à raça humana - homens e mulheres. Portanto, é possível usar a palavra “homem” num sentido restrito (significando adulto do sexo masculino) ou no sentido amplo (significando ser humano).

Tendo isso em mente, tente responder à seguinte pergunta: Eva foi homem? A resposta depende da abrangência que estou considerando para o termo “homem”.

Se estivermos considerando o termo “homem” no sentido restrito, então a resposta será negativa. Eva não foi homem, mas mulher. No entanto,

se o sentido amplo da palavra homem for adotado, então Eva pode ser considerada um homem, uma pessoa de natureza humana, como citado em Gênesis 5:1 e 2:

“...No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez. Macho e fêmea os criou; e os abençoou, e os chamou pelo nome de Homem, no dia em que foram criados.” - Gênesis 5:1 e 2.

É claro que a palavra homem, neste verso, tem o significado amplo, abrangente - significa ser humano. No sentido restrito, apenas Adão era homem. Mas se à palavra homem for dado um sentido amplo, é possível considerar Eva como homem.

Da mesma forma, a palavra “Deus” pode assumir um significado restrito ou amplo. No sentido restrito, é correto dizer que apenas o Pai é Deus - assim como dissemos que só Adão é homem. A palavra “Deus” no sentido amplo pode significar ser de natureza divina (assim como “homem” no sentido amplo significa ser de natureza humana). Neste caso é correto dizer que Jesus é Deus.

Portanto, não há contradição entre o que Paulo escreveu (I Coríntios 8:6) e o que Isaías e João escreveram (Isaías 9:6 e João 1:1). Paulo usa o sentido restrito da palavra “Deus” aplicando-a única e exclusivamente ao Pai. Já Isaías e João utilizam-se do sentido amplo da palavra “Deus” aplicando-a o Filho de Deus, Jesus Cristo, pois estão se referindo a sua natureza divina.

O TÍTULO “DEUS” NO SENTIDO AMPLO

É natural que neste momento alguns leitores contestem esta dupla possibilidade de interpretação do título “Deus” pois sempre recebemos uma orientação trinitariana onde a distinção entre o sentido amplo e sentido restrito para o título “Deus” inexistente. Na cabeça de um trinitariano a palavra “Deus” tem apenas um significado, o sentido restrito, e aplica-se à entidade coletiva formada por três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

A melhor forma de nos convenceremos da abrangência de interpretação do título “Deus” é buscarmos na Bíblia exemplos onde tal termo foi usado no sentido amplo. Para tanto, vamos lembrar um episódio da vida de Cristo onde ele foi acusado de blasfêmia pelos judeus. Após dizer “Eu e o Pai Somos Um” (João 10:30) os judeus pegaram em pedras para o apedrejar (João 10:31). Jesus então perguntou: “Muitas obras boas da parte de meu Pai vos tenho mostrado; por qual destas obras ides apedrejar-

me?” (João 10:32). A resposta dos judeus mostrou a má interpretação deles a respeito da declaração de Cristo “Eu e o Pai Somos Um”. Os judeus responderam o seguinte: “Não é por nenhuma obra boa que vamos apedrejar-te, mas por blasfêmia; e porque, sendo tu homem, te fazes Deus.” (João 10:33).

Diante desta acusação Cristo teria duas opções: ou afirmaria que era Deus dizendo “Sim, sou Deus” ou negaria dizendo “não sou Deus, sou apenas um homem.”

Perceba que a resposta de Jesus será crucial para o nosso entendimento do assunto. O que Cristo tem a dizer? É ele “Deus” ou não? É neste momento que Jesus Cristo faz referência ao Salmo 82:6 onde a palavra “*Elohim*” (Deus) é usada de forma abrangente (*lato sensu*). A resposta de Cristo foi brilhante e bem esclarecedora:

“Tornou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Vós sois deuses? Se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada), àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, dizeis vós: Blasfemas; porque eu disse: Sou Filho de Deus?” - João 10:34-36.

O argumento de Cristo para se defender da acusação de blasfêmia consistiu numa citação do Salmo 82:6 onde o termo “Deus” é usado de forma abrangente. A lógica por trás da defesa de Cristo era a seguinte: Se a palavra hebraica *Elohim* (Deus) foi usada de forma abrangente quando atribuída a seres humanos, por que Jesus estaria blasfemando ao dizer que era apenas Filho de Deus? Note que além de mostrar que o termo “Deus” poderia ser usado de forma abrangente, Cristo termina sua resposta reafirmando sua posição de “Filho de Deus”, ou seja, em nenhum momento Cristo afirmou que era também Deus, embora pudesse fazê-lo de forma abrangente como vimos. Afirmou apenas que era Filho de Deus.

Nosso objetivo ao citar o episódio de João 10 foi mostrar que Cristo tentou trazer à mente dos judeus o sentido amplo da palavra “*Elohim*” traduzido como Deus. Cristo lançou mão das Escrituras onde a palavra “Deus” referia-se a seres humanos mortais.

Convém lembrar que o termo “*Elohim*” (Deus) também foi atribuído por Deus a Moisés:

“Então disse o Senhor a Moisés: Eis que te tenho posto como Deus a Faraó, e Arão, teu irmão, será o teu profeta.” – Êxodo 7:1.

Para Faraó, Moisés foi colocado como Deus. Mas Moisés não era Deus no sentido restrito da palavra, não era Deus de forma absoluta. Moisés apenas exerceu o papel de Deus para com Faraó, pois Deus o Pai o constituiu como tal. Moisés foi como Deus apenas sobre Faraó. Ele não foi Deus no sentido absoluto, Deus sobre tudo e sobre todos.

JESUS: UM SEMI-DEUS?

Quando afirmamos que Cristo é Deus no sentido amplo da palavra, sendo que o único Deus no sentido restrito e absoluto é o Pai, não estamos afirmando que Jesus seja um deus de qualidade inferior ou “semi-deus”.

Assim como a mulher não é um homem (ser humano) inferior por ser homem apenas no sentido amplo, não podemos dizer que Jesus seja um deus de qualidade inferior por ser Deus no sentido amplo da palavra.

Paulo afirma que em Cristo *“habita corporalmente toda a plenitude da divindade”* - Colossenses 2:9. Neste momento é importante relembrar que todos os atributos divinos de Cristo foram concedidos pelo Pai. A Palavra de Deus é pródiga em oferecer informações sobre as concessões do Pai ao seu Filho:

“E assim como meu Pai me conferiu domínio, eu vo-lo confiro a vós.” – Lucas 22:29.

“Ao que vencer, e ao que guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com vara de ferro as regerá, quebrando-as do modo como são quebrados os vasos do oleiro, assim como eu recebi autoridade de meu Pai.” – Apocalipse 2:26 e 27.

“Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome.” – Filipenses 2:9.

A esse respeito Pedro afirmou o seguinte.

“Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse mesmo Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.” – Atos 2:36.

Jesus foi feito Senhor e Cristo por Deus, o Pai. Foi o Pai que fez de Jesus o que ele era, é e sempre será. Posteriormente Pedro afirmou que foi Deus, o Pai, que ressuscitou Jesus Cristo e o elevou a uma alta posição:

“O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro; sim, Deus, com a sua destra, o elevou

a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão de pecados.” – Atos 5:30 e 31.

Muitos acreditam que Jesus ressuscitou-se por si mesmo, mas os seguintes versos declaram de forma explícita que o Pai foi quem ressuscitou a Jesus Cristo: Atos 2:24 e 32; Atos 3:15 e 26; Atos 4:10; Atos 5:30; Atos 10:40; Atos 13:30; Atos 17:30 e 31; Romanos 4:17 e 24; Romanos 8:11; Romanos 10:9; I Coríntios 6:14; I Coríntios 15:12-20; II Coríntios 4:14; Gálatas 1:1; Efésios 1:20; Colossenses 2:12; I Tessalonicenses 1:10.

O fato do Pai ter ressuscitado a Jesus surpreende muitos cristãos que crêem que Jesus tinha vida em si mesmo independentemente do Pai. De fato, a Palavra de Deus afirma que Jesus tinha “vida em si mesmo”, mas afirma também que até isso foi por concessão do Pai. Veja:

“Pois assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho ter vida em si mesmo.” – João 5:26.

O Pai também constituiu Jesus como Juiz para julgar os vivos e mortos:

“Este [Jesus] nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos.” – Atos 10:42.

O DEUS DE JESUS CRISTO

A supremacia do Deus Pai sobre seu Filho é bíblicamente incontestável. O Pai é chamado de “Deus do nosso Senhor Jesus Cristo” (Efésios 1:17), mas em nenhum momento Jesus Cristo é chamado de “Deus do Deus Pai”. O próprio Jesus Cristo afirmou que o Pai era o seu Deus: “Eu volto para o meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.” (João 20:17).

O fato do Pai ser o Deus de Jesus Cristo é citado em outras partes das Escrituras e a validade de tal fato não está limitada ao período em que Cristo esteve nesta terra. Apocalipse 1:6 nos diz que Jesus Cristo “nos fez reino e sacerdotes para o seu Deus e Pai”. Paulo tinha esta mesma compreensão e a externou aos Coríntios quando disse: “O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é eternamente bendito, sabe que não minto.” (II Coríntios 11:31). Está claro então que o Pai continuou sendo “Deus” de Jesus mesmo após sua ascensão aos céus.

Paulo afirma em I Coríntios 15:27 que o Pai sujeitou todas as coisas a Cristo, ou seja, colocou todas as coisas sob o domínio do nosso Senhor Jesus. Apesar de ter recebido do Pai toda autoridade no céu e na terra, Cristo coloca-se sempre numa posição de submissão em relação ao Pai.

“O Pai é maior do que eu.” – João 14:28.

Muitos alegam que esta submissão de Cristo durou apenas enquanto ele esteve nesta terra, mas que após ascender aos céus foi glorificado e deste momento em diante passa a ser coigual com Deus.

No entanto, o próprio apóstolo Paulo menciona que após a erradicação total do pecado Cristo submeterá todas as coisas, mas ele mesmo se submeterá a Deus, o Pai.

“Todas as coisas [o Pai] sujeitou debaixo de seus pés [dabaixo dos pés de Cristo]. Mas, quando diz: Todas as coisas lhe estão sujeitas, claro está que se excetua aquele que lhe sujeitou todas as coisas. E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.” – I Coríntios 15:27 e 28.

Numa primeira leitura este texto pode parecer confuso, mas se lido com atenção é fácil compreendê-lo. Este texto diz que quando todas as coisas estiverem sujeitas a Cristo (inclusive a morte), Cristo se sujeitará a Deus, o Pai, aquele que lhe sujeitou todas as coisas.

É por esta razão que Deus, o Pai, é apresentado como sendo Deus de forma absoluta. É Deus sobre tudo e sobre todos. É Deus sobre toda a criação. É meu Deus e seu Deus. O Pai é, inclusive, Deus de nosso Senhor Jesus Cristo. As Escrituras Sagradas não colocam Jesus Cristo como sendo o Deus do Pai, mas colocam o Pai como sendo o Deus de Jesus Cristo. Veja:

*“Eu subo para meu Pai e vosso Pai, **meu Deus** e vosso Deus.” – João 20:17.*

*“Não cesso de dar graças por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, **para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele.**” – Efésios 1:16 e 17.*

Jesus, “aquele que tem os sete espíritos de Deus, e as estrelas” (Apocalipse 3:1) diz o seguinte à igreja de Sardes:

*“Não tenho achado as tuas obras perfeitas diante do **meu Deus.**” – Apocalipse 3:2.*

O mesmo Jesus, “o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi” (Apocalipse 3:7), diz o seguinte à igreja de Filadélfia:

*“Venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. A quem vencer, eu o farei coluna no templo do **meu Deus**, donde jamais sairá; e escreverei sobre ele o nome do **meu Deus**, e o nome da cidade do **meu Deus**, a nova Jerusalém, que desce do céu, da parte do **meu Deus**, e também o meu novo nome.”*
– Apocalipse 3:11 e 12.

Note que nestes versos o Pai é chamado de “O Deus de Jesus”. Jesus mesmo o chama quatro vezes de “meu Deus”. Jesus tinha e tem um Deus. O Deus de Jesus é o Pai, aquele que está sobre tudo e sobre todos. Este pode parecer um conceito muito estranho para quem nasceu e cresceu num ambiente trinitariano, mas é o que a Bíblia nos ensina.

O TÍTULO “DEUS” NA BÍBLIA

A palavra Deus, na Bíblia, é uma tradução do termo hebraico “*Elohim*” ou do grego “*Theos*”. Muitos imaginam que “*Elohim*” é o nome de Deus, o nome do Pai ou o nome da Trindade. Mas “*Elohim*” e “*Theos*” são, na verdade, títulos geralmente atribuídos ao Deus Todo-Poderoso, o Pai. Como vimos anteriormente este título não é atribuído exclusivamente ao Pai. A outras autoridades, homens e anjos, os títulos “*Elohim*” ou “*Theos*” foram atribuídos.

Quando a Bíblia diz que existe um só Deus (um só *Elohim* ou um só *Theos*) ela está dizendo que há apenas um Deus Todo-Poderoso, o Pai. No entanto, os títulos *Elohim* e *Theos* não são atribuídos exclusivamente ao Deus Todo-Poderoso.

Já vimos um exemplo em que Jesus citou um texto das Escrituras Sagradas onde o termo *Elohim* foi atribuído a seres humanos (João 10:34 e 35). Vejamos outros exemplos:

- 1 - Ao deus dos filisteus, Dagom, foi atribuído o título hebraico “*Elohim*”. (I Samuel 5:7).
- 2 - Ao deus dos moabitas, Camos, também foi atribuído o título “*Elohim*”. (Juízes 11:24).
- 3 - O autor do livro de Hebreus ao citar Salmo 8:4 e 5 transcreve a palavra “*Elohim*” como “anjos”. Compare o texto original e sua transcrição:

“Que é o homem, para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco abaixo de Elohim o fizeste; de glória e de honra o coroaste.” - Salmo 8:4 e 5.

Leiamos com atenção Hebreus 2:6 e 7 para confirmarmos como o texto do

salmista é reescrito e como o autor de Hebreus interpreta quem era o *Elohim* citado em Salmos:

“Que é o homem, para que te lembres dele? ou o filho do homem, para que o visites? Fizeste-o um pouco menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste.” - Hebreus 2:6 e 7.

Através desta transcrição fica claro que o autor de Hebreus interpretou o *Elohim* de Salmos, neste caso, como sendo os anjos.

4 - Gênesis 32:22 a 32 relata a luta que Jacó teve com Deus. No verso 30 Jacó diz: “Vi Deus (*Elohim*) face a face e minha vida foi poupada”. É claro que a palavra *Elohim*, traduzida por “Deus” não está se referindo ao Deus, o Pai, ao Deus Todo-Poderoso, mesmo porque as Escrituras afirmam que “ninguém jamais viu a Deus” (I João 4:12). Quem então foi o “*Elohim*” que lutou com Jacó? Oséias 12:4 responde, falando que Jacó “como príncipe lutou com o anjo e prevaleceu”. Quando Gênesis narra a luta de Jacó com *Elohim*, neste caso *Elohim*, conforme Oséias 12:4, é um anjo, um representante do Deus Todo-Poderoso.

Em II Coríntios 4:4 o título “*Theos*”, que significa Deus, foi atribuído ao diabo.

“Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, é naqueles que se perdem que está encoberto, nos quais o (THEOS) deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.” – II Coríntios 4:3-4.

Novamente é importante lembrar que no original grego todas as letras eram maiúsculas. Portanto no original foi escrito *THEOS*. Os tradutores é que decidem se traduzem *THEOS* com letra minúscula (deus) ou com letra maiúscula (Deus). O *THEOS* de II Coríntios 4:3-4 foi escrito da mesma forma, em grego, que o *THEOS* de João 1:1.

A maioria dos tradutores é trinitariana. Eles, portanto, usam a seguinte convenção: Quando *Elohim* ou *Theos* é atribuído ao Pai ou a Jesus Cristo o termo é traduzido com inicial maiúscula (Deus). Quando estes títulos são atribuídos a outras autoridades, representantes de Deus, diabo ou deuses pagãos os tradutores optam pela inicial minúscula (deus). A adoção de tal padrão inevitavelmente condiciona os leitores a interpretarem que Jesus é Deus no mesmo sentido que o Pai, ou seja, Deus *stricto sensu*.

PLURALIDADE EM ELOHIM

Muitos trinitarianos tentam defender a doutrina da Trindade baseados no

fato de que o termo “*Elohim*” é um termo plural. Realmente o termo “*Elohim*” é plural e, além disso, há alguns textos bíblicos onde Deus se apresenta na primeira pessoa do plural: Gênesis 1:26 (“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”) e Gênesis 11:7 (“Vinde, desçamos, e confundamos ali a sua linguagem”).

Que conclusão chegamos ao saber que o termo “*Elohim*” tem natureza plural e que Deus se apresenta algumas vezes na primeira pessoa do plural? São estas, porventura, provas de que Deus é composto por uma pluralidade de pessoas?

Vimos na seção anterior que o termo “*Elohim*” não foi aplicado apenas ao Deus Todo-Poderoso. Este termo foi atribuído também a deuses pagãos como Dagom e Camos, foi atribuído também ao anjo que lutou com Jacó. Até mesmo os filhos de Deus a quem a Palavra de Deus foi dirigida foram chamados de “*Elohim*” (ver João 10:34 a 35 que faz referência a Salmo 82:6). Porventura estas entidades às quais o termo “*Elohim*” foi atribuído também são entidades plurais, ou seja, cada uma delas é composta por mais de uma pessoa? Certamente não. Então como interpretar o termo plural “*Elohim*”?

O que ocorre neste caso é a aplicação de um recurso de linguagem chamado “Plural de Majestade” ou “Plural Majestático”. O termo plural aqui denota majestade, excelência, superioridade não numérica, mas qualitativa.

O recurso linguístico plural de majestade pode ser usado empregando-se a primeira pessoa do plural (“nós”) no lugar da primeira pessoa do singular (“eu”). Quando digo “Nós queremos manifestar nossa satisfação” em vez de “Eu quero manifestar minha satisfação” estou usando o plural de majestade.

Embora a denominação de “plural majestático” seja relativamente recente, este recurso de linguagem é muito antigo e já era utilizado no período em que a Bíblia foi escrita. Vejamos um exemplo de utilização deste recurso na Bíblia. Em Esdras 4 lemos de uma carta que foi enviada ao rei Artaxerxes: “Esta é uma cópia da carta que enviaram ao rei Artaxerxes...” (verso 11). Note que o destinatário da carta foi o rei Artaxerxes. No verso 18 está a resposta do rei que diz “a carta que **nos** enviastes” (Esdras 4:18). Por que Artaxerxes diz “a carta que nos enviastes” e não “a carta que me enviastes”? A carta não havia sido enviada ao rei? Vemos aqui uma ocorrência do plural de majestade.

Os rabinos judeus, grandes conhecedores do idioma hebraico, jamais interpretaram a pluralidade do termo “*Elohim*” como um Deus composto por uma pluralidade de pessoas. Também não interpretam Gênesis 1:26 e 11:7

como uma referência a um Deus composto por várias pessoas. No entender destes conhecedores da religião judaica e da língua hebraica tais expressões são uma aplicação do recurso linguístico do plural de majestade de modo que não podemos concluir que a palavra hebraica “*Elohim*” refira-se a um ser intrinsecamente plural.

CONCEITOS PRINCIPAIS DESTE CAPÍTULO

1. A Bíblia deixa claro que existe apenas um Deus que é o Pai. (Efésios 4:6; I Coríntios 8:4 e 6; I Timóteo 2:5; João 17:3)
2. Há mais de 100 referências no Novo Testamento afirmando que Jesus Cristo é o Filho de Deus.
3. Algumas referências de Cristo como sendo Deus não consistem em contradição com os versos que afirmam que o Pai é o único Deus, pois podemos perfeitamente interpretar o título Deus no sentido amplo (*latu sensu*).
4. Cristo interpretou alternativamente o título “Deus” de forma ampla aplicando-o não ao Pai, mas às pessoas às quais a Palavra de Deus foi dirigida (João 10:34-36).
5. Cristo recebeu todo o poder e autoridade de Deus. Foi o Pai que o fez Senhor e Cristo (Atos 2:36). Foi o Pai que concedeu a Cristo que tivesse vida em si mesmo (João 5:26).
6. Deus o Pai é considerado o nosso Deus e o Deus de Jesus Cristo. (Efésios 1:17; João 20:17; Apocalipse 1:6; 3:2, 11 e 12; II Coríntios 11:31)
7. A submissão de Jesus Cristo ao Pai não se limitou ao tempo em que Cristo ministrou em carne nesta terra (João 14:28). Após a erradicação do pecado Cristo se sujeitará ao Pai (I Coríntios 15:27 e 28).
8. A palavra “Deus” (*Elohim* no hebraico) não é um nome pessoal mas um título que na maioria das vezes é aplicado ao Pai. Mas na Bíblia tal título foi algumas vezes dirigido a outras autoridades: homens, anjos e até mesmo deuses pagãos.
9. A pluralidade do título *Elohim* não expressa necessariamente a quantidade, mas a autoridade daquele a quem o título é atribuído. Este recurso linguístico é conhecido como “Plural de Majestade”.

A HISTÓRIA DA DOCTRINA DA TRINDADE

Ao longo da leitura deste livro pudemos comprovar que a doutrina da Santíssima Trindade como pregada pela igreja Católica e por várias denominações protestantes não tem base bíblica. Na verdade, a palavra “Trindade” ou “Triúno” nunca foi utilizada pelos autores bíblicos. Esta doutrina é completamente estranha aos Israelitas do Velho Testamento e aos cristãos que viveram no período em que o Novo Testamento foi escrito. Nesta seção mostraremos de forma bem resumida como a partir do quarto século a doutrina da Santíssima Trindade foi introduzida paulatinamente na igreja cristã.

PAGANIZAÇÃO DO CRISTIANISMO

Nos primeiros séculos da era cristã o mundo estava sob o controle do Império Romano. Os imperadores daquela época perceberam que poderiam governar com maior facilidade utilizando-se da religião, unindo a Igreja com o Estado.

A união da Igreja com o Estado trouxe o paganismo para dentro da religião cristã que até então, mesmo em meio a perseguições, se mantinha pura. Ao longo das páginas da história da Igreja podemos detectar claramente um processo de paganização da religião cristã. Muitas teorias e práticas surgiram como mistura de conceitos da cultura pagã dos gregos e romanos com a cultura judaico-cristã. Um exemplo é a adoração de imagens de escultura, algo abominável para os apóstolos e profetas do Velho Testamento por ser prática claramente pagã. Mas a nova idolatria era adaptada para agradar aos cristãos. As imagens adotadas eram de Jesus e dos apóstolos e pretendiam apenas representar a divindade e os apóstolos - a princípio sem o objetivo de adoração, mas que demonstrou ser uma direta transgressão do primeiro e segundo mandamentos: *“Não terás outros deuses diante de mim”* e *“não farás para ti imagens de escultura”*.

Os conceitos básicos para o estabelecimento da doutrina da Trindade surgiram dentro deste contexto de paganização do cristianismo. Através dos concílios ecumênicos a filosofia trinitariana foi se delineando até chegar ao modelo de divindade defendido hoje pela igreja católica e pela grande maioria das igrejas protestantes. Vejamos quais foram os primeiros e decisivos passos para a elaboração da doutrina da Trindade.

O CONCÍLIO DE NICÉIA

O primeiro concílio de Nicéia ocorreu em 325 d.C. durante o reinado do imperador romano Constantino I, o primeiro imperador romano a aderir ao cristianismo. Esta foi a primeira conferência ecumênica de bispos da Igreja Católica.

Naquela ocasião a Igreja atravessava uma grande controvérsia com relação à natureza de Cristo. Um sacerdote de Alexandria chamado Ário defendia que Jesus não era Deus, era mortal e nem sempre existira. A controvérsia chegou a tal ponto que o imperador Constantino convocou para o verão de 325 d.C. os bispos de todas as províncias a fim de debater o assunto. Um grande número de bispos atendeu à convocação de Constantino para o Primeiro Concílio de Nicéia que foi aberto formalmente em 20 de maio. Após um mês, em 19 de junho, foi promulgado o Credo de Nicéia.

Um “credo” é um documento preparado pela liderança da Igreja que contém as crenças fundamentais que todos os cristãos devem professar. Quem não professasse este conjunto de doutrinas era expulso da igreja. Isto aconteceu com alguns bispos que discordaram do Credo de Nicéia.

No credo de Nicéia lia-se o seguinte:

“Cremos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus gerado pelo Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual foram feitas todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na Terra; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu, e se encarnou e se fez homem e sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e novamente deve vir; e no Espírito Santo.” - (Citado por John H. Leith em Creeds of the Churches, págs. 30 e 31)

Perceba que o credo de Nicéia ainda não estabelece explicitamente a crença na doutrina da Trindade, mas prepara o caminho para que a doutrina da Trindade seja claramente exposta em credos posteriores. O credo de Nicéia colocou Jesus Cristo no mesmo patamar do Pai. Lembre-se de que Jesus declarou que o único “Deus verdadeiro” era o Pai (ver João 17:3). Agora o credo de Nicéia diz que Jesus é “Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”. Além disso o credo afirma que Cristo é da mesma substância (“homoousious” no grego) que o Pai. A Bíblia não define nem apresenta tal conceito de

substância. Note como os fundamentos para a formulação da doutrina da Trindade lançados em Nicéia afastam-se dos conceitos estabelecidos pela Bíblia e refletem a tendência do homem de especular sobre Deus.

O credo de Nicéia não significou o fim da controvérsia ariana. Muitos sacerdotes e bispos convenceram-se de que o credo de Nicéia não tinha fundamento bíblico pois introduzia o conceito de consubstância entre Deus e Jesus, um conceito que a Bíblia jamais apresentou. Esta controvérsia durou ainda aproximadamente cinquenta anos até que um novo concílio foi convocado para tratar do assunto. Em 381 d.C. foi realizado o Primeiro Concílio de Constantinopla. O novo credo estabelecido em Constantinopla, além de manter o conceito de consubstancialidade entre Deus e Jesus, introduziu o Espírito Santo como sendo uma pessoa divina que deveria ser reconhecida como “Senhor” e deveria ser adorada e glorificada assim como o Pai e o Filho. Veja uma parte do que ficou conhecido com o Credo Niceno-Constantinopolitano de 381 d.C.

“Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não criado, consubstancial ao Pai. (...)

Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas.

Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para remissão dos pecados. Espero a ressurreição dos mortos; E a vida do mundo que há de vir. Amém.” - (Citado por John H. Leith em Creeds of the Churches, pág. 33)

Desta forma, no final do quarto século as bases para a oficialização da doutrina da Trindade já estavam estabelecidas: Em Nicéia (325 d.C.) Jesus já havia sido declarado igual ao Pai em substância e em essência; em Constantinopla (381 d.C.) o Espírito Santo ganhava *status* de pessoa divina que deveria ser louvada e adorada.

Posteriormente, no credo de Atanásio, a doutrina da Trindade foi declarada de forma clara e cristalina. Verifique algumas partes importantes deste credo:

“Todo aquele que quiser salvar-se, deve mais do que tudo ter a fé católica. Aquela que não a guardar pura e inteira, de certo perecerá eternamente.

A fé católica, pois, é esta: Adoramos um Deus em Trindade e a Trindade em Unidade. Sem confundirmos as Pessoas ou dividir a substância. Porque uma é a Pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo.

Mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm uma só divindade, Glória igual e coeterna Majestade. O que o Pai é, tal é o Filho e tal o Espírito Santo. (...) Assim também o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus. (...) Porque, como a verdade cristã nos obriga a confessar que cada uma das Pessoas por si só é Deus e Senhor, assim a religião católica proíbe-nos dizer que há três Deuses ou três Senhores.

O Pai não foi feito por ninguém, nem foi criado, nem gerado. O Filho é do Pai somente; não foi feito, nem foi criado, mas gerado. O Espírito Santo é do Pai e do Filho; não foi criado, nem gerado, mas, deles procede. (...)

E nesta Trindade não há primeiro nem último; nem um é maior ou menor do que o outro; mas as três pessoas são justamente de uma mesma eternidade e igualdade. (...)

Aquele, pois, que quiser salvar-se, deve assim pensar e crer na Trindade. (...) Esta é a fé católica, na qual o que não crer fielmente, não poderá salvar-se.” - (Citado por John H. Leith em Creeds of the Churches, págs. 705 e 706)

Vejamos o que diz “O Catecismo do Católico de Hoje”, pág. 12:

*“A Igreja estudou este mistério com grande solicitude e, **depois de quatro séculos** de investigações, decidiu expressar a doutrina deste modo: Na unidade da Divindade há três pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – realmente distintas uma da outra. Assim nas palavras do Credo de Atanásio: “O Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus, e no entanto não são três deuses, mas um só Deus.” - O Catecismo do Católico de Hoje. pág. 12 (Número 1248 - Editora Santuário – Edição 28 – 2002)*

Um dos grandes argumentos contrários à doutrina da Trindade como

elaborada pela igreja católica e pregada pela maioria das organizações cristãs é que tal doutrina não foi elaborada a partir de uma linguagem bíblica e, portanto, para sustentá-la há que se lançar mão de um vocabulário estranho à Palavra de Deus. Termos como “Trindade”, “Deus Filho”, “Deus Espírito Santo”, “Coigual”, “Consustancial”, “Coeterno”, mesmo sem serem encontrados na Bíblia foram introduzidos nos primeiros séculos para tentar explicar o dogma do Deus-Triúno.

Neste ponto convém lembrar que as raízes do cristianismo puro estão no judaísmo. Dentro da perspectiva judaica o fato de Deus ser único (único mesmo!) jamais foi questionado. Infelizmente os cristãos foram forçados a abandonar a forma judaica de entender o Deus Todo-Poderoso e sucumbiram diante da forte influência greco-romana. Diante da força militar dos romanos e da influência cultural dos gregos não nos causa nenhuma estranheza o fato dos cristãos nesta época substituírem o Deus Único dos judeus pelo Deus Plural dos Gregos e Romanos. Este foi o maior desastre da história para a religião cristã: quando a teologia dos hebreus foi influenciada pela mitologia dos gregos e romanos.

É importante lembrar que naquela época outras decisões foram tomadas de modo a alterar a religião pura e verdadeira. Em 321 d.C. Constantino decretou que não mais o sábado, mas o domingo, deveria ser o dia de guarda dos cristãos. Sabemos que os pagãos adoravam o sol e os cristãos e judeus guardavam o sábado. Mas neste momento, através de um decreto de Constantino, uma nova doutrina foi estabelecida: os cristãos poderiam continuar guardando um dia por semana, o domingo (o dia do Sol, Sunday em inglês). Desta maneira, cristãos e pagãos poderiam novamente se unir no novo sistema de adoração meio pagão, meio cristão.

Concluimos que a doutrina da Trindade surgiu de um fenômeno que chamamos de paganização do cristianismo; fenômeno que, além de estabelecer a adoração de um Deus-Triúno, levou a igreja a adotar o culto com imagens de escultura e a alterar o dia de guarda do sábado para o domingo. É importante relembrar que tais mudanças não tinham fundamento bíblico, mas foram introduzidas paulatinamente por homens que viam na religião uma forma de conquistar o poder político e conciliar as forças dominantes da sociedade.

Efeitos da Paganização do Cristianismo na Adoração		
	Cristianismo Original	Cristianismo Paganizado
Como Adorar?	Adoração em Espírito e em Verdade	Adoração Através de Imagens de Escultura
Quando Adorar?	No Sábado, o Sétimo Dia	No Domingo, o Dia do Sol
A Quem Adorar?	Deus, o Pai e o Filho de Deus	O Deus-Trino

CONCEITOS PRINCIPAIS DESTE CAPÍTULO

1. A doutrina da Trindade não existia na época em que o Velho Testamento foi escrito. Os apóstolos que escreveram o Novo Testamento também não tinham conhecimento desta doutrina.
2. Os conceitos que serviram de fundamento para a doutrina da Trindade foram se estabelecendo formalmente a partir do quarto século.
3. O contexto histórico da elaboração da doutrina da Trindade reflete um processo de “paganização do cristianismo” fruto da união da Igreja com o Estado iniciado pelo imperador romano Constantino.
4. Neste processo de paganização do cristianismo outras práticas pagãs foram introduzidas: a adoção de imagens de escultura e a guarda do domingo.
5. O cristão verdadeiro do século 21 deve buscar restaurar o cristianismo primitivo, não paganizado.

A TRINDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS

Após a análise bíblica e histórica apresentada neste livro muitos crentes sinceros poderão levantar as seguintes questões: Qual é a diferença, na prática, entre aceitar a tradicional doutrina da Santíssima Trindade e aceitar a doutrina bíblica que o Pai é o único Deus verdadeiro e Jesus é o Filho de Deus? Nossa salvação depende deste ponto? Todas as pessoas que no passado aceitaram a doutrina católica da Santíssima Trindade e as que hoje a aceitam estarão perdidas para sempre? O assentimento mental de qualquer teoria sobre a divindade terá algum efeito prático na vida do cristão? Ou Deus não leva em conta o que acreditamos desde que tenhamos amor uns para com os outros?

Sem dúvida, tais questões são extremamente relevantes para os seguidores de Cristo que procuram viver uma religião prática. O mundo religioso está cheio de teorias, doutrinas e dogmas que geram debates, conflitos, separações, guerra e morte. Se um ensino bíblico não tiver um efeito prático positivo na vida do cristão, tal ensino é totalmente dispensável e não mereceria nossa atenção. Veremos agora como a compreensão que temos sobre Deus afeta diretamente nossa religião na prática.

ADORAÇÃO: A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO

Envolvidos com atividades sociais, responsabilidades eclesiais, funções administrativas e ministeriais, muitas vezes nos esquecemos da essência da religião que é a **adoração**.

A importância da adoração na religião cristã é indiscutível. Por esta razão todos os aspectos relacionados à adoração devem ser cuidadosamente analisados e jamais menosprezados. Há várias formas de provar que a adoração é um dos elementos mais importantes da religião. Esta importância é facilmente comprovada quando analisamos o esforço de Satanás para deturpar vários aspectos relacionados à adoração verdadeira. Se a adoração não fosse tão importante, certamente o inimigo não atuaria de forma tão especial nesta área.

Podemos ver alguns exemplos bíblicos começando pela tentativa do inimigo de conquistar a adoração para si:

*“Novamente o Diabo o levou a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles; e disse-lhe: **Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares.** Então ordenou-lhe Jesus: Vai-te, Satanás; porque está escrito: **Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás.**” - Mateus 4:8-10.*

Felizmente Satanás não conseguiu alcançar seu grande objetivo de conquistar a adoração do Filho de Deus para si. A obstinação de Satanás por adoração é tão grande que o inimigo declarou guerra contra a adoração ao Deus verdadeiro:

*“Ninguém de modo algum vos engane; porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição, **aquele que se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, de sorte que se assenta no santuário de Deus, apresentando-se como Deus.**” - II Tessalonicenses 2:3 e 4.*

Como Satanás não conseguiu obter a adoração que desejava, seu grande objetivo hoje é atrapalhar a adoração ao Deus verdadeiro atuando em vários aspectos. As grandes mensagens de Deus ao homem têm o objetivo de chamar a atenção para a verdadeira adoração. Vários aspectos que podem parecer irrelevantes à primeira vista, começam a merecer nossa atenção na medida em que descobrimos a relação que estes aspectos mantêm com a adoração.

O Apocalipse, revelação especial para os crentes do tempo do fim, traz várias citações sobre o grande conflito entre Deus e Satanás, um conflito que gira em torno da adoração. Deus, através de seus mensageiros, reclama a adoração para si:

*“Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é chegada a hora do seu juízo; e **adorai** aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” - Apocalipse 14:7.*

*“Eu, João, sou o que ouvi e vi estas coisas. E quando as ouvi e vi, prostrei-me aos pés do anjo que me mostrava estas coisas, para adorá-lo. Mas ele me disse: Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. **Adora** a Deus.” - Apocalipse 22:8 e 9.*

Em contrapartida, o Apocalipse também revela o esforço do inimigo para desviar os crentes da adoração verdadeira. Segundo a profecia bíblica, a besta com aparência de três animais (leopardo, urso e leão) irá receber o

poder e grande autoridade do dragão (Satanás) e obter a adoração de muitos:

“E adoraram o dragão, porque deu à besta a sua autoridade; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem poderá batalhar contra ela?” - Apocalipse 13:4.

A adoração falsa profetizada será uma adoração tríplice. O Apocalipse revela que os enganados por Satanás adoram (1) O dragão, (2) a besta que recebeu autoridade do dragão e (3) a imagem da besta. Esta última recebeu o fôlego (*pneuma*) da besta que subiu da terra.

“Foi-lhe concedido também dar fôlego à imagem da besta, para que a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.” - Apocalipse 13:15.

Note que existe até uma pena de morte para os que não adorarem a imagem da besta. Esta adoração tríplice e falsa é a marca do paganismo. Os povos pagãos adoravam vários deuses, dentre os quais se destacavam tríades, conjuntos de três deuses.

Perceba que a grande vítima da “paganização” do cristianismo ocorrida nos primeiros séculos foi a verdadeira adoração. As perguntas “como adorar?”, “quando adorar?” e “a quem adorar?” tinham outras respostas antes da “paganização” do Cristianismo.

Como vimos, para conciliar pagãos e cristãos as imagens de escultura foram recebidas na igreja. A forma de adoração começava a mudar - uma terrível violação à adoração verdadeira e à lei de Deus! Uma nova resposta à pergunta “como adorar?” estava surgindo. Deus passava a ser adorado através de imagens.

Vimos também que no quarto século o domingo foi oficialmente estabelecido como dia de guarda em substituição à prática de observância do sábado mantida por judeus e cristãos até então. Uma nova resposta para a pergunta “quando adorar?” foi estabelecida. Novamente uma terrível adulteração no dia de adoração especificado por Deus em sua lei!

Poderíamos citar outros exemplos tais como o papel de Maria que, sem dúvida, recebe boa parte da adoração e louvor que deveriam ser dirigidos apenas a Deus e ao Seu Filho, Jesus Cristo.

Mas nosso foco neste livro é a doutrina da Trindade. Precisamos de uma resposta para a pergunta “A quem devemos adorar e louvar?” Ao Pai? Ao Filho? Ao Espírito Santo? A um Deus-Trino? Vamos deixar que a Bíblia responda:

- Adoração ao Pai:

“Então ordenou-lhe Jesus: *Vai-te, Satanás; porque está escrito: **Ao Senhor teu Deus adorarás**, e só a ele servirás.*” - Mateus 4:10.

“*Oh, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou.*” - Salmo 95:6.

- Adoração ao Filho:

“*E entrando na casa [os magos do Oriente], viram o menino com Maria sua mãe e, **prostrando-se, o adoraram**; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro incenso e mirra.*” - Mateus 2:11.

“*Então os que estavam no barco **adoraram-no**, dizendo: Verdadeiramente tu és Filho de Deus.*” - Mateus 14:33.

“*E eis que Jesus lhes veio ao encontro, dizendo: Salve. E elas, aproximando-se, **abraçaram-lhe os pés, e o adoraram.***” - Mateus 28:9.

“*Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho? E outra vez, ao introduzir no mundo o primogênito, diz: **E todos os anjos de Deus o adorem.***” - Hebreus 1:5 e 6.

- Adoração ao Pai e Filho:

“*Ouvi também a toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e no mar, e a todas as coisas que neles há, dizerem: **Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro**, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos: e os quatro seres viventes diziam: Amém. **E os anciãos prostraram-se e adoraram.***” - Apocalipse 5:13 e 14.

“*Depois destas coisas olhei, e eis uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam **em pé diante do trono e em presença do Cordeiro**, trajando compridas vestes brancas, e com palmas nas mãos; e clamavam com grande voz: **Salvação ao nosso Deus, que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro.** E todos os anjos estavam em pé ao redor do trono e dos anciãos e dos quatro seres viventes, e **prostraram-se diante do trono** sobre seus rostos, e **adoraram a Deus**, dizendo: Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ações de*

graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém.” - Apocalipse 7:9-12.

*“E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: **O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo**, e ele reinará pelos séculos dos séculos. E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, **prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus**, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, porque tens tomado o teu grande poder, e começaste a reinar.” - Apocalipse 11:15-17.*

Como ficou claro através destes versos bíblicos, apenas o Pai e o Filho são dignos de adoração. Não encontramos nenhuma evidência bíblica de que o Espírito Santo deva ser adorado ou louvado. No entanto, muitos pregam e cantam louvores ao Deus-Triúno.

O inimigo busca confundir nossa adoração criando mais uma pessoa divina cujo nome é Espírito Santo, quando na verdade o Espírito Santo é um atributo do Pai e do Filho que nós podemos receber, mas não um deus que devemos adorar ou louvar. Lamentavelmente é comum ver crentes sinceros louvando o Espírito Santo e até mesmo orando ao Espírito Santo, quando deveríamos orar ao Pai, em nome de Jesus, pelo derramamento do Espírito Santo.

*“Mas **em vão me adoram**, ensinando doutrinas que são preceitos de homem.” - Mateus 15:9*

Que nossa adoração a Deus não seja vã. Que os preceitos de homens que há muitos anos estão arraigados em nosso coração sejam extirpados. Que possamos nos unir a toda criatura no céu, na terra e no mar e dizer: **“Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos.”** - Apocalipse 5:13 e 14.

CONCLUSÃO

O estudo da bíblia e da história é muito importante para que o cristão sincero conheça o surgimento de doutrinas e práticas como o batismo de crianças, a Trindade, a guarda do domingo, a infalibilidade da liderança da igreja e outras doutrinas não bíblicas.

Infelizmente nosso espaço é limitado para entrarmos em detalhes, mas esperamos através deste breve retrospecto histórico e análise bíblica não apenas conscientizar o leitor como também estimulá-lo a estudar mais profundamente a história usando outras enciclopédias, livros históricos,

internet e outras fontes.

Apesar do estudo da história ser muito importante, o estudo da Palavra de Deus é ainda mais importante, pois lá está a verdade pura e simples: As orientações que conduzem à adoração verdadeira:

“Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.” - João 5:23.

CONCEITOS PRINCIPAIS DESTE CAPÍTULO

1. A essência da religião é a adoração.
2. Ao tentar a Jesus o inimigo buscou a adoração para si.
3. O livro do Apocalipse mostra que o conflito final entre o bem e o mal girará em torno da adoração.
4. O livro do Apocalipse também mostra quem deve ser adorado: Deus, o Pai e o seu Filho, Jesus Cristo.
5. Em nenhum momento a Bíblia ordena ou menciona a adoração e louvor ao Espírito Santo.

APÊNDICE – PERGUNTAS FREQUENTES

“RUACH” PODE SIGNIFICAR “PESSOA”?

Questão 1: Você afirma que as palavras “ruach” e “pneuma” (espírito em hebraico e grego) significam literalmente fôlego, sopro, vento. Estas palavras não poderiam ter um significado mais amplo como “pessoa” e “ser pessoal”?

Classicamente, aceita-se dois tipos de interpretação para um termo: O sentido restrito (*stricto sensu*) e o sentido amplo (*lato sensu*)

O sentido restrito é o que a palavra significa de fato, sua definição de dicionário. Por isso é bem simples saber qual é o sentido restrito de uma palavra. Basta olhar no dicionário. Neste caso, tanto *ruach* quanto *pneuma* significam vento, sopro e fôlego. O grande problema vem quando tentamos atribuir o sentido amplo à palavra (não só à *ruach* ou *pneuma*, mas a qualquer termo). Quão abrangente podemos ou devemos ser sem extrapolar os limites do bom senso?

Neste pequeno livro dei alguns exemplos de versos onde a palavra *ruach* foi traduzida *lato sensu*, ou seja, recebendo um sentido mais amplo do que o sentido restrito fornecido no dicionário. O tradutor bíblico usou as palavras mente e ânimo como possíveis traduções com sentido amplo (*lato sensu*) de *ruach*.

Em contextos simbólicos (profecias ou parábolas, por exemplo) poderíamos ousar ir um pouco mais longe na abrangência do sentido das palavras, mas se começarmos a interpretar a Bíblia abusando do sentido amplo (*lato sensu*), então a quantidade de interpretações “corretas” será infinita.

Portanto, interpretar a palavra *ruach* ou *pneuma* como “um ser pessoal” ou “pessoa” parece ir além dos limites aceitáveis para uma interpretação *lato sensu*. É ir além do que está escrito.

E QUANDO DEUS RETIRA SEU ESPÍRITO?

Questão 2: Se o espírito de Deus é o fôlego que Deus soprou no homem na criação, por que quando Deus retirou o seu espírito de Saul ele não morreu? Por que Faraó percebeu que em José havia o Espírito de Deus se todos os seres humanos vivos têm este espírito (fôlego)?

Essa é uma boa questão. A palavra *ruach* aparece na Bíblia representando

dois conceitos diferentes, mas ambos com o significado de fôlego e sopro. Um significado de *ruach* é o espírito do homem, seu fôlego de vida, dado por Deus na criação e separado do corpo por ocasião da morte. Todos os seres vivos têm este *ruach*.

“E o pó volte à terra, como o era, e o espírito (ruach) volte a Deus, que o deu.” - Eclesiastes 12:7.

Para expressar este conceito, a Bíblia usa a expressão “espírito (*ruach*) do homem”. Então quando lermos “espírito do homem” podemos entender que se trata do espírito, fôlego de vida, sopro vital sem o qual o ser humano não vive (fisicamente falando). É claro que a origem deste fôlego está no Criador, mas não podemos confundir o que a Bíblia chama de “*ruach* do homem” com o que ela chama de “*ruach* de Deus”.

Não é difícil entender esta diferença: Todos os seres humanos vivos de nosso planeta têm o fôlego vital (*ruach* do homem). Muitos homens que têm este fôlego andam, trabalham, comem e bebem, mas não têm dentro de si o *ruach* de Deus. Por isso tais homens têm o poder físico para sobreviver (que veio de Deus na Criação), mas não têm o poder espiritual para vencer o pecado (que também vem de Deus, mas na Redenção).

Isso explica porque Faraó notou que José era diferente dos demais: Ele não tinha apenas o poder físico, mas tinha o poder espiritual - o *ruach* de Deus habitava em José. Isto também explica porque Deus tirou o Seu Espírito de Saul e este continuou vivendo - Deus tirou de Saul o *ruach* espiritual, não o *ruach* do homem Saul.

De qualquer forma, não derivamos daí que o *ruach* de Deus é um ser pessoal e o do homem não é um ser pessoal. Não é possível chegarmos a esta conclusão diante do abordado nesta questão. Eu diria que um *ruach* é o poder físico para a vida biológica que Deus concede a todos os homens. O outro *ruach* é o poder espiritual que Deus dá aos que O aceitam e se arrependem. Ambos provêm de Deus, mas nenhum deles é uma pessoa, mas sim um elemento de Deus que nos é concedido para nossa vida física e espiritual.

OS ANJOS SÃO ESPÍRITOS E SÃO PESSOAS?

Questão 3: A Bíblia diz que os anjos são espíritos. Sabemos também que os anjos são seres pessoais. Portanto, ao aplicar-se o termo “espírito” aos anjos, não se está dizendo fôlego, vento, sopro, mas sim de “pessoas”, seres vivos, inteligentes, que agem, reagem,

pensam, decidem. Não podemos concluir destes fatos que os espíritos são seres pessoais?

Não há dúvida de que os anjos são seres pessoais. A Palavra de Deus também afirma que os anjos são espíritos:

“Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação?” – Hebreus 1:14.

A questão chave é a seguinte: O fato de um ser pessoal ser chamado de espírito significa obrigatoriamente que todos os espíritos são seres pessoais? Pense um pouco sobre isso.

Talvez seja difícil responder esta pergunta imediatamente. Vou fazer uma pergunta mais simples, mas da mesma natureza: O fato de um mamífero ser chamado de animal significa obrigatoriamente que todos os animais são mamíferos? Esta questão é mais simples de ser respondida. É claro que a resposta é não!

A Bíblia chama alguns seres pessoais de *pneuma* (espírito) para mostrar que estes são seres espirituais. Além dos anjos, Deus também é chamado de *pneuma* (Veja João 4:24). O Senhor Jesus Cristo também é chamado de *pneuma* (Veja II Coríntios 3:16 e 17). Não só os anjos, o Pai e o Filho são chamados de *pneuma* (espírito), mas todos os que nascem do Espírito são ditos *pneuma*.

“O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” – João 3:6.

Quando a Bíblia diz que os anjos são espírito, Deus é Espírito, o Senhor é Espírito e nós somos espírito ela simplesmente está se referindo ao fato de todos estes possuírem natureza espiritual.

Não podemos confundir esta aplicação direta do termo *pneuma* a seres espirituais com a menção do espírito de alguém ou de algo. Por exemplo, não podemos dizer que são seres pessoais o “espírito do homem”, “o espírito de Deus”, “o espírito do mundo”, “o espírito do erro”, “o espírito do anticristo”. Isto mostra que nem tudo que a Bíblia chama de espírito é um ser pessoal.

QUEM GLORIFICARÁ A CRISTO?

Questão 6: Em sua interpretação de João 16:14 que diz “ele me glorificará” você interpreta o pronome “ele” como sendo o Pai. Você não está desconsiderando o antecedente natural presente no verso anterior (verso 13) que claramente indica que “ele” do verso 14 é o

Espírito da Verdade? (Adaptado de “Parousia” - Ano 4 - Nº 2 - pág. 79)

De fato, o Espírito da Verdade é o antecedente natural do pronome “ele” do verso 14. Além de glorificar a Cristo, o Espírito da Verdade aparece no verso 14 como autor de outras duas ações: (1) “receberá do que é meu [de Cristo]” e (2) “vo-lo anunciará”. Veja:

“Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.” - João 16:13 e 14.

Estas duas ações são chaves para descobrir quem é o Espírito da Verdade. Basta ler o verso seguinte, verso 15:

“Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso eu vos disse que ele, recebendo do que é meu, vo-lo anunciará.” – João 16:15.

A questão aqui é a seguinte: Sobre quem o verso 15 está falando? Quem é o “ele” do verso 15? Quem é o antecedente natural do pronome “ele” do verso 15? Há alguma dúvida de que o antecedente natural do pronome “ele” do verso 15 é o Pai?

Perceba que as mesmas ações atribuídas ao Espírito da Verdade no verso 14 são atribuídas ao Pai no verso 15.

O paralelismo entre o verso 14 e o verso 15 é uma grande evidência de que o Espírito da Verdade é o próprio Espírito do Pai. Ao falar sobre a obra do *parákletos*, Cristo estava falando sobre a sua própria obra e sobre obra do Pai através do Seu Espírito.

Volto a repetir: Ao falar sobre o *parákletos*, Jesus estava usando um símbolo para se referir à ação espiritual de Deus (ação do Espírito de Deus) sobre os discípulos após sua ascensão ao céu. Está mais do que evidente que Jesus estava usando linguagem simbólica para se referir ao Pai. Esta evidência torna-se ainda mais clara ao lermos o resto do capítulo 16, principalmente o verso 25, onde o próprio Cristo admite estar usando linguagem simbólica para falar a respeito do Pai:

“Disse-vos estas coisas por figuras; chega, porém, a hora em que vos não falarei mais por figuras, mas abertamente vos falarei acerca do Pai.” – João 16:25.

CRISTO FOI GERADO. TEVE ELE UM COMEÇO?

Questão 7: Se Cristo foi gerado de Deus, então ele teve um começo? Houve um tempo em que Cristo não tenha existido?

Um dos atributos do Pai e do Filho de Deus é a eternidade. A eternidade de Deus e de Cristo é diferente da eternidade dos anjos. Os anjos estão sujeitos à sucessão do tempo, mas Cristo foi o Criador de todas as coisas, inclusive do tempo. Isaías afirma que Cristo é o “Pai da Eternidade”. Por esta razão a eternidade de Deus e de Cristo é mais ampla do que a eternidade dos anjos.

Deus e Cristo são “onipresentes no tempo”. Isto significa que Deus não está sujeito à sucessão do tempo como nós, os seres humanos. Assim como Deus é onipresente e não está sujeitos à dimensão espaço, Ele é eterno, criador do tempo, e portanto não está sujeito ou limitado à sucessão do tempo como nós.

Deus e Cristo estão em todos os momentos do tempo. Cristo disse: *“Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, Eu Sou.”* - João 8:58. Note que Cristo não disse “antes que Abraão existisse, eu já era”, mas disse *“antes de Abraão, Eu Sou”*. Cristo é! Cristo é o “Pai da Eternidade”, é o Criador do tempo.

Para ele não há diferença entre um dia ou mil anos (II Pedro 3:8). Portanto, a questão proposta não faz qualquer sentido pois trata-se de uma tentativa de enquadrar a geração do Filho de Deus, o Criador de todas as coisas, inclusive do tempo, numa linha cronológica, o que não é possível.

A Bíblia simplesmente diz que Cristo foi gerado de Deus e *“Deus enviou seu Filho Unigênito ao mundo.”* - I João 4:9.

O QUE É UMA PESSOA?

Questão 8: Você alega que o Espírito Santo não é uma pessoa porque um Espírito não tem corpo. Mas para ser uma pessoa é necessário ter corpo? Deus, o Pai, é uma pessoa. Tem Ele corpo?

Para responder a esta questão temos que verificar o que significa a palavra “pessoa” ou “ser pessoal” na Bíblia. O que faz de mim e de você uma pessoa? Quando passamos a ser pessoas e quando deixamos de ser pessoas?

A Bíblia relata a criação do primeiro homem, o surgimento da primeira pessoa de natureza humana: Adão.

“Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se alma vivente.”
- Gênesis 2:7.

Uma pessoa humana, ou alma vivente, é formada por dois elementos: pó da terra (corpo físico) e fôlego de vida (espírito). Uma pessoa deixa de existir quando estes elementos são dissociados, separados. Este é o conceito bíblico de um ser pessoal. Segundo esta definição Deus seria um ser pessoal?

Sabemos que Cristo tem espírito e corpo. E Deus, o Pai? Tem Ele corpo? A Bíblia dá evidências de que Deus tem um corpo. Segundo a Bíblia, o homem foi formado à imagem e semelhança de Deus, o Pai, e do Seu Filho: *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.”* - Gên. 1:26. O autor de Hebreus diz que *“o Filho é o resplendor da sua glória [de Deus] e a expressa imagem da sua pessoa.”* Paulo diz sobre Cristo: *“Ele é a imagem do Deus invisível”*. Colossenses. 1:15. Não podemos confundir o atributo da invisibilidade com a ausência de corpo. O fato de termos sido criados a imagem e semelhança de Deus e o fato de Cristo ser a *“expressa imagem da sua [de Deus] pessoa”* são evidências claras de que Deus, o Pai, possui um corpo.

Além disso, convém lembrar que os puros de coração verão a Deus (Mateus 5:8). João reafirma a promessa de Jesus relatada em Mateus:

*“Amados, agora **somos filhos de Deus**, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque **assim como é, o veremos**. E todo o que tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também ele é puro.”* - I João 3:2 e 3.

Portanto, uma pessoa deve ter corpo e espírito. Se tivermos dúvidas com relação à personalidade de determinada entidade devemos fazer duas perguntas: Esta entidade tem corpo? Esta entidade tem espírito?

Cristo é uma pessoa? Sim, pois ele tem corpo e espírito. A Bíblia fala do corpo de Cristo e do Espírito de Cristo.

Deus, o Pai, é uma pessoa? Sim, pois a Bíblia dá evidências de que Deus tem um corpo e fala do Espírito de Deus.

E o Espírito Santo, é uma pessoa? A Bíblia fala que o Espírito Santo tem um corpo? Não. A Bíblia fala que o Espírito Santo tem um espírito? Nunca li sobre o Espírito do Espírito Santo. Portanto, o Espírito Santo não é uma pessoa, mas sim o próprio Espírito do Pai e o Espírito de Cristo.

QUAL O SENTIDO DE “UNIGÊNITO”?

Questão 9: Você afirma que Jesus foi gerado de Deus o Pai e usa textos como I João 4:9 para confirmar sua tese. No entanto o adjetivo grego monogenés (traduzido como “unigênito”) é um termo composto de mónos (único) e gínomai (espécie), e não de gennáo (gerar). Isso é confirmado pelo fato do sufixo genés ser grafado apenas com um “n” em vez de dois. Por conseguinte, o termo monogenés não significa necessariamente o único gerado, mas também “único da espécie”, alguém que é “singular”. (Adaptado de “Parousia” - Ano 4 - Nº 2 - pág. 85)

De fato, o adjetivo *monogenés* não significa necessariamente o único gerado, mas também o “único da espécie”. Quando os termos “necessariamente” e “também” são usados na questão acima admite-se que ambos os significados são possíveis para *monogenés*. De qualquer forma, para “garantir” o significado de “único gerado” seria necessário utilizar um adjetivo derivado do verbo *gennáo*.

O que poderia significar ser o “único da espécie”, um ser *monogenés*? Se refletirmos sobre isso vamos chegar à conclusão de que o fato do Filho de Deus ser *monogenés*, único de sua espécie, é o maior argumento contra a teoria da Trindade. De fato, se não há outro ser no Universo da mesma espécie de Cristo, podemos afirmar que todos os outros seres são essencialmente diferentes de Cristo. Isto viola diretamente a teoria da Trindade que prega que o Filho é igual em essência e substância ao Pai e ao Espírito Santo.

Se Cristo fosse consubstancial e coigual com o Pai e com o Espírito Santo, jamais poderíamos afirmar que ele é o único de sua espécie. Haveria mais dois seres da mesma espécie. Como você responderia às seguintes perguntas?

- ✓ Cristo é da mesma espécie que o Pai e que o Espírito?
- ✓ Tem Ele a mesma substância do Pai e do Espírito?
- ✓ Como alguém que tenha a mesma substância e é coigual a outro pode ser único de sua espécie?

Cristo é de fato *monogenés*, é o único de sua espécie. Ninguém é coigual ou consubstancial a Ele. O fato de Cristo ser *monogenés* é portanto um dos grandes argumentos contra a teoria da Trindade.

QUAL O SENTIDO DE “GERADO”?

Questão 10: Em Hebreus 5:5 aparece a expressão do Salmo 2:7: “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei”. O verbo “gerar” é usado nesses textos, não no sentido de uma pretensa origem do Filho antes da eternidade, mas de entronização como Rei sobre as nações (Sl 2:6-9) e de inauguração como sacerdote “segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 5:5, 6). Você não está distorcendo o sentido do verbo gerar neste contexto? (Adaptado de “Parousia” - Ano 4 - Nº 2 - pág. 85)

Devemos tomar cuidado para não inventar novos significados para as palavras com o objetivo de enquadrar as declarações bíblicas dentro de nossos conceitos preestabelecidos. O verbo “gerar” em Hebreus 1:5 e 5:5 é *gennáo* (agora a letra “n” aparece duas vezes). E o que significa *gennáo* com “nn”? O significado de “*gennáo*” é gerar, trazer à existência, fazer nascer.

Quem não acredita numa geração de Cristo pelo Pai ocorrida “desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Miquéias 5:2) aplica o termo “gerar” para a encarnação de Cristo.

Distorcer o sentido do verbo “*gennáo*” é interpretá-lo como entronizar ou inaugurar como sacerdote. Em nenhuma parte da Bíblia o verbo “*gennáo*” foi traduzido como “entronizar” ou “inaugurar”.

O QUE É A MENTE DO ESPÍRITO?

Questão 11: Você afirma que o Espírito Santo é a mente de Deus. Mas isso está em conflito com o ensino bíblico que fala a respeito da “mente do Espírito” (Rm 8:27). Se o Espírito Santo fosse apenas a “mente” de Deus, como poderia o próprio Espírito Santo ter “mente”? Teríamos então que acreditar na existência de uma mente da mente? (Adaptado de “Parousia” - Ano 4 - Nº 2 - págs. 85 e 86)

Imagine-se entrando num restaurante e perguntando ao garçom qual o prato do dia. O garçom, por sua vez, responde desta forma: “Nosso restaurante tem os melhores pratos da região, são pratos de porcelana chinesa”. Qual seria sua reação?

Imagine que um vírus entre em seu computador e destrua seu HD (disco rígido). Você chama o técnico e diz que seu HD foi destruído por um vírus. Ele desmonta seu computador e diz: “Não. O seu HD está intacto, está aqui dentro e a aparência dele é ótima”.

Na língua portuguesa há uma figura de linguagem chamada metonímia que

nos permite citar o continente pelo conteúdo. Quando você se refere ao prato do dia na verdade não está se referindo à vasilha rasa e circular (continente), mas ao seu conteúdo, o tipo de alimento servido no prato. Quando faz referência ao HD destruído pelo vírus não está se referindo a uma possível destruição física do equipamento (hardware) mas à perda de informação que era o conteúdo do disco (os arquivos de dados e programas gravados no disco).

Em nosso idioma a palavra “mente” pode assumir dois significados: o de continente (mente como sendo o sistema cognitivo, faculdade de pensar, de memorizar) e o de conteúdo (mente como planos, propósitos, intenções – na verdade o conteúdo da mente, não a mente em si).

No grego há duas palavras para expressar estes dois sentidos da palavra mente: (1) “*nous*” cujo significado primário é o de continente, ou seja, o sistema cognitivo, a faculdade de pensar, perceber, julgar, entender e (2) “*phronema*” que é o conteúdo da mente, as intenções, os propósitos, os pensamentos que ficam “dentro” da mente.

Podemos dizer que o “*nous*” é o prato, é o HD. Já o “*phronema*” é o alimento que é servido no prato, são os arquivos de dados e programas gravados no HD.

Quando reescreve Isaías 40:13 em Romanos 11:34 e em I Coríntios 2:16 Paulo usa o termo grego “*nous*” para se referir à mente do Senhor. Mente, neste caso, significa o continente: o sistema cognitivo, a faculdade de pensar, não o conteúdo da mente (propósitos e intenções). O Espírito do Senhor para Paulo é a mente (“*nous*”) do Senhor.

Já quando se refere à mente do Espírito em Romanos 8:27, Paulo usa o termo “*phronema*” cujo significado, como já dissemos, é o do conteúdo da mente (propósitos, intenções, planos). Por isso é perfeitamente coerente entender que a mente do Senhor, ou seja, o Espírito possua “*phronema*” (pensamentos, intenções, planos).

Portanto, é possível referir-se à “mente da mente do Senhor” quando a primeira mente significa propósitos, intenções e a segunda mente refere-se as faculdades cognitivas. Teríamos então em Romanos 8:27 uma menção aos propósitos e intenções do Espírito, que seria equivalente aos propósitos e intenções da mente de Deus.

A tradução João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada adota a palavra “intenção” para “*phronema*” em Romanos 8:27: “E aquele que esquadrinha os corações sabe qual é a intenção do Espírito”. Já a Bíblia de Jerusalém utiliza a expressão “desejo do Espírito”.

POR QUE DEUS ENVIA SEU ESPÍRITO E NÃO MORRE?

Questão 12: Como você explicaria o fato de que, quando o espírito sai das pessoas, elas morrem (Sl 146:4), e que, quando o Espírito Santo sai de Deus (Jo 15:26), Este não morre? E mais, por que o Espírito Santo é passível de ser enviado por Deus (Is 48:16; Jo 14:16, 26), e os seres humanos não conseguem enviar o seu próprio espírito? Não seria o caso de que, embora o Espírito de Deus e o espírito do homem sejam “escritos absolutamente da mesma forma em grego” (p. 25), eles são de natureza diferente e, portanto, devem ser interpretados de forma distinta? (Adaptado de “Parousia” - Ano 4 - Nº 2 - págs. 86 e 87)

Como explicar que as asas de um pardal fazem com que ele voe mas as asas de um avestruz não são suficientemente fortes ou grandes para fazê-lo voar? Não escrevemos “asas” da mesma forma para o pardal e para o avestruz? São as asas de um avestruz de natureza diferente das de um pardal? Não só as asas são de natureza diferente como também as aves têm estrutura e natureza diferentes. Poderíamos comparar as asas de um avestruz às asas de um avião e chegaríamos à mesma conclusão: são entidades e asas de natureza completamente diferente. Talvez a única semelhança é o fato de serem asas, uma projeção lateral, um apêndice ao corpo do objeto. Com relação às funções do par de asas, estas podem variar dependendo do objeto ou animal que as possui. Mas continuam sendo asas, e apenas asas.

Da mesma forma os atributos do Espírito de Deus são diferentes dos atributos do espírito de um homem. O Espírito de Deus é onipresente – o do homem não é. Deus tem a capacidade de enviar o seu Espírito, mas este fato não implica em que Deus fique sem seu próprio Espírito e morra. Há inúmeras diferenças entre o espírito do homem e o Espírito de Deus. Mas há uma semelhança: ambos são espíritos, ambos são *pneuma*. Há inúmeras diferenças entre a asa de um avestruz e a asa de um avião, mas há uma semelhança inegável: ambas são asas, não são bicos, nem patas, são asas. O Espírito de Deus é *pneuma*, não é uma outra pessoa, é o Espírito de Deus, pertence a Deus, é parte integrante de Deus.

As diferenças de ordem funcional (o que um espírito consegue fazer que outro não consegue) não implicam necessariamente numa diferença de caráter ontológico (o que é, de fato, um espírito).

ESTE ASSUNTO LEVA À UNIDADE OU À DIVISÃO?

Questão 13: Você acredita que este assunto é ponto de salvação? Será que ao tentar esclarecer pontos obscuros você não está causando divisão na igreja?

Se há um assunto que é ponto de salvação, este assunto é o conhecimento do único Deus verdadeiro. Jesus, o Filho de Deus, orando ao Pai, indicou o caminho da salvação:

“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” - João 17:3.

A salvação do homem depende do conhecimento que ele tem de Deus. É claro que Deus não leva em conta os tempos de ignorância (Atos 17:30). Deus não nos condena pelo conhecimento que não temos, mas somos condenados pelo conhecimento que rejeitamos receber e aceitar. Rejeitar saber quem é o “único Deus verdadeiro” ao qual Cristo orou é rejeitar a vida eterna que ele nos ofereceu.

Na mesma oração mencionada em João 17, Cristo pede ao Pai que seus discípulos sejam unidos. A unidade dos filhos de Deus só será possível quando eles mantiverem como doutrinas fundamentais aquelas que estão claramente definidas na Palavra de Deus e deixarem de lado as doutrinas que são fruto de especulação e inferências sobre um amontoado de versos que, se analisados com cuidado, mais prejudicam a visão que pretendem defender.

Quando Jesus orou pela unidade da igreja (Ver João 17:19-23), orou também para que esta unidade ocorresse paralelamente à santificação na verdade. Fora da verdade não há unidade pela qual Jesus orou. A unidade de Cristo e em Cristo é a unidade espiritual, não a institucional. A unidade eclesiástica conquistada sacrificando a verdade não é melhor do que a unidade de uma torcida organizada de futebol ou a unidade existente entre um grupo de amigos que se reúnem para passar bons momentos comendo, conversando e satisfazendo uma necessidade social. A verdadeira unidade espiritual só existirá quando o povo de Deus experimentar a santificação na verdade. Fora da verdade não haverá santificação e não haverá a unidade pela qual Cristo orou.

O QUE DEVO FAZER AGORA?

Questão 14: Há muito tempo tenho acalentado uma convicção interior de que existe apenas um Deus verdadeiro, o Pai, e que a doutrina da Trindade é uma invenção humana. A leitura de seu livro fez apenas

com que esta convicção se fortalecesse. No entanto, frequento uma igreja que prega a doutrina da Trindade. O que devo fazer? Devo pedir o meu desligamento da igreja? Devo pregar dentro de minha igreja mostrando aos meus irmãos a verdade sobre Deus e seu Filho Jesus Cristo? Como devo apresentar o assunto?

Em primeiro lugar eu aconselharia que você não tomasse uma atitude precipitada. Muitas pessoas, ao receberem a mensagem do único Deus verdadeiro, se sentem na obrigação de adotar um procedimento imediato: sair da igreja ou iniciar uma divulgação pública desta mensagem para todos os seus irmãos de fé. No entanto adotam tais medidas sem avaliar o tipo de consequência que tais atitudes podem causar.

Se você entende que deve ser um divulgador desta mensagem em sua igreja então não deve se desligar dela imediatamente. Uma pessoa que se desliga da igreja geralmente é considerada como “apóstata” pelos irmãos e perde completamente a influência e autoridade em questões religiosas.

Talvez a maneira mais sábia e prudente de transmitir esta mensagem a outros é através de conversas com as pessoas com as quais você tem um bom relacionamento. Comece com sua família. Tenha bastante paciência. Não inicie contactando muitas pessoas, mas apenas poucas pessoas de confiança. Aqueles que gostam de estudar a Bíblia e que têm um compromisso com a verdade e com a obra de Deus têm uma maior probabilidade de receber com o coração aberto esta mensagem.

Apresente o assunto de forma aberta e amistosa, nunca de forma fechada e arrogante como se você tivesse um conhecimento de Deus completamente acurado, preciso e completo. Apresente-se como um discípulo, não como um mestre. Aproximando-se com humildade e abertura suas chances de ter sucesso na transmissão da mensagem são maiores.

Uma abordagem mais adequada, mostrando abertura, seria mais ou menos assim: “Irmão João, tenho estudado alguns temas interessantes na Palavra de Deus e gostaria de compartilhá-los contigo e saber sua opinião já que o irmão é reconhecido nesta igreja como uma pessoa estudiosa da Palavra de Deus e comprometida com a obra do Senhor. Eu confio bastante em seu discernimento para avaliar o tema e creio que o irmão certamente poderá me auxiliar na formação de minha opinião sobre o assunto. Por isso achei por bem pedir sua ajuda neste sentido.” Dificilmente alguém rejeitaria um convite feito nestes termos.

Um erro muito comum nesta etapa é entrar precocemente em debates teológicos. Os debates nos afastam de nossos interlocutores pois nos

colocam como seus oponentes. Você poderá “ganhar” o debate apresentando os argumentos mais convincentes, mas perderá o seu “oponente”. Se o debate for em público a situação será ainda mais complicada. Se uma pessoa chega a ponto de defender a Trindade num debate público, dificilmente haverá um caminho de volta para ela no curto prazo. Convide os irmãos para estudarem e refletirem de coração aberto, não para debater.

Sempre busque manter o máximo de respeito e amizade com as pessoas com as quais está estudando ou eventualmente debatendo. Pode parecer incrível, mas nossa chance de sucesso não está na nossa capacidade de articulação de idéias e apresentação de argumentos, mas na nossa capacidade de promover a amizade, estimular o estudo e quebrar preconceitos.

Outro erro muito comum nesta etapa é esperar que nosso interlocutor aceite imediatamente nossa mensagem e abandone de pronto a crença na Trindade. Manter tal expectativa revela nosso pequeno conhecimento a respeito da natureza humana. Uma pessoa que acalentou uma doutrina durante vários anos não terá condições emocionais e psicológicas de abandoná-la de uma hora para outra. Mesmo se os argumentos forem irrefutáveis haverá necessidade de tempo para o amadurecimento. É por isso que qualquer tipo de abordagem deve ser cautelosa, aberta e paciente. Muitas vezes as pessoas não precisam de mais argumentos, elas precisam apenas de mais tempo.

As pessoas não aceitarão uma mensagem se não aceitarem primeiramente o mensageiro. Um mensageiro presunçoso, arrogante e do tipo “dono da verdade” tem sua mensagem rejeitada antes mesmo de proferi-la. Se por acaso alguém não aceitar sua mensagem, que isso não ocorra pelo fato de você ter sido rejeitado como mensageiro. O primeiro passo, então, é ser aceito como mensageiro. Isto significa solidificar a amizade e quebrar preconceitos. Se a amizade não foi solidificada e os preconceitos não foram removidos, então este não é o momento para apresentar a mensagem. Talvez uma outra pessoa deverá apresentá-la ou você terá que preparar o território. Se a terra ainda não foi preparada, não é hora de lançar a semente.

Lembre-se de que “não aceitar” é algo bem diferente de “rejeitar”. Uma pessoa pode não aceitar sua mensagem hoje, mas isso não significa que houve uma rejeição completa e definitiva. Ela poderá reavaliar a questão e aceitar a mensagem no futuro. Não encare a “não aceitação” imediata da mensagem como uma derrota pessoal ou como uma rejeição do mensageiro. Deixe as portas abertas para o diálogo, mas procure conduzir a situação de modo que não haja uma rejeição explícita e pública. Tenha sensibilidade para perceber quando uma pessoa necessita de tempo para amadurecimento. Não force

uma decisão precocemente. Saiba quando avançar e quando recuar. Ore sempre pelo seu público alvo. Ame-os também. Mesmo que venham a rejeitar a mensagem de forma definitiva ainda devem ser objetos do nosso amor.

POSSO SER PERSEGUIDO?

Questão 15: Temo ser perseguido, discriminado e até mesmo expulso de minha igreja se compartilhar esta mensagem com os meus irmãos. Isso pode acontecer? Como agir neste caso?

Quando trazemos à tona o verdadeiro conhecimento de Deus o Pai e do Seu Filho Jesus Cristo, as hostes das trevas se levantam contra nós de forma agressiva e intolerante. Jesus já havia alertado sobre isso:

*“Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis. Expulsar-vos-ão das sinagogas; ainda mais, vem a hora em que qualquer que vos matar julgará prestar um serviço a Deus. **E isto vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a mim.**” – João 16:1-3.*

As causas da perseguição estão explicitamente declaradas na parte final deste texto. Quem não conhece devidamente o Pai e Seu Filho Jesus Cristo terá uma propensão maior para perseguir e expulsar aqueles que pregam fundamentados unicamente na Palavra de Deus.

O verdadeiro seguidor de Cristo deve fazer o possível para evitar toda oposição e perseguição desnecessária que atrapalhe a obra de pregação do evangelho. Cristo tentou ao máximo evitar ou, pelo menos, adiar a perseguição. Ele curava e dizia “não diga nada a ninguém”. Ele não queria tumulto, confusão. Não queria chamar a atenção para sua obra. Queria apenas fazer o trabalho de restauração e salvação que seu Pai lhe havia comissionado. Este deve ser o espírito do verdadeiro cristão. No início de seu ministério Cristo procurou não dar publicidade aos seus atos para não apressar a ordem das coisas. Se Jesus não agisse de forma cautelosa e anônima no início de seu ministério uma perseguição precoce seria suscitada contra ele e sua obra correria o risco de fracassar. Ele precisava de tempo e anonimato para estabelecer suas bases, fortalecer sua equipe e sair para a ação. Os métodos que devemos usar para a pregação de nossa mensagem devem ser os mesmos métodos de Cristo.

Diante da perseguição e da discriminação tenha paciência. Quando não se pode atacar a mensagem, ataca-se o mensageiro. Portanto, esteja preparado para ser atacado. Ame os que lhe perseguem e ore por eles. Encare a perseguição como uma consequência natural da pregação da verdade.

QUE IGREJA DEVO FREQUENTAR?

Questão 16: Eu estou sendo discriminado em minha igreja por pregar a verdade sobre o Deus único. Onde devo frequentar? Devo buscar uma igreja não trinitariana? Devo suportar a perseguição e ficar onde estou?

Há muitas pessoas que estão sendo discriminadas em suas igrejas e outras que já foram expulsas por não acreditarem na Trindade e pregarem contra ela. O que fazer nestes casos? Que igreja tais pessoas deveriam frequentar?

A situação ideal seria frequentar uma igreja cujas doutrinas são compatíveis com a nossa fé. No entanto, nem sempre isso é possível. A maioria dos cristãos é trinitariana, por esta razão nem sempre haverá uma igreja não trinitariana em sua cidade.

Os cristãos primitivos transformavam suas casas em igrejas. (Ver Romanos 16:3 e 5; Colossenses 4:15; Filemon 2). Nestas casas o único Deus verdadeiro era louvado e adorado. Hoje este sistema pode funcionar. Você pode realizar cultos semanais em seu lar. Convide parentes, amigos e irmãos de fé para louvar o Senhor em sua casa.

A Igreja Cristã Bíblica Adventista que promove a distribuição deste livro começou suas atividades na residência de um dos nossos irmãos. Na época entre vinte e trinta pessoas frequentavam os cultos. Com o aumento do número de pessoas interessadas, a igreja adquiriu um terreno e construiu um templo com capacidade para um número maior de pessoas. O objetivo da ICBA é expandir por todo o território nacional. Isto aumentará as opções para aqueles que desejam participar dos cultos numa igreja não trinitariana.

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos jubilosos e imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todos o sempre. Amém.” - Judas 25.

Que Deus abençoe a todos ricamente.

Verifique na Internet os Endereços
das Congregações da ICBA:



www.igrejacrista.com/enderecos